

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA**

Elias José Novellino

**PRÁTICAS INTERGERACIONAIS E POLÍTICAS
PÚBLICAS PRÓ-ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA
DE VELHOS: O Caso da Vila Anglo-Brasileira**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

**São Paulo
2018**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

Elias José Novellino

**PRÁTICAS INTERGERACIONAIS E POLÍTICAS
PÚBLICAS PRÓ-ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA
DE VELHOS: O Caso da Vila Anglo-Brasileira**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gerontologia, área de concentração Gerontologia Social, linha de pesquisa Gerontologia: Processo Político-Institucional e Práticas Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Flaminia Manzano Moreira Lodovici.

São Paulo

2018

Elias José Novellino

**PRÁTICAS INTERGERACIONAIS E POLÍTICAS
PÚBLICAS PRÓ-ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA
DE VELHOS: O Caso da Vila Anglo-Brasileira**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cíntia Rejane Möller Araujo (UNIFESP)

Profa. Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira (PUC-SP)

Profa. Dra. Flamínia Manzano Moreira Lodovici
(PUC-SP-Orientadora)

DEDICATÓRIA

Dedico o mestrado a meu filho Angelo Elias, que completou dois anos em dezembro último, a minha mãe Angiola, 92 anos, e a minha mulher, Renata, que entenderam minha ausência em momentos importantes de nossas vidas, para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTO

À FUNDAÇÃO SÃO PAULO / PUC-SP, pela Bolsa de Estudos concedida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Profa. Dra. Flaminia Manzano Moreira Lodovici, que orientou meu Mestrado em Gerontologia, com muito carinho e dedicação, mostrando, com amor e comprometimento, a importância de se mobilizar pela causa dos velhos no Brasil.

Agradeço aos membros da Banca de Qualificação e de Defesa, Profa. Dras. Cíntia Rejane Möller Araujo e Nadia Dumara Ruiz Silveira, pela leitura valiosa que fizeram de minha dissertação e das sugestões que se mostraram imprescindíveis para seu avanço.

Agradeço aos professores do Programa de Gerontologia por exercitarem conosco, em suas aulas, em leituras, em seminários etc., o valor da interdisciplinaridade e de um olhar subjetivo-social, para tratar de questões relativas aos velhos.

Agradeço aos colegas de Curso pela amizade, pelo apoio, e especialmente ao Rafael Arbeche, assistente do Programa, tão estimado por toda a orientação dada a mim e a todos os colegas da Gerontologia.

Agradeço aos velhos que participaram e participam do movimento para melhorar as condições de vida na região em que vivemos, em especial, às Sras. Antonia Lucca Costa, Luiza Maria Vendrametto e, aos que já se foram, os saudosos Sr. Manoel Costa Gabriel Jimenez Lopes e Sra. Ilda Jerônimo Ferreira.

Agradeço aos funcionários da UBS Jardim Vera Cruz: Shirley Tunda Rizzo, Marisa Barboza de Oliveira Gioia, Rosane Pires Coutinho e Tereza Cristina de Carvalho Toledo, que se dedicaram para a criação de um atendimento humanizado para todas as pessoas que procuraram e procuram essa Unidade Básica de Saúde.

Agradeço a meu irmão, Miguel Novellino, companheiro de toda essa caminhada na busca por condições dignas de vida para a população da Vila Anglo-Brasileira e região.

Agradeço a minha mãe, Angiola Nola Novellino que me ensinou, desde criança, a viver em solidariedade, a compartilhar, e não ser preconceituoso na vida. Hoje aos 92 anos, ela continua como voluntária no Bazar da Igreja, participando do Coral na missa aos domingos e às quartas-feiras, vai ao grupo de Velhos da UBS Jardim Vera Cruz. E faz tudo isso com o mesmo carinho e amor que deu para mim e meu irmão.

Agradeço a minha mulher, Renata Soares Novellino, que me ajudou muito na organização e detalhamento do Mestrado com a experiência de quem já fez Mestrado da Universidade de São Paulo. Em muitos momentos ela cuidou sozinha do nosso filho por causa das jornadas intermináveis que eu era obrigado a cumprir fora de casa por causa do trabalho em jornalismo, das aulas no curso de Graduação da PUC-SP e das aulas e trabalhos que fiz para o Mestrado.

Quero agradecer a meu filho, Angelo Elias Soares Novellino, com quem deixei de viver momentos importantes nesses dois anos de vida. Em muitos dias eu saía cedo de casa deixando meu filho dormindo e voltava à noite quando ele já dormia novamente. Só me restava entrar no quarto, dar um beijo nele, cobri-lo com um lençol ou cobertor.

Agradeço a Deus, e com fé peço que assim como Ele me deu energia para fazer o Mestrado aos 64 anos. Que Ele me dê uma vida longa para viver mais intensamente com meu filho, minha família, meus amigos, e continuar a luta por ideais, que acabam não sendo mais meus, mas de todos com quem passamos a compartilhá-los.

(...) Porque se chamavam homens

Também se chamavam sonhos

E sonhos não envelhecem (...)

(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges,
Clube da Esquina 2)*

* Álbum (1978) de Milton Nascimento que reúne o grupo de músicos que ficou conhecido como *Clube da Esquina*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_da_Esquina_2. Acesso em 01 novembro, 2018.

RESUMO

Novellino, Elias José. *Práticas intergeracionais e políticas públicas pró-envelhecimento na perspectiva de velhos: o caso da Vila Anglo-Brasileira* [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

A participação dos velhos em práticas produtivas a si mesmos e às demais gerações vem mostrando como tem tudo para ser bem-sucedida. Esta pesquisa objetiva investigar, à luz da perspectiva teórico-metodológica da Gerontologia, o que significa para os velhos da Vila Anglo-Brasileira participar de práticas populares que ocorrem em ambiente público, e qual sua contribuição para a convivência com o próprio envelhecimento e o de outras pessoas. Foi realizada entrevista com 10 pessoas idosas, por meio de questionário sociodemográfico e questões fechadas e abertas, a fim de traçar o perfil dos sujeitos-participantes e retratar a realidade de suas vidas cotidianas. O registro acadêmico-científico do caso da Vila Anglo-Brasileira tem a sua importância ao mostrar o protagonismo dos velhos, em termos sociopolíticos ao se mobilizarem, exercerem seus direitos e deveres, atuando como agentes sociais junto aos demais moradores, sensibilizando-os a que se engajassem na luta por melhorias no bairro. Esquecido pelo poder público no começo dos anos 80, o bairro fica na Zona Oeste de São Paulo e tem casas de classe média e outras muito pobres. Um movimento popular foi criado para exigir da Prefeitura e do Governo do Estado direitos aos cidadãos e foram conquistados: um Escadão (1982); a UBS, em uma casa alugada, inaugurada em 1983; a Creche e o CCA em 1985 e o EJA em 2009. A conquista do prédio próprio da UBS demorou 23 anos, ocorrendo em 2003 e tem Grupos Educativos e Terapêuticos que funcionam sob a coordenação e/ou auxílio de velhos. O resultado das entrevistas foi analisado a partir da abordagem socioeducacional de Paulo Freire, dentre outros teóricos da Gerontologia em interface a outras áreas do conhecimento, que acreditam em ações sociais e as validam, assim como a seus agentes transformadores, dentre outros, os clássicos Debert, Mucida, Messy, Agamben, e sob a perspectiva da Política de Envelhecimento Ativo. O resultado das entrevistas mostra que é preconceituosa a percepção de que, na velhice, as pessoas não são produtivas e felizes, destaca como a população organizada melhora as condições de vida das pessoas em todos os sentidos; estas experiências intergeracionais podem contribuir para o campo da pesquisa e das práticas na área do envelhecimento, sendo vistas como uma boa via para as Políticas Sociais e Públicas em favor de um envelhecimento saudável, ativo.

Palavras-chave: Velhos; Práticas intergeracionais; Vila Anglo-Brasileira; Políticas Públicas e Sociais.

ABSTRACT

Novellino, Elias José. Intergenerational practices and pro-aging public policies from the perspective of the elderly: the case of the Anglo-Brazilian Village. [dissertation]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, 2018

The participation of old people in productive practices for themselves and for the other generations has shown how they have everything to be successful. This research aims to investigate, in the light of the theoretical-methodological perspective of Gerontology, which means for the old people of the Anglo-Brazilian Village popular practices that take place in a public environment, and what their contribution to the coexistence with the aging itself and that of other people. An interview was conducted with 10 elderly people, through a sociodemographic questionnaire and closed and open questions, in order to trace the profile of the subjects and to portray the reality of their daily lives. The academic record of the case of the Anglo-Brazilian Village has its importance in showing the protagonism of the old people in socio-political terms to mobilize, exercise their rights and duties, acting as social agents with other residents, sensitizing them to engage in fight for improvements in the neighborhood. Forgotten by the public power in the early 80's, the neighborhood is in the West Zone of São Paulo and has houses of middle class and other very poor. A popular movement was created to request from the Municipal and State government rights to the citizens and were won: public stairs (1982); basic health Unit, inaugurated in 1983; the child day care and the center of the child and adolescent in 1985 and the youth and adult education in 2009. The conquest of UBS's own building took 23 years, occurring in 2003 and has Educational and Therapeutic Groups that work under the coordination and / or help of the Elderly. The results of the interviews were analyzed based on Paulo Freire's socio-educational approach, among other Gerontology theorists and other areas, who believe in social actions and validate them as well as to its transforming agents, among others, the classic Debert, Mucida, Messy, Agamben, and from the perspective of the Active Aging Policy. The results of the interviews show that the perception that in the old age people are not productive and happy, emphasizes how the organized population improves the living conditions of the people in every way; these intergenerational experiences can contribute to the field of research and practices in the field of aging and are seen as a good way for Social and Public Policies in favor of healthy, active aging.

Keywords: Old men; Intergenerational practices; Anglo-Brazilian Village; Public and Social Policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vila Anglo quer melhorias.....	64
Figura 2 -	A Prefeitura se esqueceu da Vila Anglo-Brasileira	66
Figura 3 -	Inaugurado novo posto de saúde na Vila Anglo-Brasileira	70
Figura 4 -	Vamos inaugurar o posto de saúde	71
Figura 5 -	Mudança em posto	75
Figura 6 -	Moradores da Vila Anglo-Brasileira conquistam sede própria para posto de Saúde	76
Figura 7 -	Após 23 anos de luta, Vila Anglo-Brasileira terá posto de saúde em definitivo	77
Figura 8 -	Hino do Grupo Caravelas	83
Figura 9 -	Uma creche para a Vila Anglo.	87
Figura 10 -	Creche na Vila Anglo depende só do prefeito.....	88
Figura 11 -	Vila Anglo quer creche para suas crianças.....	89
Figura 12 -	A Vila Anglo vai a Mário Covas pedir melhorias	90
Figura 13 -	Enfim, uma creche para nossas crianças	91
Figura 14 -	Esta creche, uma vitória da região	92
Figura 15 -	Poesia “Nossa água, nossa vida, de Irma de Jesus Silveira	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Problematização / Questões de Pesquisa / Hipóteses.....	18
1.2 Objetivos	21
1.3 Justificativa.....	22
1.4 Metodologia	33
2 REVISÃO DA LITERATURA / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
3 RELAÇÕES MUITO PARTICULARES NA VILA ANGLO-BRASILEIRA	47
3.1 Visão Geral do Movimento da Vila Anglo-Brasileira	47
3.2 Os Velhos no Movimento da Vila Anglo-Brasileira	56
3.3 As relações intergeracionais	59
3.4 As relações dentro do movimento dos moradores da Vila Anglo- Brasileira	60
3.5 As relações humanas durante as conquistas do Movimento Popular da Vila Anglo-Brasileira.....	66
3.6 A inauguração do prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II	74
3.7 Os Grupos de Acolhimento na UBS Jardim Vera Cruz II	79
3.8 As relações dentro dos Grupos de velhos e outros da UBS	80
3.9 As relações dentro do “Grupo Terapia Comunitária”	84
3.10 As relações dentro do Grupo “Começar de Novo” e outras relações de integração de moradores e profissionais da saúde.....	85
3.11 As conquistas na área da Educação	86
3.12 Cidadania e Organização e o Manual	97
3.13 Análise do Movimento	101

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
6.REFERÊNCIAS	126
7.ANEXOS.....	129
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	129
ANEXO B –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ...	132
ANEXO C–TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ	134
ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIAO DA CEP PUC-SP	135
ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DAS 10 ENTREVISTAS.....	140

1 INTRODUÇÃO

A constante presença de um segmento populacional com mais idade observada nas ruas, nos estabelecimentos bancários, nos supermercados, nos equipamentos geriátricos das praças, em academias de ginástica, em clubes, e muitos outros lugares públicos, faz com que a imagem de nosso país deixe de ser aquela tão valorizada como a de ter população jovem. O resultado das projeções calculadas pelo IBGE (2016) mostra que o número de pessoas com 60 anos ou mais de idade passará de 19,6 milhões para 66,6 milhões, entre 2010 e 2050, o que representa um aumento de 239,0%; por outro lado, o grupo de 0 a 14 anos de idade se reduzirá de 49,9 milhões para 31,8 milhões, configurando um decréscimo de 36,2%.

Caminhamos, hoje, para um país de cabelos brancos (prevendo-se em 2030, 18,6%; e, em 2050, 29,4% de velhos),² mas com boa parte dessas pessoas cada vez mais ativas, especialmente os pertencentes à chamada terceira idade — pessoas de 60 a 75 anos; não deixando, porém, de considerar outras ainda muito resistentes da chamada quarta idade, dos 75 aos 90 anos (LALIVE D'EPINAY, & CAVALLI, 2013). É preciso que se considere que envelhecer não deixa de ser um desafio pessoal a cada pessoa, desejosa de manter sua força física e mental, sua identidade, sua dignidade de envelhecer com bem-estar, qualidade de vida.

Os dados demográficos vêm dando visibilidade à velhice, assim como à experiência cotidiana de convivência com os mais velhos, seja na família, no trabalho, velhos cada vez mais numerosos no círculo da vida privada como também no espaço público. Inclusive nas práticas esportivas e de lazer, cujo objetivo nada mais é que movimentar as pessoas, muitas vezes levando-as ao condicionamento à prática regular de atividades físicas, estas voltadas ao bem-estar físico e psíquico.

À luz desse cenário, verifica-se que pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e atuação vêm contribuindo para aprofundar os conhecimentos e as

² Dados demográficos recuperados em 25 novembro de 2018, de: IBGE, Estudos e análises. Informação demográfica e socioeconômica, 2016.

reflexões em favor da população mais velha, a qual se apresenta de forma heterogênea e diversificada.

Debert (1998) é uma das teóricas que tentou caracterizar o perfil desse novo segmento populacional que envelhece na ativa, a partir de sua afirmação de que a chamada terceira idade nada mais é que invenção recente das sociedades ocidentais contemporâneas, o que implica a criação de uma nova etapa na vida interposta entre a idade adulta e a velhice, em um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados. E a autora complementa:

Assim, as categorias de idade são construções históricas e sociais, o que não quer dizer que elas não tenham bases biológicas e efetividade. De qualquer modo, a categoria 'terceira idade' implica uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos (DEBERT, 1998, p. 53).

Dessa forma, denominações outras para pessoas mais velhas, porém ainda muito ativas – “terceira idade”, “melhor idade”, “novos velhos” -, apresentam-se como signos de um período de vida que deixou de ser, antes que recolhimento, agora um período continuado de atividades, lazer, realização pessoal; enfim, um período de aprendizagem permanente (PEIXOTO, 1995; DEBERT, 1998; TEIXEIRA, 2007).

No presente estudo, a opção pelo termo “velhos” se deve a assumirmos o que diz Jack Messy (1999, pp. 44-45) a esse respeito:

Assim sendo, prefiro usar o termo original “velhos”, pois relembra que todos somos sempre o velho de alguém e que o velho é o outro. Isto dá ênfase à nossa atitude diante de nosso envelhecimento. Não existe um discurso da “pessoa idosa” que simultaneamente a personifique, como não existe um comportamento, uma atitude psicológica específica desta categoria social. Não há mais do que uma ideia resultante de confusão e frequentemente de desprezo”.

Os velhos, pessoas muito ativas na atualidade, prometem chegar às décadas avançadas da velhice, ou seja, como octogenários, nonagenários, quiçá centenários, com uma saúde mental e física mais estável, em função especialmente de, na sua

maior parte, se ocuparem muito no seu dia a dia, de se envolverem em práticas cotidianas saudáveis, ainda que seja apenas após a aposentadoria. Falando sobre esse novo tempo pós-aposentadoria, afirma Tavares (2014):

Quando cessa o tempo do trabalho, o tempo e o ritmo da vida se alteram. As horas do despertar e do deitar, das refeições, dos cuidados corporais, e dos encontros familiares e de amizade, se enquadram em um novo padrão de exigências e se reconfiguram. É nessa fase da vida que o idoso pode elaborar e/ou reelaborar uma imagem de si fora dos contornos que a vida da produtividade formal lhe forneceu (...). Isso significa que o envelhecimento também pode ser entendido como a consciência de uma nova estética e de reelaborações de identidades (...). Nesse contexto, não parecem ser menores nesta fase da vida o desejo de sociabilidade, de convívio ou de realização pessoal (TAVARES, 2014, pp. 272-273).

Um envelhecimento para ser ativo ou saudável envolve comportamentos de saúde (alimentação o mais possível equilibrada, atividade física, ter bom sono, evitar excessos - fumo, álcool, e outras drogas); muita atividade, produtividade e participação social, além da prevenção e controle de doenças, assim como exercitar a memória e o raciocínio; enfim, ter objetivos e metas bem-estabelecidas (PATROCÍNIO, 2015).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) aponta os três pilares de um envelhecimento ativo que são: Saúde, Participação social e Proteção social e, mais recentemente (OMS, 2010), foi agregado um quarto eixo, o da educação continuada ou a aprendizagem permanente.

A seguir, discutimos alguns aspectos problematizadores relativos ao tema, assim como incluímos as Questões norteadoras da pesquisa e nossas Hipóteses.

1.1 Problematização / Questões de Pesquisa / Hipóteses

A velhice pode ser vista como um período de vivências prazerosas, mas para aqueles que souberem prepará-la desde a juventude, a idade adulta, a meia-idade; ou àqueles que, nos períodos mais produtivos da vida, tiveram a possibilidade de construir uma estrutura um pouco mais sólida, especialmente econômica, no sentido de garantir uma situação melhor na velhice, para a realização daquilo que antes seria impossível.

Assim é que, no período pós-aposentadoria, torna-se possível voltar aos estudos (Universidades Abertas à Terceira Idade, cursos de MBA ou mestrado, empreender viagens de turismo no país ou exterior), ou dedicar-se ao cuidado com crianças ou outros velhos, bem como a práticas de atividades físicas/lazer, práticas de voluntariado etc.

Constituem as pessoas da chamada terceira idade, ou de idosos mais jovens, um segmento populacional privilegiado que, na faixa etária dos 60 aos 75 anos, é visto pelo mercado como um grupo potencial de consumo e, como esperado, que tende a crescer. De forma similar, os chamados idosos da quarta idade, que é quando incide mais a fragilidade corporal, a partir dos 75 anos, se de classes sociais mais altas, têm necessidades e exigências que se equivalem ou superam às daqueles de outras gerações. Entretanto, pessoas idosas de classes sociais de baixa renda podem ser, muitas vezes, a principal fonte financeira de uma família, e acabam, ficando, grande parte delas, em situação complicada, muito aquém dos acima citados de terceira idade, e que clamam por um olhar da sociedade, do Estado, dos estudos acadêmico-científicos mais dirigido a eles.

Seja visando a uma melhoria da saúde, da vida ativa, ou da ocupação do tempo disponível, observam-se, nos últimos tempos, o desenvolvimento e a oferta de práticas, dentre outras, as corporais, orientadas para os mais velhos. No passado, reservadas que eram sobretudo para a juventude, tais práticas, como as esportivas, estendem-se cada vez mais a todas as idades da vida, tanto entre mulheres como homens, por meio da oferta de um conjunto, cada vez mais variado,

de atividades físicas, igualmente situadas em espaços públicos, como centros de atendimentos aos velhos e praças e parques mais ou menos equipados, ou diferentes espaços privados como clubes e academias.

Entretanto, a fim de ocupar o tempo disponível pós-aposentadoria, o segmento menos favorecido da sociedade tem algumas vias para se encaminhar: ou busca retornar à produtividade informal (dado que a formal não lhes é favorável), via de regra a fim de complementar a renda familiar; ou recorre aos locais públicos de lazer, onde podem ser encontrados programas para a terceira idade (MORI; SILVA, 2010; NERI, 2011); ou recorre a práticas inventivas de convivência intergeracional, comunitárias, como as que são, neste trabalho relatadas, e que ocorrem na Vila Anglo-Brasileira.

De fato, no período pós-aposentadoria, as atividades físicas e de lazer tornam-se um modo de resistência ao envelhecimento, tendo ao mesmo tempo um caráter mais lúdico, mais existencial (DUMAZEDIER, 1994; TAVARES, 2014). Mudam, de fato, a arte de viver de um crescente número de velhos, produzindo-se novas práticas, novos saberes no sentido de um novo saber-ser ou saber-viver com qualidade.

Mas, ao mesmo tempo, é possível que os velhos se engajem em movimentos numa direção sociopolítica em favor da cidadania, de garantias sociais, de participação social, de busca de direitos para si mesmos e para as demais pessoas, chegando, assim, a uma real participação social.

Nessa direção, formulam-se as seguintes Questões de Pesquisa: De que forma as experiências populares e conjuntas dos moradores de um bairro podem carrear dispositivos sociais imprescindíveis àquela população? Como é possível que tais experiências que possam garantir aos velhos, e demais moradores, uma melhor qualidade de vida tornem-se subsídios para uma política pública a ser aplicada em outros bairros de uma cidade, ou de outros estados brasileiros?

É nossa hipótese ser importante que, por meio de ações assumidas pelos próprios velhos, moradores de um determinado bairro, se faça com que a sociedade desperte para as necessidades da velhice em nosso país, lutando por melhoria das

condições de vida cotidiana, inclusive para uma convivência serena com as demais gerações.

Nos últimos anos, felizmente tem crescido a expectativa de vida dos brasileiros, ou seja, com o ganho de um maior número de anos; mas a alegria de saber desse acréscimo de tempo de vida precisa ser acompanhada da implementação de políticas públicas que lhes possa garantir qualidade de vida, a dignidade merecida; a essa parte da população que continua, em sua maior parte, desassistida pelo Estado.

Pretende-se mostrar, neste estudo, como a vida continua depois do período em que nos devotamos ao trabalho, trabalhamos e que, mesmo depois de aposentada ou afastada por dependência, uma pessoa precisa continuar exercendo plenamente sua cidadania, com direito a uma vida feliz.

Cremos que todos os segmentos da sociedade precisam se dar conta de que estamos todos sempre envelhecendo; que fazemos parte de um processo vivencial que conduz, para além da terceira idade, à velhice avançada, e que é preciso nos preparar para os anos a mais que estamos ganhando, e da mesma forma amparar os que estão velhos. Em suma, contribuir para que as pessoas idosas, especialmente as menos favorecidas, deixem de sentir os efeitos de uma velhice desamparada ou solitária e possam, ao terem preservadas sua dignidade, sua subjetividade, sua força de ser, possam ter uma vida com mais qualidade, tributariamente a uma melhoria das relações intergeracionais na sociedade. Que a velhice possa se conduzir de forma humanamente adequada, feliz, desde que as pessoas recebam o tratamento adequado por parte da família, da sociedade, das instituições de saúde, do Estado, enfim. Mas, que para que se tenham essas conquistas, é preciso muita persistência, obstinação até, na luta que se deve levar a cabo pelos direitos de cada um na família, na sociedade.

Assim é que se pretende, neste trabalho, recuperar os relatos de uma experiência coletiva, para que estas não se percam, sobre o trabalho de tantas pessoas engajadas em uma causa comum – o bem-estar cotidiano em um bairro da capital paulistana.

A seguir, explicitamos os objetivos que nos impulsionam para a escrita deste trabalho de dissertação.

1.2 Objetivos

Geral

Investigar, à luz da perspectiva teórico-metodológica da Gerontologia, em seu tratamento qualitativo e interdisciplinar das questões, e enfoque subjetivo-social, o que significa para os velhos da Vila Anglo-Brasileira participar de práticas populares que ocorrem em ambiente público, e qual sua contribuição para a convivência com o próprio envelhecimento e o de outras pessoas;

Específicos

(i) Traçar o perfil dos sujeitos-participantes da pesquisa, por meio da aplicação de questionário sociodemográfico, a partir de variáveis como: faixa etária, gênero, estado civil, escolaridade, local da residência, a fim de situar o perfil e a condição atual de vida do entrevistado;

(ii) Atestar, por meio da interpretação de algumas questões abertas, qual é a realidade da vida cotidiana desses velhos, muitos deles aposentados; recuperar, assim, o que acontece com eles no seu dia a dia: como se sentem após os sessenta anos, aposentados ou não; o que fazem para ocupar seu tempo disponível, livre.

(iii) Levantar os passos dados pelos moradores em termos sociopolíticos para se mobilizarem, exercerem seus direitos e deveres; de que modo as estratégias pensadas podem se concretizar em novas ações para a formação política de moradores, a fim de eles assumirem um papel importante em uma comunidade: o de agentes sociais junto aos demais moradores, sensibilizando-os a que se engajem na luta por melhorias no bairro;

(iv) Destacar o protagonismo dos velhos, no movimento aqui descrito, como prova concreta de que é preconceituosa a visão de que, quando as pessoas chegam

à velhice, não são mais capazes de lutar por transformações na sociedade em que vivem e serem felizes.

(v) Possibilitar que os subsídios desta pesquisa acerca de ações imprescindíveis voltadas a uma educação sobre o envelhecimento possam ser conhecidas, registradas, e desdobradas para outros bairros da cidade.

1.3 Justificativa

o narrador (...) pode recorrer ao acervo de toda a uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov, como em Hauff, em Poe, como em Stevenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.

(BENJAMIN, 1994, p. 221).

Inspirada e licenciada por Benjamin nesse fragmento em epígrafe, é que esta pesquisa de mestrado pretende narrar, trazer à luz a experiência de alguns velhos moradores de um bairro em favor de carrear benefícios de saúde, educação, cultura, a toda uma população.

A meta é sugerir e fornecer subsídios, no caso das Unidades Básicas de Saúde, à criação de grupos de promoção à saúde, como vêm sendo levados a efeito na Vila Anglo-Brasileira, a fim de que um atendimento mais humanizado à população, seja quanto à saúde, à educação, seja quanto à cultura etc., se torne uma Política Pública e Social para a cidade de São Paulo. Experiência que claramente mostra que é possível aprimorar o atendimento que é dado hoje à população, especialmente aos velhos, na rede pública, oferecendo-se atenção especial a eles, no sentido não apenas de escuta quanto a queixas de doenças que os afetam, mas também para evitar a solidão, o isolamento e o Idadismo/Ageísmo (SOUZA; LODOVICI; SILVEIRA; ARANTES (2014), que ainda sofrem na sociedade, muitas vezes nas próprias famílias.

Nessa direção, é exemplar a criação dos grupos de Saúde na UBS Jardim Vera Cruz II, da Vila Anglo-Brasileira, um empreendimento que foi desenvolvido numa ação conjunta entre moradores e os próprios funcionários da saúde, mostrando que é possível buscar soluções a partir de experiências práticas da própria população. Ações em outras áreas, como na Educação, quanto à conquista de equipamentos necessários para a vida do bairro, também foram empreendidas e mais adiante descritas.

Considerarmos que a temática desta pesquisa de mestrado se justifica para que a narrativa desse trabalho desenvolvido na Vila Anglo-Brasileira possa mostrar os efeitos das ações de seus moradores, com destaque para o protagonismo dos velhos; e, ao mesmo tempo, seja feito o registro acadêmico a partir das elaborações teóricas aqui realizadas, servindo de incentivo para novas propostas a serem implementadas em bairros da capital paulistana ou de outras cidades.

Não sem razão Serafim Fortes Paz (2004, p. 230) é autor que refere a presença marcante do envelhecimento, da velhice, nas últimas décadas, “(...) em todo o mundo, [e o quanto isso] tem sido relevante nas pautas de debates sociais, políticos, econômicos, culturais, na saúde, e em outras áreas que atuam com idosos”.

A despeito disso, pessoalmente, considero que os velhos continuam ainda esquecidos, por enquanto quase invisíveis em nosso país, sem a suficiente, e tão necessária implementação de leis que possam permitir uma velhice digna e feliz para os brasileiros. Especialmente os velhos mais carentes que, abandonados à própria sorte, sofrem por viverem sozinhos, ou nas casas de familiares que, indo trabalhar fora, os mantêm em completa solidão durante todo o dia ou os deixam em abrigos, verdadeiros depósitos de velhos nas periferias da cidade.

Meu interesse pelas questões do velho no Brasil surgiu em 1979, em uma conversa com meu tio Rafael Novellino que, depois de trabalhar desde criança, aposentou-se aos 78 anos e me dizia não entender os vizinhos e moradores do bairro quando lhe perguntavam: “- Por que você não volta a trabalhar?”. Ele alegava que se cansara do cotidiano de trabalho, mas essa insistência de muitos recomendando a ele que voltasse à ativa o incomodava demais. Não pudemos,

infelizmente, conversar outras vezes, ou mesmo estarmos mais juntos, por ele ter falecido naquele mesmo ano.

Mas essa aproximação com o tio Rafael me sensibilizou a ponto de o envelhecimento, ou mais propriamente a velhice, tornar-se uma preocupação na minha vida. Assim, passei a observar, no bairro em que moro, a Vila Anglo-Brasileira, os velhos sentados em praças, jogando conversa fora, ou fazendo seus joguinhos de xadrez ou baralho. E passei a me interrogar: — Será que esses velhos da praça experimentam sensação similar à de meu tio, do dever cumprido no trabalho, ou se sentem, tanto quanto a maior parte de outros velhos, segregados pelos colegas de trabalho, amigos e famílias, por não mais produzirem os tais bens valorizados pela sociedade? Será que eles já se deram conta da impossibilidade de se reinserirem regularmente no mercado, como é o sentimento de muitos outros?

Essas perguntas evocam-me o que afirma Ângela Mucida (2004, p. 17), “Enfim, as maneiras como cada um conduz o real, tudo isso não deixa dúvida: cada um envelhece de seu próprio modo”. Ou seja, cada velho, segundo a autora, tem seu próprio jeito de realizar o trabalho de luto quanto às perdas, ou o de ganho pelas aquisições na velhice, conforme também dizia Messy (1999, p. 18), “(...) o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições(...)”.

Falando em aquisições, ainda segundo Messy (1999, p. 18), “Não há dúvida de que são os investimentos feitos em entes queridos, ou de modo geral em objetos (...)”, ou elas podem ser verificadas na relação com os outros semelhantes. Lutar por uma causa comum, acreditamos, pode ser considerado uma aquisição em qualquer momento da vida de um ser humano.

E quanto a nossa posição diante de um velho que luta por uma causa comum, nos evoca o que diz Morin, de forma geral, mas muito lúcida (2012, p. 51): “A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e alegrias (...)”. A reflexão feita neste trabalho leva-nos a acreditar que é a partir da compreensão humana que se pode lutar contra a exclusão das pessoas de uma vida de bem-estar e felicidade.

Tais observações diante da realidade familiar e dos velhos da praças é que me fizeram voltar o olhar para todo o contexto do bairro, cada vez mais convencido da necessidade de uma forte atuação social; então, tentei de algum modo um engajamento político, meu e dos moradores, no sentido de, após compreendermos a situação de todos os seus sofrimentos, necessidades, nos empenharmos em trazer conquistas e reivindicações feitas ao setor público, no sentido de uma vida melhor nessa comunidade – o que irei relatar mais adiante neste trabalho.

Sinto que tudo isso se deve, na verdade, à proximidade que sempre tive com os velhos de nossa família – uma de minhas características. Também foi decisivo para que eu escolhesse a Gerontologia e vivenciasse, de forma mais intensa ainda, a realidade de hoje ao cuidar de minha mãe, Angiola Nola Novellino, já nos seus avançados 92 anos: as dúvidas sobre como cuidar melhor da minha mãe, entender o que pode ser feito para que ela viva a velhice em toda a plenitude e tenha nosso amor e a assistência adequada para viver esse período da vida com o carinho e respeito que todos os velhos merecem.

Nascido em 1954, perdi meu pai muito cedo, aos seis anos e meu avô aos sete anos, mas vivendo, para nossa felicidade, em duas casas geminadas, junto a minha mãe, avó, irmão, tia, tio e primos, tive uma infância com o suficiente para viver: casa, comida, e muito carinho por parte dos familiares.

Até os dez anos eu só estudava, brincava, ajudava minha mãe em casa dentro das possibilidades de uma criança. A partir dos dez anos, passei a trabalhar em várias atividades em padarias, farmácias, para ganhar algum dinheiro e ajudar no sustento da casa.

Aos catorze anos, comecei a trabalhar, registrado regularmente, numa metalúrgica e, depois de seis meses, consegui um emprego como *office boy* no jornal O Estado de S. Paulo. Trabalhei nesse jornal de 1968 a 1972, o que me foi marcante na vida, pois foi de lá que surgiu o interesse em me tornar jornalista. Vivi, naqueles quatro anos, momentos muito importantes para o início de minha formação como cidadão com consciência política.

Passei a ler jornais diariamente e ouvir nas ruas informações sobre as manifestações dos estudantes brasileiros em 1968; vivi a decretação do AI-5 no

jornal, embora não entendesse direito porque os jornais nesse dia não circulavam; eu só via um ambiente de tensão, e os carros, que entregavam os jornais, parados, sem sair da garagem.

Naquele período, quando foram feitos os primeiros sequestros pelos guerrilheiros brasileiros; uma das condições para libertar os sequestrados era a divulgação de um documento desses guerrilheiros nos jornais do país. Eu lia o texto escrito pelos Movimentos Revolucionários e concordava com suas afirmações sobre desigualdade, miséria no Brasil e também achava que essa situação precisaria mudar.

Com a implantação da censura à imprensa, ficavam expostos, num mural na redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, os trechos das reportagens, que haviam sido censurados. Eu chegava mais cedo para o trabalho e ia com muita curiosidade ler o que não havia sido publicado.

Não me esqueço de que fiquei muito impressionado com a execução de Carlos Marighella em 1969, que até guardei em casa o Estadão com essa reportagem. Em 2009 doe, dos meus guardados, tal documento para a criação de um museu em homenagem a esse bravo brasileiro.

Deixei o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1972 para trabalhar em outros lugares e, em 1974, entrei na Faculdade de Jornalismo para realizar meu sonho de adolescente. Em 1975, no segundo ano da faculdade, morreu Vladimir Herzog e, nesse dia, fui para o Sindicato dos Jornalistas para tentar entender o que havia acontecido. A indignação e a revolta eram muito grandes; a sociedade e a imprensa finalmente tiveram que reconhecer que os militares torturavam e matavam seus opositores.

Era impossível não agir diante de mais uma barbaridade como aquela; estive, então, presente no Ato Ecumênico convocado por Dom Paulo Evaristo Arns, com a presença do pastor, James Wright, e do rabino Henry Sobel, na Catedral da Sé. Eram cerca de oito mil pessoas na missa, com milhares do lado de fora da Catedral, num ato que era claramente um protesto contra a ditadura civil militar iniciada no país em 1964. Não me esqueço até hoje das palavras de Dom Paulo Evaristo Arns no fim do Ato Ecumênico: “– Saiam da Igreja em pequenos grupos e não aceitem

provocações”. Depois, ficamos sabendo que os golpistas de 1964 haviam ameaçado atirar em quem fosse ao Ato Ecumênico, mas Dom Paulo Evaristo Arns, com muita coragem, não desistiu de realizar o Ato que protestava contra a tortura e execução de opositores no Brasil.

Essa dura realidade, e o contato no Movimento Estudantil com ideais socialistas, iam aumentando minha consciência política e a vontade de participar da luta dos brasileiros em favor da volta da democracia, da liberdade de ideias e ações.

A partir de 1977, participei do renascimento do Movimento Estudantil no Brasil. Os estudantes tomaram as ruas e eram reprimidos por exigir democracia, eleições diretas. Estive presente no primeiro grande protesto dos Estudantes em São Paulo em 1977, quando marchamos do Largo São Francisco até o fim do Viaduto do Chá, quando a manifestação foi impedida de seguir pela Polícia Militar. Milhares de estudantes sentaram-se no chão no Viaduto do Chá e leram em voz alta um documento que exigia a volta da democracia, o fim das prisões e torturas.

A partir de 1978, me sindicalizei, passando a fazer parte das mobilizações de categoria profissional dos jornalistas, e continuando a lutar pela volta da democracia e pela Anistia aos presos políticos da ditadura civil militar.

Senti na pele, em 1979, o que é a democracia nos meios de comunicação, quando fui demitido com dezenas de jornalistas por participar de uma greve da categoria por melhores salários.

Participei das manifestações contra o assassinato do operário, Santo Dias da Silva, por um policial na porta de uma fábrica em São Paulo. Esse foi mais um grande protesto contra os golpistas de 1964. O movimento saiu da Rua da Consolação em direção à Catedral da Sé, onde Dom Paulo Evaristo Arns rezou uma missa em homenagem ao operário assassinado por lutar por seus direitos.

O contato com as ideias da Teologia da Libertação ajudou muito a fortalecer minha consciência política. Eu admirava padres, bispos e leigos que lutavam contra a ditadura e, mesmo correndo risco de vida, defendiam a democracia, os operários, índios e camponeses.

O exemplo dos brasileiros jovens e velhos, que lutaram contra a ditadura e morreram em combates da guerrilha, ou torturados, também era muito forte. Eles deram a vida por seus ideais e nós, que estávamos vivos, não poderíamos nos omitir nessa luta.

De 1977 em diante, os metalúrgicos de São Bernardo do Campo, SP, despontaram como a maior força de mobilização no país na luta contra a ditadura. As greves dos metalúrgicos do ABC Paulista escancaravam o arrocho salarial, com os trabalhadores das maiores montadoras do país. As greves eram proibidas, mas operários pararam, durante anos seguidos, lutando, por seus direitos.

A repressão policial, com bombas e cassetetes, aos atos públicos dos metalúrgicos era grande; o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo sofreu várias intervenções com seus dirigentes sendo presos, entre eles, Luis Inacio da Silva, o Lula. Participei de vários atos em apoio aos metalúrgicos na Igreja da Matriz, no Paço Municipal, e no Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo do Campo.

Como jornalista, passei a viver, nas redações, a realidade da censura à imprensa imposta pela ditadura: ligações para as redações com um recado simples: “– A partir deste momento está proibido divulgar informações sobre esse assunto”.

A partir de 1980, me filiei ao Partido dos Trabalhadores e, com a criação de núcleos de bairro, decidi, com outros companheiros da região em que moro, tentar organizar os moradores da Vila Anglo-Brasileira para lutarem por melhores condições de vida.

Eu continuava participando das mobilizações da sociedade para pôr fim à ditadura, como a campanha das Diretas, da vida sindical, mas passei a me dedicar também a organizar movimentos reivindicatórios dos moradores do bairro em que vivia. Procurávamos escolas do bairro, a Igreja Católica, para pedir apoio; rodávamos filipetas no núcleo do Partido dos Trabalhadores (PT) em Perdizes, para divulgar assembleias e mobilizações do bairro. Caravanas até as Secretarias do Município ou do Estado, Prefeitura e contatos com o Governo do Estado foram feitos para expor nossas solicitações.

Com muita organização e mobilização, conquistamos, depois de alguns anos de luta, para a Vila Anglo-Brasileira e região, o que nos era de mais urgência, a fim de facilitar a vida cotidiana de seus moradores: uma Unidade Básica de Saúde (UBS), uma Creche, um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), um MOVA-Alfabetização para Adultos e um Escadão público que une a Vila Anglo-Brasileira a importantes avenidas da região.

Desde 1985 quando conquistamos o CCA, dei aulas no período da manhã como voluntário para as crianças. A partir de 2009, voltava à noite do trabalho e dava aulas no MOVA para jovens, adultos e velhos que, com muito esforço, depois de um dia inteiro de trabalho, tentavam superar o não-letramento.

Entretanto, ao mesmo tempo em que me dedicava a essa luta por melhorias no bairro em que morava, continuei participando das lutas mais gerais de nosso país, como os protestos sobre a violência contra as mulheres, o racismo, a violência policial, e de todas as campanhas eleitorais desde o fim do período da ditadura em 1985.

A partir de 1990, fui admitido na PUC-SP como professor do curso de Jornalismo, onde continuo atuando até hoje, mas sempre com objetivos bem definidos: mostrar a realidade da maioria dos brasileiros a importância da defesa dos Direitos Humanos no país e mostrar para os alunos que somente nossas práticas jornalísticas feitas de forma crítica, independente, faz da nossa profissão algo relevante para a sociedade. No cotidiano em classe, além da prática profissional, procuro discutir e transformar, em material reflexivo-crítico, os textos e reportagens relevantes ao conhecimento dos estudantes, as questões brasileiras mais importantes, dando destaque a matérias sobre os Direitos Humanos e a participação da sociedade e dos movimentos sociais na vida do país. Dessa forma, pretendo que os alunos se sensibilizem e pensem, de modo crítico e ético, a realidade em que vivemos, e possam fazer suas escolhas, relativamente à profissão, ou à vida política do Brasil.

Para mim, é importante que jornalistas se formem conhecendo a realidade brasileira, e levando para sua vida profissional a disposição de trabalhar temas que afetem a maioria dos brasileiros. Assim, através da função social do jornalista,

colaborar com reflexões críticas para melhorar as condições de vida de milhões de pessoas que vivem excluídas das mínimas condições de vida, num dos países de maior desigualdade social do mundo.

O jornalismo sem compromisso social de combater a miséria, a injustiça no Brasil e os privilégios de uma elite que vive com padrões de vida do primeiro mundo à custa da miséria de milhões de brasileiros não é jornalismo; é uma forma de enganar a população através de programas sensacionalistas de TV, telejornais, reportagens em jornais, revistas, sites de notícias e rádios que manipulam informações para lucro dos proprietários dos meios de comunicação e manutenção do nosso país, situado entre os países com as maiores desigualdades sociais no mundo.

Particpei de todas as mobilizações que ocorreram na PUC-SP para que ela continue sendo uma Universidade democrática, aberta à comunidade e que defende os Direitos Humanos.

Sempre tive como prioridade permanecer em sala de aula, convivendo com os alunos nos debates em classe, em conversas no fim das aulas, em seminários da Semana anual de Jornalismo.

Penso que esse trabalho junto aos alunos, pensando na formação de pessoas que tenham consciência da realidade em que vivem, defendam valores de uma sociedade democrática, como liberdade de manifestação, de organização, direitos das minorias, é a melhor contribuição que posso dar para a formação de brasileiros que pensem em realmente tornar nosso país mais justo e igualitário.

Quem transforma o mundo são as pessoas, sua consciência para combater as injustiças; por isso, quero continuar nas salas de aula, dando minha contribuição para a formação dos jovens que estudam Jornalismo.

Continuo participando da vida política do Brasil como dos protestos contra o movimento que depôs a presidente Dilma, em atos contra a reforma trabalhista, da previdência, o recente assassinato da vereadora Marielle Dias, e em todos os atos contra a injustiça social no país.

Em função de minhas produções jornalísticas, tive a felicidade de ganhar cinco Prêmios Vladimir Herzog de Direitos Humanos e, durante minha vida, continuarei lutando para que os brasileiros tenham seus Direitos Humanos respeitados.

Por conseguinte, e não sem razão, justo no momento em que se fez valer a exigência institucional de apresentação de títulos acadêmicos, pelo menos o de Mestrado, fui buscar, no curso de Gerontologia desta Universidade, o qual tem características humanas e sociais muito fortes, minha inserção como aluno desejoso de pesquisar a questão das Políticas Públicas voltadas ao Envelhecimento Humano.

Tive a possibilidade de poder trazer, para a discussão, o caso da Vila Anglo-Brasileira – a meu ver, exemplar quanto às boas práticas cotidianas, intergeracionais, nas quais o aprendizado está se renovando constantemente.

Tais práticas vêm sendo exercidas há décadas junto aos moradores, justamente lutando, politicamente, pela conquista de equipamentos necessários ao bairro, possibilitando um acesso mais próximo à educação, à saúde, aos direitos humanos, tentando assegurar-se, desse modo, melhores condições de vida a todos os moradores, mas especialmente aos de mais idade – exercendo nossa cidadania, enfim.

Entretanto, a tentativa de escrever, neste mestrado, os passos de uma experiência não apenas minha, mas coletiva - que sempre é muito mais viva e rica - não deixa de ser um grande desafio para este aluno, pois “suscita a emergência de um outro saber”, tal como o diz Mucida (2004, p. 13); um saber que exige que um sujeito fale a partir da escuta de outros sujeitos.

Além do que isso se complica ainda mais em termos do registro oral ou escrito: ao comunicar oralmente acontecimentos de nossa vida se pode falar à vontade diante do outro, exprimir em ato o que se faz, até como se fosse o exercício de um ofício; outra coisa é comunicar no papel, em um escrito verbal, sobre *como* se faz, ainda mais quando se requer que se escreva sob o formato acadêmico-científico.

É preciso, no entanto, tentar escrever, e escrever sobre a velhice na Vila Anglo-Brasileira, é, a meu ver, trazer à luz as escritas de uma memória coletiva, mas não apenas sobre a oferta de atividades oferecidas aos velhos, à moda de “produtos a serem consumidos” (MUCIDA, 2004, p. 14), mas com a satisfação de todos aqueles velhos que delas participam ativamente, e a que se engajam voluntariamente, de corpo e alma, na experiência aqui trazida.

A seguir, explicita-se a metodologia desta dissertação.

1.4 Metodologia

Quanto à metodologia, optou-se pela perspectiva qualitativa, em uma abordagem interdisciplinar e com foco social (LODOVICI; SILVEIRA, 2011). É uma pesquisa do tipo etnográfica, com base na abordagem educacional de Paulo Freire, além de teóricos da área da Gerontologia, e outras áreas, que acreditam em ações sociais, e as validam assim como a seus agentes transformadores, dentre outros, Debert, Mucida, Messy, Agamben, e sob a perspectiva da Política de Envelhecimento Ativo (OMS, 2005; 2010). Os relatos das experiências político-sociais na Vila Anglo-Brasileira aqui mapeadas foram coletados em entrevistas, e serão inseridos e discutidos neste trabalho.

Características da Pesquisa

O presente trabalho abrange a revisão da literatura gerontológica, apresentando algumas posições teóricas sobre o que significam as práticas coletivas urbanas orientadas para velhos, e da interpretação de dados empíricos advindos de entrevistas com os velhos da Vila Anglo-Brasileira.

Trata-se de um estudo que se pretende qualitativo, transversal. Esta pesquisa tem como base a Gerontologia em sua concentração Social, ou seja, o tratamento das questões se dá em perspectiva qualitativa, interdisciplinar, e com foco subjetivo-social, a partir de autores que sustentam a conceituação aí desenvolvida.

Participantes ou Sujeitos de Pesquisa

A amostra foi composta com 10 sujeitos, com 60 ou mais anos, sem qualquer restrição (gênero, autonomia física, situação civil ou religiosa), além daquela de poderem responder, com lucidez, às questões propostas.

Crêterios para a seleção dos entrevistados

- a) Moradores que foram os construtores do movimento da Vila Anglo-Brasileira a partir de 1980 e que participam, até hoje, da vida da UBS Jardim Vera Cruz II para a manutenção da qualidade do atendimento; e/ou
- b) Moradores que participam do movimento como voluntários e auxiliam os profissionais que atendem os participantes dos grupos terapêuticos de promoção   saúde da UBS Jardim Vera Cruz II; e/ou
- c) Moradores que não fazem parte do movimento do bairro, mas participam dos grupos terapêuticos e fazem parte da pesquisa, pela sua vitalidade e dinamismo, mostrando que   preconceituosa a imagem ainda presente na sociedade de que a velhice representa o fim da vontade de viver, e que evidenciam que, em todos os momentos da vida,   possível sonhar e criar formas de ser e fazer o outro feliz.

Instrumentos e Procedimentos para a coleta dos dados

Os procedimentos realizados constaram da aplicação de questionário sociodemográfico e entrevista semi-estruturada composta por uma pergunta fechada e algumas abertas, que estão apresentados no Anexo A. As perguntas permitem ao entrevistado contar sua participação no movimento; a importância dessa participação cidadã na construção de um mundo melhor; e quais os benefícios, para suas vidas, do trabalho de promoção de saúde dos grupos Terapêuticos da UBS Jardim Vera Cruz II. As entrevistas são individuais e foram feitas nas residências dos velhos que se dispuseram a responder ao questionário.

Avaliação dos resultados da pesquisa

Na análise do resultado das entrevistas, foi focalizado o efeito, para a vida das pessoas velhas, do trabalho de promoção de saúde da UBS Jardim Vera Cruz II e como um envelhecimento ativo permite aos velhos viver este período da vida em sua plenitude.

REVISÃO DA LITERATURA – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No levantamento da literatura que empreendemos no período de 2000-2018, não foi localizado um trabalho que se referisse a um movimento popular de bairro contando especificamente com a participação de velhos como participantes ativos, ou protagonistas do processo.

Mas um trabalho anterior ao período do levantamento proposto, de 1991, mas que não gostaríamos de deixar de referir aqui, embora não envolva a participação de velhos, é o de Safira Bezerra Ammann, o livro intitulado **Movimento Popular de Bairro: de frente para o Estado, em busca do Parlamento** (1991), em que a autora discute o estatuto de um movimento popular, questionando se todo ou qualquer movimento popular se caracterizaria como Movimento Social. Em assim pensando, a pergunta que se coloca é se um movimento popular de bairro (tal qual o aqui estudado, o da Vila Anglo-Brasileira) estaria incluído nessa categoria, dado o protagonismo dos velhos – o que seria inédito, diante da pesquisa demonstrada no referido livro. Uma das características de um Movimento Social é a contestação; esta opera em nível de relações sociais, cujos determinantes se localizam na instância das relações sociais de produção. Sabe-se que os problemas de um bairro nascem na esfera das relações de produção de uma cidade. Mas não é apenas a ausência ou a insuficiência dos bens e serviços de consumo coletivo que carregam dificuldades, problemas a seus moradores. Os baixos salários recebidos pela população de um bairro, no caso aqui da Vila Anglo-Brasileira, inviabilizam muito dos serviços à disposição de seus moradores, especialmente os proventos de aposentadoria dos velhos: embora alguns serviços sejam gratuitos, mas por não estarem localizados no mesmo bairro, muitos de seus beneficiários não têm sequer condições de pagar o transporte até tal fonte de recursos. Acresce-se a essa problemática que a saúde e a educação dependem basicamente de uma boa alimentação, que não pode ser custeada pela reduzida renda familiar de um aposentado. Dentro desse quadro lamentável, é impossível encaminhar os

problemas dos moradores de certas regiões da cidade, segundo a autora, sem passar por soluções no âmbito das relações sociais de produção.

Outro dos trabalhos encontrados foi o da pesquisa de Serafim Fortes Paz (2004), em “Movimentos sociais: participação dos idosos”, no seu capítulo do livro **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**, em que o autor discute a gênese e as finalidades dos movimentos sociais. Idosos e trabalhadores aposentados emergem como os principais protagonistas. O autor evidencia as principais arenas ou campos de lutas e enfrentamentos por políticas públicas, direitos e cidadania do segmento idoso. Conclui seu artigo afirmando que as conquistas obtidas só podem ser plenamente alcançadas se for revertida a participação tutelada do idoso para uma proposta de cidadania emancipada, em que o idoso se torne verdadeiramente autor-protagonista de sua própria história, com a coparticipação de toda a sociedade, sem que o idoso dependa que se lute por ele, mas que todos estejam aliados na luta com ele.

Severo, Cunha e Ros, em sua pesquisa datada de 2007, tratam da articulação nacional de movimentos e práticas de educação popular e saúde, no Estado de Santa Catarina, organizada em 2003. Decorreu de uma aproximação entre profissionais de saúde e movimentos sociais, iniciada na década de 90. Esse movimento objetivou identificar as fortalezas e fragilidades da referida articulação no seu processo de construção histórica. É um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado entre maio e junho de 2006, por meio de entrevistas semi-estruturadas individuais, com questões abertas. A coleta de dados foi feita com os quatro principais membros da referida articulação no Estado de Santa Catarina. Os resultados indicaram que a principal fragilidade foi a proposta não ter sido construída junto às bases e, como principal potencialidade, a promoção da autonomia dos atores envolvidos.

“Experiências de envelhecimento no ambiente de praia” (2014) é artigo de Otávio Tavares e Vivian Silveira, em que os autores buscam pesquisar as práticas corporais dos idosos no ambiente da praia como experiência contemporânea do envelhecimento, por meio de pesquisa de campo de tipo etnográfica. Os resultados indicam que a imagem do idoso na praia expõe um estado multifacetado, porque não se apresenta radicalmente diferente das práticas corporais adotadas pelos

jovens, nem ela é totalmente equivalente àquela configurada como do velho, fazendo provocar, assim, novos focos sobre o idoso na praia, na era contemporânea. São experiências de envelhecimento, com foco específico na identidade desses velhos, mas não em um trabalho seu de participação social ativa em favor de outros segmentos da sociedade.

“Educação popular e movimentos sociais na atualidade”, de Conceição Paludo (2010), afirma que a leitura dos movimentos sociais e da educação popular, em nosso país, não pode prescindir do estabelecimento das relações com o que ocorre no continente latino-americano. Segundo a autora, a situação da América Latina, provocada pela avalanche neoliberal, faz-nos surpreender pela diversidade de situações. No Brasil, em que a institucionalidade democrática foi capaz de integrar novos atores políticos, o conflito se processa através de canais de participação, nos marcos da institucionalidade vigente. A estratégia atual de transformação da sociedade, que está se delineando, não é nem a da luta armada e nem a do reformismo, mas de articulação das duas lógicas no sentido de combinar uma plataforma de reformas com formas de luta que permitam a conquista do poder.

“O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros” é o trabalho em forma de artigo científico (2013) apresentado por Alessandra Cardoso Vargas e Marilene Rodrigues Portella, que objetivou identificar os determinantes da participação masculina em um grupo de convivência da localidade de Farinhas, município de Alpestre (RS), e o significado disso em suas vidas. Resultou de uma pesquisa de campo descritivo-exploratória, realizada por meio de entrevistas, com 71 participantes do grupo de convivência, sendo 36 homens e 35 mulheres, com idade entre 50 e 90 anos. Os resultados mostraram transformações positivas promovidas por programas de atividades sociais e recreativas na terceira idade, embora tais atividades estivessem voltadas apenas aos próprios velhos, não implicando benefícios da mesma ordem daqueles de um movimento social como o da Vila Anglo-Brasileira, na capital paulistana.

Patrocínio (2015) em seu artigo “Atividades práticas para o Envelhecimento Ativo”, objetiva apresentar um conjunto de atividades práticas visando ao envelhecimento saudável, e o que é interessante é que ele foi feito com base na perspectiva de Paulo Freire e na Política de Envelhecimento Ativo (OMS). Tais

atividades foram realizadas durante a pesquisa de doutorado da autora e, posteriormente, reaplicadas em outros contextos e com diferentes grupos de velhos. As atividades apresentadas foram discutidas à luz de outros trabalhos científicos, esperando a autora, com isso, que essas experiências pudessem contribuir para o campo da pesquisa e da prática na área da gerontologia aplicada. Na linha educacional, a metodologia participativa da educação popular, segundo a autora, tem se mostrado eficaz em atividades com velhos (Patrocínio, 2011). Esta educação tem como objetivo desenvolver o reconhecimento de si mesmos como sujeitos, visão crítica sobre as estruturas sociais e engajamento ativo em movimentos sociais. Exige-se uma relação de confiança entre os participantes e os educadores, na qual devem se fazer presentes o diálogo e o respeito aos interesses e às experiências dos educandos, cf. Freire (1975, 1979, 1982).

Após o levantamento de alguns trabalhos em torno da participação ativa dos velhos em movimentos sociais, verificou-se que os relatos dessa modalidade são não muitos e os encontrados na pesquisa aqui empreendida caracterizam-se desta forma: ou não mostram o envolvimento efetivo de velhos como protagonistas do processo, ou não têm o caráter de luta ou enfrentamento por melhorias das condições do bairro de uma cidade.

Falar em luta social, em enfrentamento a uma situação de crise acima de tudo política neste século XXI, nos faz lembrar o pensamento do filósofo Giorgio Agamben (2009); para ele, pode-se dizer contemporâneo aquele que tem condições de perceber, no escuro do presente, a luz que procura nos alcançar, mas que não pode fazê-lo, o que depende do engajamento pessoal em um propósito que pode mover um sujeito a algo, necessário a este sujeito e, se possível, ao grupo de pessoas com as quais ele convive.

Nesse contexto, as considerações que seguem procuram situar, ou tentar explicar a experiência narrada neste estudo, por meio da luz trazida por algumas referências teóricas representativas de nosso tempo, principalmente autores como Agamben, Benjamin, Messy, Mucida, Freire, Ayres, dentre outros, que são aqui citados. Apresentam-se alguns comentários sobre nossa experiência na Vila Anglo-Brasileira analisados à luz dos dizeres desses teóricos.

Paulo Freire foi outro ser iluminado que deu base a um trabalho humanista e unificador dos homens que lutam em um processo, que precisa ser permanente, pela sua libertação, pelo que tem que ser feito “com” (1982, p. 32), ou seja, o povo, todo junto, que reflete sobre sua opressão, sobre suas causas, o que pode gerar uma ação transformadora a que Freire chamou de “práxis libertadora” (1982, p. 36), assim justificada por Cabral (2005, p. 200): “(...) o educador [Paulo Freire], através de uma educação dialógica problematizante e participante, alicerçada na confiança no povo, na fé nos homens e na criação de um mundo onde cada homem seja valorizado pelo que é, onde a liberdade do povo deve atender à perspectiva do oprimido e não do opressor(...)”.

Complementa Cabral (2005, p. 200), a respeito dessa missão: “[Paulo Freire] procura conscientizar e capacitar o povo para a transição da consciência ingênua à consciência crítica (...), um movimento de liberdade (...), sendo a pedagogia realizada e concretizada com o povo na luta pela sua humanidade”.

Um sentimento de amizade passou a unir todos os participantes daquele movimento popular, sentimento esse que, a nosso ver, pode ser explicado em termos de Agamben (2014, pp. 63-64) que, ratificando uma das teses mais consolidadas da *Ética de Aristóteles*, afirma:

(...) que não se pode viver sem amigos, que é preciso distinguir a amizade fundada sobre a utilidade ou sobre o prazer, da amizade virtuosa, na qual o amigo é amado como tal (...).

Agamben convida o leitor, para lerem juntos, mais um trecho de Aristóteles sobre a amizade:

A amizade é, de fato, uma comunidade e, como acontece em relação a si mesmo, também para o amigo: e como, em relação a si mesmos, a sensação de existir (*aisthesisotestin*) é desejável, assim também será para o amigo (AGAMBEN, 2014, p. 65).

Esses dizeres do filósofo é que podem explicar, a nosso ver, o sentimento que tomou conta de todos da Vila Anglo-Brasileira, pelo desejo de conquistar melhores condições de vida para os moradores, o que exigia, antes de tudo, discutir a realidade em que viviam.

Nessa sensação de existir insiste uma outra sensação, especificamente humana, que tem a forma de um com-sentir (*synaisthanesthai*) a existência do amigo. A amizade é a instância desse com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria. Mas isso significa que a amizade tem um estatuto ontológico e, ao mesmo tempo, político (AGAMBEN, 2014, p. 67).

Falar em nome de algo que falta, segundo Agamben (2018, pp. 93-94), significa

(...) sentir e colocar uma exigência (...) diz-se que uma coisa exige outra, quando, havendo a primeira haverá a segunda, sem que a primeira a implique logicamente ou a obrigue a existir. O que a exigência exige, de fato, não é a realidade, mas a possibilidade de algo. A possibilidade que se torna objeto de uma exigência é, contudo, mais forte do que qualquer realidade. Por isso, o nome que falta exige a possibilidade da palavra, mesmo que ninguém se apresente para proferi-la. Mas aquele que no final opta por falar – ou por calar – em nome dessa exigência não precisa de nenhuma outra legitimação para sua palavra ou para seu silêncio.

O protagonismo dos velhos da Vila Anglo-Brasileira contrariava, pela potência de suas ações, os dizeres de Serafim Fortes Paz (2004, p. 231), sobre o papel do idoso nesse período no Brasil: “(...) nos anos 80/90 o movimento do idoso, numa direção sociopolítica (por cidadania, garantias sociais, participação e direitos), foi tímido e, no conjunto, frágil e precário, não chegando, portanto, a ser expressivo para a sociedade(...)”.

Toda aquela conscientização política e mobilização popular da Vila, pode-se dizer, que era fruto do comprometimento daqueles que se tornavam militantes “para a libertação dos homens”, seguindo especialmente a pedagogia de Paulo Freire (FREIRE, 1982), quando este afirmava que o homem tem que ganhar uma percepção crítica da realidade histórica em que vive e se transformar em um sujeito diante dessa realidade, de um determinado *status quo*, no sentido de humanizar-se diante do outro; que ele deve lutar pela liberdade, pela desalienação, e pela sua afirmação, enfrentando as situações adversas de modo plenamente ativo. Isso significa que é preciso lutar para a libertação contra uma situação presente injusta

para uma comunidade, que explora a todos os seus membros, que os oprime, que os obrigam, por fim, a um gesto político, mas que seja fundado por uma união fraterna entre as pessoas, na direção do proposto por Freire (1982), assim como Agamben (2014), nos seus próprios termos “uma comunidade em que a política seja a amizade” (p. 17).

A esse respeito da noção de comunidade para Agamben, dois comentadores de seu livro, Scramim e Honesko (2014, p. 17) afirmam que:

É preciso frisar, no entanto, que quando Agamben propõe uma comunidade que vem não o faz como projeto futuro, ou seja, como se o que vem estivesse sempre atrelado a um futuro (...). Agamben trata de abrir o que vem justamente nas sombras do presente, no kairós inapreensível que nos é sempre o contemporâneo.

Atesta-se, pois, que, diante de novas possibilidades de realização de desejos, de novas aquisições, “a idade não interfere na psique” (MESSY, 1999, p. 10).

Sobre a experiência na UBS da Vila Anglo-Brasileira, vale aqui um fragmento dos dizeres de Mucida (2004, p. 14), *mutatis mutandis*, que se aplica de forma muito adequada aqui:

Não foi outra a experiência trabalhando com o programa destinado aos velhos, bem como com outros, nos quais foi possível um tratamento ao avesso das práticas, assistencial, protecionista e, sobretudo, segregatória, existentes.

Os velhos amigos da Vila Anglo-Brasileira, que antes viviam pelas praças lamentando sua condição de aposentados, a partir de sua participação ativa na sociedade, mostraram que ser amigo, entre eles próprios e toda a população do bairro, seria condição de existência, de vida:

Os amigos não com-dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a com-divisão que precede toda a divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política (AGAMBEN, 2014, p. 70-71).

Segundo a visão de Mucida (2004, p. 98), aqueles sujeitos não envelheciam, justamente pela singularidade de seus atos:

O sujeito não envelhece; a velhice se mede pelos atos. O ato não é uma ação qualquer, não é um movimento, mas uma implicação do sujeito com seu desejo mais genuíno. No ato não há garantias, apenas a decisão ancorada pelo desejo com efeitos sobre os destinos da vida; por exemplo, o sujeito pode optar por se tornar um “aposentado”, aposentando seu desejo, ou pode construir outra coisa depois da aposentadoria.

A ação prática dos velhos entrevistados neste trabalho, em favor dos benefícios para seu bairro, reitera a visão de Jack Messy (1999, p. 47) de que “(...) a entrada na velhice parece se inscrever num acontecimento, [mas] este não é, porém, inelutável. Podemos ser velhos, ver-nos como velhos sem nunca nos sentirmos velhos”.

Os experientes velhos da Vila Anglo-Brasileira, ao se aperceberam criticamente sobre o real de seu bairro, mostraram-se eles munidos de uma sensibilidade aguda ao contemporâneo, no sentido de Agamben (2009); a iniciativa de sua mobilização foi em favor da luta, do trabalho a serviço da transformação da realidade, e não apenas à submissão a uma realidade imposta por uma crise política do país.

A conquista e a manutenção da UBS, e de suas atividades de promoção de saúde se fizeram presentes pelo engajamento de moradores da região em ações de saúde, o que, segundo Ayres (2007, p. 53), são fundamentais para uma concepção hermenêutica de saúde:

Portadores de experiências e saberes diversos, cada qual com suas próprias sabedorias práticas e instrumentais, profissionais/serviços e usuários/populações constituem-se como sujeitos de ações de saúde, pela compreensão de desafios práticos que os põem uns diante dos outros e segundo as possibilidades configuradas no contexto desse encontro.

Assim, na UBS, existe uma comunidade de pessoas que, juntas, fazem a disjunção entre velhice e doença, ao olhar o doente antes que a doença (CIRINO, 2004).

O vínculo entre profissionais da saúde e usuários, mediado, facilitado pelos voluntários, participantes ativos da vida da UBS, é exemplar para as boas práticas e o Cuidado em Saúde que, segundo Ayres (2004, p. 24) representam a responsabilidade inerente às partes que cuidam da saúde:

A responsabilidade assume relevância para o Cuidado em Saúde em diversos níveis, já desde aquele de construção de vínculos serviço-usuário, de garantia de controle social das políticas públicas e da gestão de serviços até o plano em que se localiza aqui a discussão. É preciso que cada profissional de saúde, ou equipe de saúde, gestor ou formulador de política se interroguem acerca de por que, como e quanto se responsabilizam em relação aos projetos de felicidade daqueles de cuja saúde cuidam.

As ideias de Paulo Freire foram a base das práticas que se desenvolveram, no movimento popular da Vila Anglo-Brasileira, com velhos, crianças, adolescentes e adultos que participavam das mobilizações para melhorar a vida na região em que vivem. Isso significou partir da ideia de aprender com a população e não apenas ensinar, cf. os seguintes dizeres:

Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 1982, p. 111).

Paz (2004, p. 249) refere-se a esse protagonismo de muitos velhos:

A velhice ocupa, nos últimos anos, cada vez mais espaço. Surge com mais intensidade, nos cenários locais, instituições e entidades dirigidas aos idosos (fóruns, conselhos, universidades abertas, grupos sociais e de convivência). Cada vez mais os discursos e práticas denotam o protagonismo dos idosos, para além de espaços de sociabilidade ou ocupação. Buscam também a atuação no

universo sociopolítico, com real possibilidade de representar e debater ideias e propostas, definir, deliberar e agir.

Continuamos nós, professores, voluntários, velhos, a utilizar as ideias de Paulo Freire também com as crianças do recém-criado Centro da Criança e do Adolescente (CCA) e também com jovens, adultos e velhos, com problemas de letramento e que passaram a frequentar o EJA, Educação de Jovens e Adultos, como a seguir imaginamos que seja oportuno destacá-las:

Na verdade, a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso conciliador. Daí, que tal forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos simultaneamente, educadores e educandos (FREIRE, 1982, p. 82).

Dessa maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas quem, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (FREIRE, 1982, p. 95).

E mais ainda: a determinação e persistência dos moradores em melhorar as condições de vida na região da Vila Anglo-Brasileira caracterizam, de fato, uma comunidade cívica, segundo Putnam (2002, p. 101):

Numa comunidade cívica, a cidadania se caracteriza primeiramente pela participação nos negócios públicos. “O interesse pelas questões públicas são os principais sinais da virtude cívica”, diz Michael Walzer. Decerto nem toda a atividade política merece ser qualificada como “virtuosa” ou contribui para o bem geral. O significado básico da virtude cívica parece residir em “um reconhecimento e uma busca perseverante do bem público à custa de todo o interesse puramente individual e particular.

Todas as conquistas do movimento popular foram alcançadas em razão do humanismo, da solidariedade e da consciência política das pessoas que participavam das mobilizações, e que compunham o capital social que, segundo Putnam (2002, p. 177), diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas:

Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse (...). Por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança (...).

Complementa Putnam (2002, p. 186) suas ideias, indicando as características que definem a comunidade cívica:

Os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente. Os círculos virtuosos redundam em equilíbrios sociais com elevados níveis de cooperação, confiança, reciprocidade, civismo e bem-estar coletivo.

A participação decisiva dos velhos, no movimento popular da vila Anglo-Brasileira e na construção dos grupos terapêuticos da UBS Jardim Vera Cruz II, nos remete a Silveira (2009, p. 26), que diz:

Devemos, portanto, nos libertar do mascaramento da realidade vivendo a diversidade com percepção e pensamento críticos para rompermos as amarras da persuasão ideológica, conquistando, assim, novas formas de olhar, sentir, pensar e agir, na construção de um mundo mais humano que nos permita envelhecer dignamente e viver a velhice como cidadãos ativos, comprometidos e envolvidos no cumprimento dos deveres e nas lutas pela garantia dos direitos.

As vitórias tanto individuais e coletivas dos velhos da vila Anglo-Brasileira indicam que é possível que a velhice seja uma fase da vida vivida com prazer, como reflete o autor:

Sabemos que, dos sonhos sonhados, nem todos se farão realidade, mas, mesmo assim, precisamos acreditar, ousar e ser perseverantes, enfrentando as dificuldades, lutando pelas utopias possíveis, abrindo sempre novos caminhos ou percorrendo de modos diferentes os trajetos que, no cotidiano, vão se tornando rotineiros. Temos de viver com vigor cada etapa da vida e nos educar para que a velhice seja

vivida com prazer, levando em conta suas especificidades.
(SILVEIRA, 2009, p. 24).

A seguir, no Capítulo 3, algumas considerações sobre as relações muito particulares que se deram entre os moradores da Vila Anglo-Brasileira que, a nosso ver, precisam estar aqui explicitadas, para deixar registrados os sentimentos que passaram a aflorar e sustentar todas as atividades ali propostas.

3.RELAÇÕES MUITO PARTICULARES NA VILA ANGLO-BRASILEIRA

3.1.Visão Geral do Movimento da Vila Anglo-Brasileira

O relato do início da trajetória do movimento social desencadeado na Vila Anglo-Brasileira torna-se necessário, aqui, no sentido de mostrar como ele se engendrou, dado que são aspectos que ficam obscurecidos, invisíveis, mas que, a nosso ver, precisam ganhar registro pela importância que tiveram em nossas vidas, e também por buscarmos legitimidade e reconhecimento a partir das referências teóricas da área do envelhecimento/velhice em que tais aspectos parecem se fundar, seja por meio de autores clássicos como em autores representativos da área do universo contemporâneo.

Os moradores do bairro Vila Anglo-Brasileira, cuja experiência é narrada nesta dissertação, podem se dizer exemplares em sua contemporaneidade, no sentido aqui exposto do filósofo Agamben, por terem tido a possibilidade de se darem conta dessa luz que lhes acenava, ao andarem pelas ruas do bairro no começo dos anos 80: foi quando viram, muito claramente, a situação de vulnerabilidade de velhos e crianças do bairro. Nas praças encontravam-se velhos, alguns deles já aposentados, que diziam se sentir desvalorizados, pessoal e socialmente, ante à situação que vivenciavam, pelo fato de terem sido aposentados de forma considerada por eles não digna, com dificuldades para sobreviver, e sem mais nada de produtivo para fazer na vida. Muitas crianças, por seu lado, brincavam nas ruas depois do período escolar, por falta de espaços de lazer, e sem a presença próxima dos pais que trabalhavam fora, o dia inteiro, para sustentar suas famílias.

Iluminados para essa dura realidade em que viviam, e tomados de muita coragem, velhos moradores, aos quais se engajou este que aqui relata a experiência e que se sente um dos atores-protagonistas do processo, iniciaram um processo de criação de um movimento popular no bairro, pensando em reverter suas condições de vida e dos demais vizinhos.

Pode-se reafirmar, nessa direção, que os moradores da Vila Anglo-Brasileira, em sua luta por melhorias no bairro, mostraram-se contemporâneos no sentido

proposto pelo filósofo Agamben (2009; 2014), por não apenas manterem fixo o olhar no escuro de sua época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida a eles, distanciava-se infinitamente deles mesmos. Isto fazia com que se desprendessem de suas individualidades, saindo de uma vida política apagada e sem esperanças, animando-se para se colocar em protagonismo, na luta em nome da cidadania, de uma vida mais digna a todos. Sentiram que era preciso se porem à prova, tomarem a iniciativa por algo que estaria distanciando-se deles...

Deram-se conta enfim, os moradores do bairro, de que criar um movimento popular-social não seria senão doar parte da própria vida na busca pelo atendimento das necessidades urgentes daquela comunidade. A partir dos anos 80, então, os moradores da Vila Anglo-Brasileira começaram a dividir suas vidas com o movimento que pretendiam criar: eram atividades diárias, inclusive no fim de semana para conversar com a população, nas várias ruas do bairro. Bater à porta, de casa em casa para discutir com os moradores as principais necessidades do bairro. Buscar as entidades do bairro: Igreja Católica, Escolas de primeiro e segundo grau para mobilizar professores e alunos, a Escola de Samba do bairro - a Águia de Ouro, para solicitar apoio, e explicar quais eram os objetivos com a mobilização popular que naquele momento se iniciava. Passaram eles a compartilhar um sentimento muito valioso de que um bem-comum precisaria ser reivindicado, em um movimento comum a todos aqueles amigos, moradores do mesmo bairro, para poder ser alcançado:

Habitações precárias, falta de atendimento de uma Unidade Básica de Saúde, de creche, de acesso mais fácil ao transporte público num bairro em que era necessário subir longas ladeiras, e andar vinte minutos para se alcançar um ponto de ônibus: estes foram os assuntos debatidos em muitas assembleias entre moradores.

Justamente por um profundo respeito pelas experiências dos presentes aos encontros, por suas palavras, estes eram ouvidos com muita atenção. A exigência tinha um nome: o povo da Vila Anglo-Brasileira. Juntos, esses moradores, da posição de impotentes em que antes pareciam estar, assumiam, agora, a posição de potentes sujeitos que se apropriavam das preocupações, necessidades e desejos de todo um bairro, pensando-se, para eles, um cotidiano mais digno; foi-se, assim,

construindo uma pauta de reivindicações que correspondia à realidade do bairro Vila Anglo-Brasileira. A luz da luta política, aí, não poderia deixar-se desvanecer...

Se havia sujeitos sociais relevantes na organização dos idosos, estes, em que se inclui este aluno-pesquisador, tornavam-se, porém, como que invisíveis no processo, no sentido de dar chance a outros participantes - os próprios velhos moradores, a fim de que se motivassem a assumir o papel de protagonistas do movimento da Vila Anglo-Brasileira.

As decisões a que chegavam os participantes do movimento eram sempre tomadas em assembleias em que os moradores decidiam sobre o quê, e o como reivindicar; decidiam se deveriam procurar uma Secretaria do Estado ou do Município, numa pequena comissão do bairro, ou num grande número de pessoas para mostrar a força e a mobilização do movimento ou, se depois de muitas tentativas de diálogo, deveriam denunciar o problema através da imprensa, quando não obtinham da Prefeitura ou do Governo de São Paulo o apoio às suas reivindicações.

Agora, finalmente, os moradores do bairro com os velhos principalmente à frente, tinham, finalmente, acesso à política, podendo lutar por sua cidadania, garantias e participação social e direitos.

É no dia de hoje, da vida contemporânea, que o movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira passou a atuar, com a participação muito expressiva de velhos residentes do bairro, assim como de mulheres, cada segmento lutando por causas específicas, que mais os afetavam: as mulheres se mobilizando para conquistar a Unidade Básica de Saúde (UBS) e a Creche que eram necessidades muito urgentes para suas famílias. Os velhos, mostrando um grau de solidariedade muito grande a todas as necessidades do bairro, se dispuseram a reivindicar, com a mesma força de luta das mulheres, a UBS, a Creche, o CCA e o Escadão que uniria o bairro às principais avenidas da região.

É de se ressaltar aqui que, após a conquista de tais equipamentos primordiais aos moradores do bairro, embora tivesse diminuído a participação de mães e demais reivindicadores, os velhos continuaram firmes na busca da manutenção da qualidade e da ampliação dos serviços conquistados. Desde que engajados, os

velhos do bairro não mais se detiveram, mostrando a todos que não bastaria somente ter equipamentos públicos em um bairro, mas que seria preciso garantir a utilização com qualidade e a melhoria cada vez maior dos serviços prestados à população por esses equipamentos. Na realidade, os velhos que participavam do movimento constituíam a maioria nas reuniões na UBS Jardim Vera Cruz II, para garantir que não faltassem remédios, médicos, funcionários.

As práticas na UBS Jardim Vera Cruz II eram as mais acolhedoras possíveis - , em um modelo novo de tratamento às questões, justamente para nada se ter de justificativa, por exemplo, para uma mudança de lugar da UBS. Ressoava, como um alerta a todos, funcionários, profissionais e usuários, o fato ocorrido anteriormente no final dos anos 70, de a Vila Anglo-Brasileira ter perdido sua UBS quando a chamada UBS Vila Anglo-Brasileira fora transferida de região, indo para o bairro de Perdizes.

Com a UBS funcionando em uma casa alugada na Vila Anglo-Brasileira, a partir de 1983, foi desenvolvida, assim, uma rica experiência de participação popular no campo da saúde e que deu ótimos resultados a começar do atendimento à população, a garantia da manutenção definitiva da UBS no bairro, além da criação de um Grupo de Idosos em 1997.

É à luz dessas reflexões sobre as relações entre amizade e motivações políticas que se pode dizer que os velhos participantes do movimento da Vila Anglo-Brasileira criaram, sob a orientação de alguns organizadores do movimento, e junto aos demais moradores, espaços de debates e definições de políticas, como fóruns e conselhos.

Rebatem, esses velhos, a visão equivocada de velhice, e o fazem por meio de suas próprias ações, na expressão de um desejo muito genuíno de melhorar a vida cotidiana das demais pessoas da comunidade em que vivem.

Construir outra coisa para depois da aposentadoria foi o que tencionaram, então, os velhos por sua participação no movimento popular da Vila Anglo-Brasileira, o que deixa bem claro que é preconceituosa a visão, arraigada culturalmente, de que os velhos, quando se aposentam, não têm mais razão de viver, tornando-se um fardo, um incômodo, para a sociedade. Eles precisam é ser despertos para as possibilidades que têm de mudar o presente.

As ações de uma tal experiência, a nosso ver, precisam ser intercambiadas e valorizadas não podendo deixar de ser registradas – o que tentamos fazer no presente estudo de mestrado, em que comunicamos uma experiência, porque foram, justamente os experientes velhos da Vila Anglo-Brasileira, ao se aperceberam criticamente sobre o real de seu bairro, que a encamparam.

Relatar a experiência desses velhos é dar a ela uma “dimensão utilitária” (no sentido de Benjamin, 1994, p. 200), uma sugestão prática para que velhos de outros bairros da cidade também se mobilizem para dar continuidade à luta política por um bem-comum.

Assim é que, com a conquista do prédio próprio da UBS em 2003, essa unidade passou a ter um Conselho-Gestor, composto majoritariamente de velhos moradores, instância prevista na criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Até os dias de hoje, esses velhos ocupam a maior parte da representação dos moradores nesse Conselho Gestor, atuando também como voluntários para ajudar nas atividades de acolhimento e orientação aos usuários que procuram a UBS. Sua atividade ficou orientada em função do que fosse útil, benéfico, à população de seu bairro. Assumiram eles, portanto, como se faz ver, uma contínua participação social.

Como consequência da real participação dos velhos na vida da UBS chegou-se à conquista de um Anexo à UBS, onde passou a se reunir o Grupo de Idosos e outros grupos terapêuticos que foram sendo criados: Meditação, Dança, Terapia Comunitária, Tabagismo, Tai Chi Chuan, Relaxamento e Psicoterapia, que atendem pessoas de todas as idades da região de abrangência da UBS – uma conquista do movimento popular da Vila Anglo-Brasileira.

A conquista e a manutenção da UBS, e de suas atividades de promoção de saúde, se fizeram presentes pelo engajamento de moradores da região em tais ações de saúde.

O trabalho desenvolvido em conjunto por trabalhadores da saúde e moradores criou alternativas para um atendimento humanizado para a população atendida na UBS Jardim Vera Cruz II, da Vila Anglo-Brasileira, na capital paulistana. Essas ações procuravam acolher os usuários nas várias etapas do seu atendimento

na UBS, desde a chegada para procurar informações até o trabalho de promoção de saúde realizado por grupos terapêuticos.

Nas reuniões dos grupos, profissionais de saúde conversam com os moradores semanalmente, permitindo a criação de um vínculo entre o médico, o psicólogo, o assistente social e o usuário que busca, junto a esse grupo, soluções para os problemas pessoais ou de saúde que está vivendo.

Voluntários do bairro trabalham em parceria com os profissionais de saúde que coordenam os grupos de atendimento, permitindo uma comunicação mais fácil com os usuários que inicialmente poderiam se sentir inseguros de contar suas vidas, seus problemas, para pessoas que pouco conhecem.

O vínculo entre profissionais da saúde e usuários, mediado, facilitado pelos voluntários, participantes ativos da vida da UBS, é exemplar para as boas práticas e o cuidado em Saúde.

Desde o início do movimento popular da Vila Anglo-Brasileira, as pessoas engajadas sempre tiveram muita clareza sobre a importância de combater a desigualdade social no país e melhorar as condições de saúde de brasileiros oprimidos que não têm seus direitos básicos respeitados.

As ideias de Paulo Freire, como dito antes, foram a base das práticas que se desenvolveram, no movimento popular da Vila Anglo-Brasileira, com velhos, crianças, adolescentes e adultos que participavam das mobilizações para melhorar a vida na região em que vivem. Isso significou partir da ideia de aprender com a população e não apenas ensinar.

Assim é que, escutar as pessoas, aprender com suas experiências, conhecer a realidade em que viviam, sentir quais eram suas necessidades, foi a base dos trabalhos para na Vila Anglo-Brasileira, caminharmos, juntos, no movimento para atender as principais necessidades da nossa região. Conheceu-se a dura realidade das mães que sustentavam sozinhas seus filhos, a violência da Polícia Militar contra os jovens do bairro, as dificuldades para pagar o aluguel, comprar comida, roupas e remédios para as crianças e, por isso, a urgência de se conseguir uma vaga em creche para poder trabalhar e sustentar a família.

Para divulgar as mobilizações do bairro, íamos às casas dos moradores do bairro e podíamos ver como muitos cômodos pequenos eram habitados por diversas pessoas de uma mesma família: crianças, jovens, adultos e velhos.

Quando fazíamos as reuniões do bairro, pedíamos aos moradores que dissessem quais eram suas principais necessidades, e sempre surgiam, como as mais urgentes, o Centro de Saúde, a Creche, e um lugar para as crianças ficarem durante o dia.

Também sentimos de perto a dor de uma família que teve um adolescente executado pela Polícia Militar. A tristeza de procurar sua família que teve um jovem assassinado por policiais militares e que foi desrespeitada numa Delegacia de Polícia que não entregava o boletim de ocorrência da morte desse adolescente para a família: um desrespeito muito grande aos mínimos direitos de um cidadão. Acompanhamos essa família até a Delegacia e retiramos o boletim de ocorrência, que registrava a morte do jovem com um tiro na nuca, o que caracterizava a execução de uma pessoa já dominada pelos policiais.

Vivemos momentos em que jovens foram mandados para a FEBEM, atual Fundação Casa, sem ter cometido nenhuma infração por causa de uma acusação absurda de uma diretora de Escola e ajudamos as famílias a retirarem seus filhos dessa instituição conhecida pelas denúncias de violência contra as crianças que para lá eram enviadas.

Aprendendo juntos, fomos construindo os caminhos para exigir do Poder Público tudo o que nossa região precisava. A organização das mobilizações, assembleias e encontros com autoridades eram feitas em conjunto com os moradores para que eles tivessem cada vez mais a consciência de seus direitos e da importância de lutar por eles.

Assim é que, juntos, partíamos dos gostos das crianças (no caso da educação infantil) e dos gostos dos educandos mais velhos (no caso do EJA), para tentar ajudá-los em disciplinas como matemática e português. Para ensinar matemática, brincávamos com a tabela de classificação dos campeonatos de futebol. As crianças faziam contas “de somar e diminuir” com os pontos que seus times tinham na tabela de classificação. Perguntávamos quantos pontos faltavam

para o Palmeiras alcançar o Corinthians. Eles faziam contas “de menos e mais”, para chegar aos números corretos e, dessa forma, iam aprendendo aritmética. Para as aulas de português, tentávamos encantar crianças com as letras do nome de um jogador, íamos tentando fazer com que eles compreendessem a construção dos nomes, os sons das palavras. A melhor experiência que tivemos foi assistir a uma criança aprender a composição e o som das palavras com o nome do jogador, Marcelinho, do Corinthians. Essa criança tinha dificuldades para ler, juntar as letras, os sons e formar as palavras, e foi um momento muito feliz ver a alegria da criança lendo e falando a palavra Marcelinho.

Para montar peças de teatro com as crianças, aproveitávamos as datas significativas da sociedade, como o Dia Internacional da Mulher, o Dia do Meio Ambiente, o Dia das Crianças. Reuníamos todos na quadra do CCA e pedíamos que falassem como era a vida das mães, no caso das crianças e adolescentes. Para que as crianças se sentissem à vontade, na elaboração das respostas, perguntávamos qual era o horário que sua mãe acordava, em que horário elas voltavam para casa, quando elas voltavam, de tarde ou de noite, para casa, o que elas faziam? Crianças e adolescentes começavam a contar como era a vida de suas mães, a maioria na função de empregadas domésticas que acordam muito cedo para cuidar de seus filhos e, quando voltam para casa, ainda precisam preparar o jantar, lavar roupas, enfim, organizar a casa para o dia seguinte, dormindo invariavelmente muito pouco. Depois dessa conversa, perguntávamos às crianças e adolescentes se eles gostariam de fazer uma peça de teatro, mostrando toda a vida de sua família. Eles aceitavam rapidamente e, durante alguns dias, íamos ensaiando para o dia da apresentação. As crianças criavam os diálogos baseados na realidade de suas famílias. A peça tinha dois atos: um primeiro com a família desorganizada, quando a mulher arca sozinha com todos os cuidados da casa; e um segundo ato, quando a família se mostra solidária com todos participando das atividades cotidianas. As crianças depois de ensaiarem algumas semanas, apresentavam a peça para as famílias, professores, e funcionários da escola. E depois da apresentação, todos conversavam para discutir se achavam que deviam mudar de comportamento e ajudar as mães em casa.

Pedíamos às crianças e adolescentes frequentadores do CCA que escolhessem representantes de classe para que pudessem se expressar livremente

sobre o que tinha de bom e de ruim naquele Centro, e incentivávamos para que falassem sem se intimidar porque, dessa forma, exerceriam seu direito de criticar. Uma das cenas mais bonitas a que presenciamos foi numa reunião em rede com diretores de escolas, de creche, de bibliotecas, para discutirmos como agir em conjunto para atender as demandas da população da região. Na reunião, cada pessoa dava suas sugestões de como trabalhar em conjunto e invariavelmente a fala começava com: “- Sou diretor da Escola e queria sugerir tais e tais providências”.

Quando foi a vez de as crianças e jovens falarem, um jovem do CCA disse “Sou aluno do CCA; nosso bairro precisa de árvores, parques e lugares para brincar”. Era a concretização de uma visão de educação que mostrava aquela criança com toda a liberdade de se expressar e reivindicar seus direitos.

Com os educandos do EJA, trabalhávamos a partir de situações diárias para facilitar o aprendizado. As aulas de aritmética eram baseadas nas compras feitas em feiras ou no comércio. Um exemplo dado em classe era a compra de pães numa padaria. Era formulada uma questão: “Se eu comprar dez pães por cinco reais, quanto custou cada pão?”; a resposta vinha de pronto, oralmente: “- Cinquenta centavos”. Se essa mesma questão fosse posta no quadro-negro da sala de aula, os educandos teriam certamente mais dificuldade para resolvê-la. Era, pois, ligando a operação numérica a práticas cotidianas concretas, que ensinávamos as quatro operações de somar, diminuir, multiplicar ou dividir.

As mulheres participavam de várias mobilizações para conseguir uma Creche, uma UBS, um lugar para deixar seus filhos quando estivessem trabalhando. Perguntávamos a elas se gostariam de criar um grupo para conversar sobre os problemas da mulher. Elas aceitaram a ideia e, a partir daí, conseguimos, com a ajuda de duas companheiras do Partido dos Trabalhadores, o apoio de um psicólogo que passaria a dar tais palestras direcionadas às mulheres. Elas se reuniam, escolhiam o tema que queriam discutir e, com aquele profissional, continuavam o diálogo durante duas horas, numa noite de um dia de semana. Ao final de cada encontro, as mulheres decidiam qual deveria ser o tema do próximo encontro.

3.2.Os Velhos no Movimento da Vila Anglo-Brasileira

O que é pertencer à Terceira Idade, ou dizer-se velho ou idoso no mundo contemporâneo? Muitas vezes essas expressões eram utilizadas para definir homens e mulheres que já tinham vivido boa parte de suas vidas, que trabalharam para chegar à aposentadoria e, em muitos casos, continuaram trabalhando para sobreviver. Em muitas oportunidades, essas palavras vinham, e ainda vêm, carregadas de preconceito e certamente magoam a quem se deixa afetar por elas. Muitas pessoas têm uma imagem dos velhos como pessoas que pararam na vida e não têm mais nada a fazer depois da aposentadoria.

Realmente é muito triste encontrar, em praças dos bairros, conversas em ponto de ônibus, ou mesmo nas famílias, velhos que se sentem inferiorizados, pessoal e socialmente, porque chegaram à velhice e à aposentadoria. Esses velhos afirmam que estão cansados, reclamam que são desrespeitados, desvalorizados, e sofrem com o preconceito etário, que os desqualifica enquanto profissionais, enquanto homens.

As dificuldades econômicas por que passam os velhos no Brasil recebendo aposentadorias miseráveis, e, muitas vezes, famílias totalmente despreparadas para cuidar dos seus velhos, só agravam os problemas que os velhos têm no Brasil.

Felizmente, pude viver no movimento de bairro da Vila Anglo-Brasileira uma experiência que provou toda a força que velhos – mulheres e homens – têm para mudar suas vidas e ajudar a construir um mundo mais justo e humano. Essa experiência mostrou claramente a força que os velhos têm para ressignificar suas vidas e da comunidade em que vivem.

A participação de velhos moradores foi fundamental para conseguirmos todas as conquistas do movimento da Vila Anglo-Brasileira. Eles estiveram nas caravanas até a Prefeitura de São Paulo, Secretaria Estadual e Municipal de Educação, assembleias com vereadores, reuniões com deputados para discutir, expor nossas necessidades e sensibilizar essas autoridades acerca da verdade de nossas reivindicações. Era impossível para qualquer parlamentar, secretário, prefeito ou

governador acusar os velhos de estarem buscando vantagens individuais, cargos públicos, ou prestígio. Eles só queriam mesmo era melhorar as condições de vida dos moradores mais pobres do bairro e, com certeza, davam a nosso movimento a credibilidade necessária para que essas conquistas fossem alcançadas.

As pessoas que participavam do movimento tinham interesses específicos. Os moradores que precisavam do Escadão que uniria o bairro a importantes avenidas da região priorizavam essa conquista, as mães tinham como prioridade a creche, e a UBS e o CCA que eram reivindicações de todos. Os velhos participavam das mobilizações para a conquista de todas essas reivindicações da Vila Anglo-Brasileira.

Quando conseguimos a creche, as mães pararam de participar do movimento; o mesmo aconteceu quando os moradores de uma parte do bairro conseguiram o Escadão que atendia a suas necessidades. E quem não se afastou da luta? Somente os velhos permaneceram firmes na busca pela conquista da UBS e CCA e depois no acompanhamento da manutenção da qualidade do atendimento e melhorar os serviços prestados à população.

Ter uma creche, UBS, CCA, no bairro, era essencial, mas evitar que o poder público fechasse essas importantes conquistas por falta de espaços adequados para seu funcionamento era garantir todos os resultados do movimento. A UBS e a Creche funcionavam em casas alugadas e o CCA, dentro de uma Escola Pública. A cada vencimento do aluguel das casas ou término do convênio com a Secretaria Estadual de Educação precisávamos ir as Secretarias para garantir a renovação dos aluguéis e convênios. Os velhos é que garantiram, por participarem continuamente do movimento, a permanência desses equipamentos no bairro. Eles eram maioria no grupo de moradores que participavam em audiências com autoridades públicas. Eles visitavam a UBS, Creche e CCA para ver tudo estava bem e se mobilizavam para a cobrança do que faltava junto à Prefeitura e Governo do Estado de São Paulo. A intensidade e persistência dos velhos no movimento pôde ser comprovada pela conquista do prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II, mobilização para essa conquista que começou em 1980, com a construção do prédio sendo concluída em 2003.

Como consequência da real participação dos velhos na vida da UBS, chegou-se à conquista de um Anexo à UBS, onde passou a se reunir o Grupo de Idosos e outros grupos terapêuticos que foram sendo criados: Meditação, Dança, Terapia Comunitária, Tabagismo, Tai Chi Chuan, Relaxamento e Psicoterapia, que atendem pessoas de todas as idades da região de abrangência da UBS – uma conquista mais tardia, mas de muita solidariedade, do movimento popular da Vila Anglo-Brasileira.

Desse modo, o trabalho desenvolvido em conjunto por trabalhadores da saúde e moradores criou alternativas para um atendimento humanizado para a população atendida na UBS Jardim Vera Cruz II, da Vila Anglo-Brasileira, na capital paulistana. Essas ações procuravam acolher os usuários nas várias etapas do seu atendimento na UBS, desde a chegada para procurar informações até o trabalho de promoção de saúde realizado por grupos terapêuticos.

Nas reuniões dos grupos, profissionais de saúde conversam com os moradores semanalmente, permitindo a criação de um vínculo entre o médico, o psicólogo, o assistente social e o usuário que busca, junto a esse grupo, soluções para os problemas pessoais ou de saúde que está vivendo

Voluntários do bairro trabalham em parceria com os profissionais de saúde que coordenam os grupos de atendimento, permitindo uma comunicação mais fácil com os usuários que inicialmente poderiam se sentir inseguros de contar suas vidas, seus problemas, para pessoas que pouco conhecem.

Os velhos tiveram participação decisiva nas mobilizações desde o início do movimento e hoje são responsáveis por garantir a qualidade de atendimento de saúde na UBS Jardim Vera Cruz II.

Ao longo desta dissertação de mestrado, fica, desse modo, bem registrado todo o protagonismo dos velhos no Movimento Popular da Vila Anglo-Brasileira.

3.3.As relações intergeracionais

Se na Vila Anglo-Brasileira poder-se-ia dizer que tivesse havido uma ruptura do liame entre as idades, especialmente no caso de nossa sociedade contemporânea confrontada com as problemáticas trazidas pelo envelhecimento da população, tal fato deixou de existir, a partir do momento em que todos, ou melhor dizendo, todas as gerações residentes se engajaram na causa comum de se obter melhorias para cada cidadão ali residente, para o bairro, enfim.

Assim é que, numa mesma família, observava-se a convivência próxima entre membros de idades bem diferentes; harmonia ou conflito seriam as possibilidades que se poderiam ter nessa situação, evidentemente. Mas tudo dependeria de como os vínculos entre os familiares se criaram, ou se fortaleceram, vínculos que permitem troca de experiências, responsabilidade de um parente com o outro, afetividade, entendimento, tudo visando a uma vida familiar harmoniosa, sem conflitos sérios, e com uma atuação voltada ao bem comum.

Tributariamente ao envelhecimento populacional, com a instituição de novos arranjos familiares, a possibilidade de as famílias se reorganizarem e envelhecerem com várias gerações juntas, solidariamente, isso tudo levou ao fenômeno da intergeracionalidade. O tempo estendido da convivência familiar exigindo novas configurações familiares, com novos desafios, seja na redefinição de papéis de seus membros, seja quanto ao apoio e os cuidados às crianças e aos mais velhos. Dessa forma, sob a égide da intergeracionalidade estão, segundo Paz (2004, p. 249):

(...) o convívio e a pluralidade, a relação com as diferenças, tanto na perspectiva de pertencimento ao segmento e à organização específica, quanto na construção de uma convivência diversa e múltipla com outros segmentos sociais e etários(...).

Todos esses fatores citados são fundamentais para que a interação entre gerações ganhe uma dimensão mais relevante. O exercício da convivência entre gerações exige ações conjuntas de reciprocidade, de respeito mútuo, inclusive para compreender as diferenças existentes em que uma geração deve dar tempo a outra, para uma mudança de comportamento e opinião. A pluralidade de ideias com

respeito aos valores e direitos na execução de tarefas deve ser valorizada, evitando-se a subordinação ou a imposição de poder nas relações (LIMA, 2008).

A esse respeito, complementa Brotto (1999, p. 45) que:

Praticar a convivência e a cooperação é um exercício para o cotidiano. Como tal, é necessário que seja aprendido, aperfeiçoado, incluído como uma experiência interior, compartilhado com o mundo exterior e, então, reaprendido (...) num ciclo de ensinagem permanente.

Um esclarecimento importante que pode explicar um olhar, aqui, muito particular sobre o aspecto da intergeracionalidade. Embora, nesta dissertação, eu tenha envolvido o trabalho-conjunto, intergeracional, das famílias, envolvendo as mulheres, as crianças, os adultos moradores na Vila Anglo-Brasileira, estão aqui sendo mais focados os velhos da Vila Anglo-Brasileira; por isso, há uma grande referência a estes neste trabalho de dissertação.

3.4. As relações dentro do movimento dos moradores da Vila Anglo-Brasileira

Antes que falar nas relações entre os moradores, algumas palavrinhas para situar o bairro, cenário da pesquisa aqui explicitada: a Vila Anglo-Brasileira (ex-bairro Siciliano), situa-se na Zona Oeste de São Paulo, no distrito de Perdizes. Tem características muito diferentes dos outros bairros mais próximos: Jardim Vera Cruz, Sumarezinho, Pompéia, Jardim Ligia, Vila Romana, Pinheiros.

A Vila Anglo-Brasileira, majoritariamente residencial, tem casas de classe média, apresentando vias tortuosas, baixa verticalização e ruas semi-arborizadas. Também têm muitos moradores pobres, habitando pequenos cômodos construídos em alvenaria, em duas ruas que formam um vale: a Bica de Pedra e a Rifaina. Essas pequenas habitações em morros formam comunidades semelhantes às existentes nas regiões mais carentes de São Paulo.

Nessas casas moram famílias grandes em condição de vida muito precária. Geralmente são trabalhadores de pouca qualificação, diaristas, ajudantes de pedreiros, jovens que deixaram a escola e vivem com pais e avós.

No começo dos anos 80, a Vila Anglo-Brasileira era um bairro esquecido pelo poder público. Lá não havia equipamentos básicos para cuidar da população constituída por grande número de velhos e crianças. Tudo era distante e os moradores tinham muitas dificuldades para ter acesso a atendimento em uma UBS ou uma creche. O bairro, por se situar num vale, por isso chamado de “Barroca”,³ tem muitos escadões que ligam as ruas internamente, e também com as principais avenidas da região.

Muitos moradores não tinham condições físicas, em muitos casos nem dinheiro, para tomar várias conduções e buscar atendimento nas Unidades Básicas de Saúde ou creches dos bairros mais próximos.

Foi justamente para mudar essa realidade, que resolvemos nos organizar, a fim de criar um movimento popular no bairro, que pudesse exigir, da Prefeitura e do Governo do Estado de São Paulo, equipamentos públicos para atender os moradores da Vila Anglo-Brasileira e região na área social, da saúde, da educação, da cultura etc.

A seguir, explico como se deu o funcionamento das ações mobilizadoras no bairro:

As reuniões dos moradores passaram a ocorrer no núcleo do Partido dos Trabalhadores de Perdizes, a fim de se discutir como iniciar tal mobilização. A participação no renascimento do movimento estudantil nos anos 70, da luta sindical, de assembleias, manifestações públicas contra a ditadura militar, greves e a participação em lutas sociais, seguramente nos deu base para começar o movimento na Vila Anglo-Brasileira.

Por ter nascido no local, estudado em Escolas Públicas dali, jogado futebol em times do bairro, este aluno-pesquisador conhecia muitos moradores, professores, o padre da Igreja Católica, o que permitia um acesso fácil a eles. As

³ História do bairro, disponível em: <https://historiadavilaanglo.wordpress.com/2015/08/02/historia-da-vila-anglo-brasileira/>. Acesso em 01 fevereiro, 2018.

ideias e práticas dos leigos, padres e bispos da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base e dos ideais socialistas de como organizar a população, para que esta tivesse consciência de sua realidade e lutasse para modificá-la, inspiraram o movimento popular de luta por melhorias sociais.

Inicialmente procuramos a Igreja Católica e as escolas públicas do bairro, para explicar que pretendíamos reunir moradores para discutir os problemas da Vila Anglo-Brasileira; solicitávamos espaços para realizar assembleias nos finais de semana, e ajuda para divulgar as datas das assembleias. Nas missas eram lidos avisos, informando as datas e locais das assembleias dos moradores; as Escolas enviavam pelos alunos filipetas às suas famílias; distribuíamos também cerca de duas mil filipetas, de casa em casa do bairro, conversávamos com os moradores, convocando-os para que participassem das mobilizações para melhoria de nosso bairro.

O material de divulgação das assembleias era impresso no mimeógrafo a álcool da sede do Partido dos Trabalhadores em Perdizes, mas essas filipetas não tinham a assinatura do PT, mas a do Movimento de Moradores da Vila Anglo-Brasileira. Nossa intenção não era partidarizar o movimento mas, sim, torná-lo o mais amplo possível para mobilizar muitos moradores, independentemente de religião ou posição política.

As assembleias reuniam de sessenta a oitenta pessoas, em sua maioria mulheres. Os moradores se dividiam em pequenos grupos para discutir os problemas do bairro; depois um orador de cada grupo expunha para a assembleia as conclusões sobre quais seriam as necessidades mais prioritárias. No fim da primeira assembleia, ficou claro quais seriam: UBS, Creche, um Escadão ligando o centro do bairro a vias importantes da região, e um equipamento público para acolher as crianças e adolescentes que ficavam nas ruas fora do período escolar (que atualmente é chamado de CCA).

A partir daí, diversificamos nosso trabalho de busca de apoio: procuramos a Secretaria Estadual de Saúde para reivindicar a UBS; a Secretaria de Assistência Social, para lutar por uma Creche; e a Administração Regional da Lapa, para conseguir o Escadão. Nossas tentativas de diálogo com Prefeitura e Governo do

Estado, entretanto, não davam o resultado esperado. Foi quando decidimos tomar atitudes mais precisas: denunciar, por meio da imprensa, o descaso e o abandono da Vila Anglo-Brasileira pela Prefeitura de São Paulo e governo do Estado.

Passamos a ligar para os jornais de bairro, da grande imprensa, rádios e TVs, para solicitar que fossem veiculados os problemas da Vila Anglo-Brasileira, de que nosso bairro estava abandonado pelo poder público. A *Folha de São Paulo* em 1982 fez uma reportagem revelando que a Vila Anglo-Brasileira precisava de atenção urgente das autoridades de São Paulo (Figura 1). Jornais de bairro da Zona Oeste, a Rádio Bandeirantes, e o programa *TV Mulher*, da Rede Globo, também divulgaram matérias sobre nossas reivindicações.

Quando os meios de comunicação vinham nos entrevistar, convocávamos os moradores que compareciam em grande número para mostrar que nossas reivindicações representavam mesmo as necessidades do bairro.

Figura 1 - Vila Anglo quer melhorias



FONTE: Folha de São Paulo, 1982

Nunca personalizamos nosso movimento; sempre sugeríamos, aos repórteres, que entrevistassem as pessoas atingidas pelos problemas: para falar da necessidade da creche, as mães das crianças; para falar do Escadão, as pessoas que moravam ao lado do terreno onde queríamos a construção do Escadão. Dessa forma, preparávamos muitos moradores para que soubessem se expressar, defender as reivindicações do bairro e se tornassem líderes do movimento, porque um dos objetivos da nossa luta era criar cidadãos conscientes de seus direitos. Quem está imbuído de seus direitos, vai lutar por eles no bairro, no trabalho, na sociedade.

A presença de um grande número de moradores nas entrevistas e nas reportagens servia como pressão para que as secretarias da Prefeitura e do Estado resolvessem nos receber para discutir soluções às necessidades de equipamentos e

serviços da Vila Anglo-Brasileira. Todos os que estavam na Assembleia eram convidados a representar o bairro em audiências com representantes de órgãos públicos.

Aqueles que se dispunham a participar, no sentido de reivindicar nossos direitos, se reuniam dias antes para se preparar devidamente para as audiências. Discutíamos como falar organizadamente, como apresentar as reivindicações, exigir respostas e cobrar prazos para que pudéssemos ser atendidos.

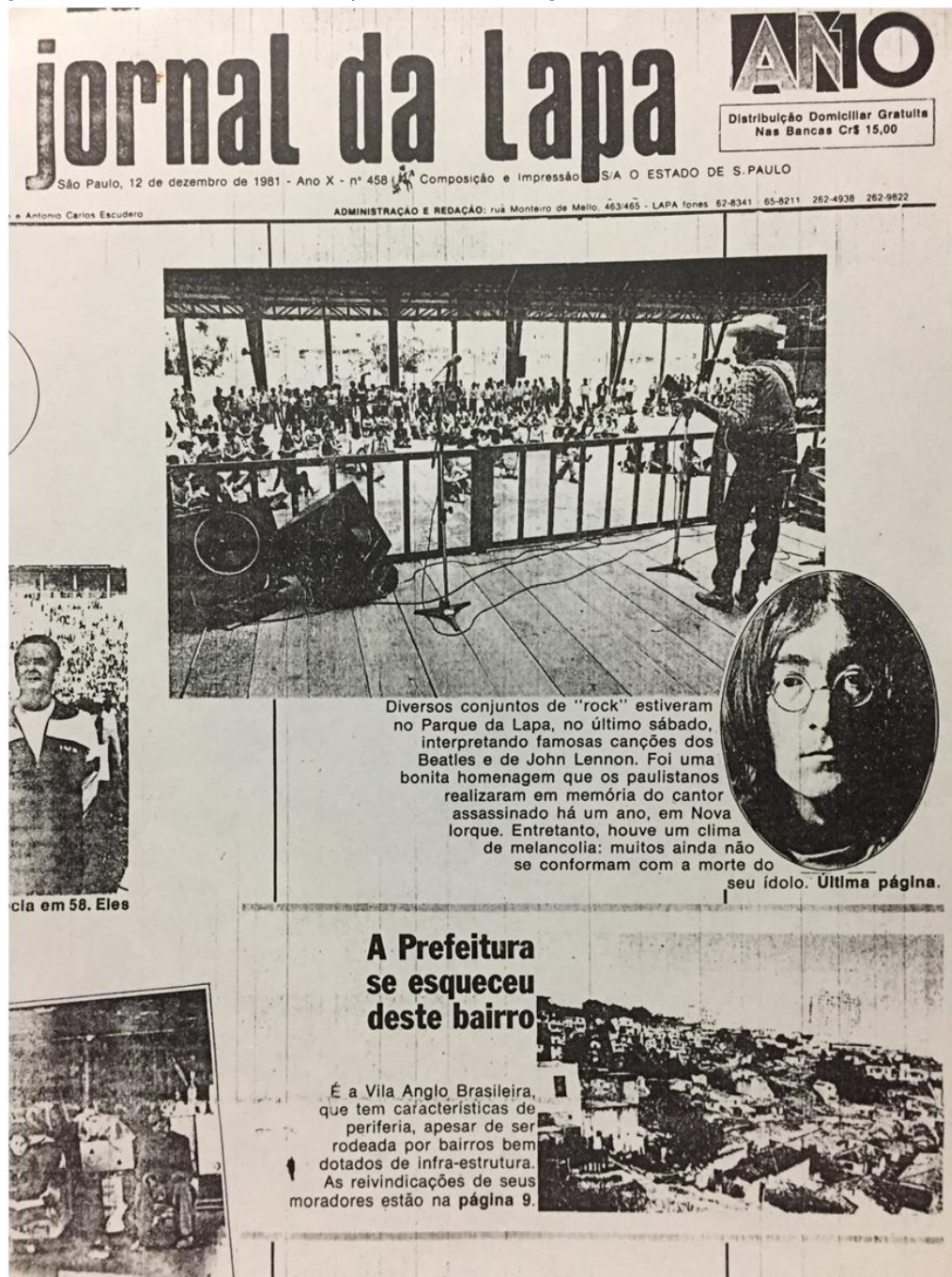
As assembleias da Vila Anglo-Brasileira me deram a alegria de conhecer muitas pessoas – na sua maior parte idosas - preocupadas em melhorar as condições de vida da região. Pessoas exemplares nessa luta foram as seguintes: Sra. Antonia Lucca Costa, 92 anos, Luiza Maria Vendrametto, 64 anos, Dona Polonia Rossi Bertelli, 86 anos, Sr. Antonio Melle, 94 anos e alguns que já faleceram: Sr. Manoel Costa; Sr. Gabriel Jimenez Lopes e Dona Ilda Jerônimo Ferreira. São eles modelos de uma participação de velhos na luta por justiça, cidadania e direitos sociais, a uma das populações mais carentes da cidade, pois estavam conscientes de que não seriam, eles próprios, os maiores usuários daqueles equipamentos, dado estarem quase todos em longevidade avançada: Dona Antonia e a Dona Polonia, como velhas senhoras do lar; o Sr. Antonio Melle, metalúrgico aposentado; a Dona Luiza Maria Vendrametto, funcionária pública aposentada; O Sr. Manoel Costa era um trabalhador da indústria do plástico aposentado; e o Sr. Gabriel Jimenez Lopes, um metalúrgico também aposentado; a Dona Ilda Jerônimo Ferreira, dona de casa.

É de se destacar que um movimento popular não se organiza e luta por suas reivindicações sem a dedicação, senso de humanidade, e solidariedade de pessoas verdadeiramente engajadas e com consciência política de seus deveres e direitos. Distribuir filipetas, conversar com moradores, colocar cartazes em bares e padarias, preparar e participar de assembleias do bairro, audiências com parlamentares e autoridades, tudo isso exige determinação e fé na luta pela conquista de melhores condições de vida para qualquer população carente de um bairro.

3.5. As relações humanas durante as conquistas do Movimento Popular da Vila Anglo-Brasileira

A primeira conquista do movimento foi a construção de um escadão público, que ligou a Rua Bica da Pedra, às principais vias da região Oeste: a Rua Heitor Penteado, e Avenida Cerro Corá, o que ocorreu em 1982 (Figuras 2a e 2b).

Figura 2 - A Prefeitura se esqueceu da Vila Anglo-Brasileira



(2a)

Fonte: Jornal da Lapa, 1982

VILA ANGLO BRASILEIRA: A Prefeitura se esqueceu deste bairro

Há cerca de dois meses os moradores da Vila Anglo Brasileira vêm se reunindo semanalmente para discutir os seus principais problemas: o bairro carece de um posto de saúde; de pelo menos uma linha de ônibus que seja de fácil acesso para maioria dos moradores; de uma creche para os filhos daqueles que trabalham; de melhor policiamento; de passagens de nível; de sinalização que propicie maior segurança aos pedestres que circulam pelas estreitas ruas da Vila... enfim, várias medidas para o melhoramento urbano e maior segurança de todos.

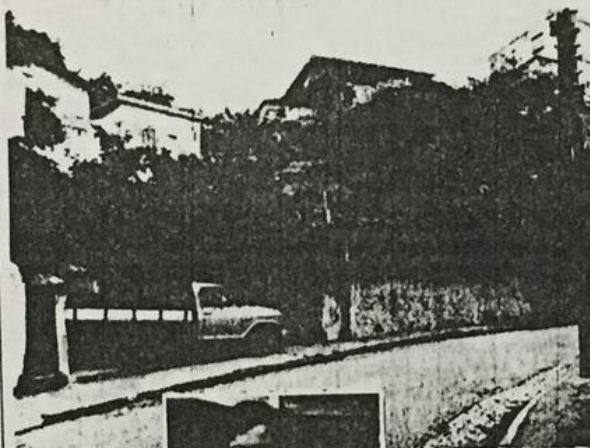
"Nosso bairro não deve existir no mapa da cidade, pois fomos esquecidos pela Prefeitura", disse sarcasticamente à nossa reportagem, um dos antigos moradores da Vila Anglo Brasileira. Ela tem todas as características de periferia, só que está localizada entre bairros dos mais bem atendidos e estruturados, como o Sumarézinho, a Pompéia, a Vila Romana e a Vila Ipojuca.

— Um Posto de Saúde —

Para a Vila Anglo Brasileira a medida mais urgente é a instalação de um posto de saúde. Mesmo porque, há cerca de um ano existia no bairro um posto da Secretaria Municipal de Higiene que ficava na rua Doutor Miranda de Azevedo e que foi desativado, ou melhor, transferido para a rua Padre Chico, na Pompéia.

"A Secretaria não sabe o mal que fez, removendo o posto daqui", comentou com a reportagem um dos moradores do bairro, Elias José Novellino. Juntamente com outras vinte pessoas que lá residem e que se reúnem uma vez por semana na Igreja da Vila, a Nossa Senhora Aparecida, Elias pretende formar uma comissão para reivindicar, da Secretaria Municipal de Higiene, a criação de um novo posto de Saúde.

"Não pretendemos que a Secretaria remova o posto da rua Padre Chico, trazendo de volta para cá. Queremos, e nos parece justo, que seja criado um novo posto de saúde na Vila Anglo", disse Elias, ressaltando que para serem vacinados, ou atendidos em regime de urgência, os moradores da Vila precisam levar os seus filhos a postos de outros bairros. "Isso custa tempo e dinheiro de condução e muita gente aqui vive com salário mínimo" desabafou Elias. Deve-se considerar, também, que não existe na Vila Anglo Brasileira nenhum hospital ou pronto-socorro que mantenha convênio com o Inamps."



Uma escadaria nesse terreno baldio ligaria as ruas Bica de Pedra com a avenida Heitor Penteado.

O processo para a construção da escadaria está engavetado há 5 anos na AR-Lapa.



Escadaria e ônibus

Há mais de cinco anos que os moradores da Vila Anglo Brasileira reivindicam da Prefeitura a construção de uma escadaria, num terreno baldio, a qual ligaria a rua Bica de Pedra com a rua Pedro Soares de Almeida, esta última, uma travessa da rua Heitor Penteado. A rua Bica de Pedra não possui travessas em sua extensão de 1 quilômetro, o que dificulta o acesso de seus moradores até a Heitor Penteado. Por isso a necessidade da construção da escadaria. Mesmo porque os alunos da escola Professor Mauro de Oliveira, que fica na rua Pedro Soares de Oliveira, precisam caminhar centenas de metros até alcançar suas residências nas ruas paralelas à Bica de Pedra, o mesmo acontecendo com os que vem da Heitor Penteado.

Dona Mercedes C. Venciguerra, residente na rua Bica de Pedra, já organizou um abaixo-assinado de várias páginas exigindo a construção da escadaria pela Administração Regional da Lapa. Ela mostrou à reportagem uma cópia do processo já aprovado pela Prefeitura, para a construção da passagem de nível, processo este datado de 4 de no-

vembro de 1976, já publicado no Diário Oficial, e que, segundo d. Mercedes, está "mofando" em alguma gaveta da Administração Regional da Lapa. Esta, por sua vez, alega a falta de verbas para a não realização das obras de construção das escadas.

A Vila Anglo Brasileira ressen-te, também, de um melhor atendimento com relação a transporte coletivo: há uma única linha, cujo ponto inicial fica na rua Dr Miranda de Azevedo e seus ônibus não passam nem por um terço das ruas do bairro. Assim, os moradores da Vila são obrigados a caminhar muito até alcançar aquele ponto.

Policiamento e segurança

Mas as necessidades da Vila não param aí. Falta policiamento nas horas noturnas. Segundo um dos moradores, "muitos grupos se reúnem para consumir tóxicos em plena rua. Além de desmoralizar o nosso bairro, esses viciados são ameaça para os moradores".

O povo da Vila Anglo quer também a colocação de placas de "atenção" e de obstáculo nas ruas estreitas do bairro, como é a rua Bica de Pedra, onde, segundo pessoas que lá residem, uma criança de quatro anos foi atropelada quando saía de sua casa, há nove meses.

A todos esses problemas pode-se juntar mais um: a escola de samba do bairro, a Águia de Ouro, não tem quadra para ensaiar e os sambistas já estão começando a se preocupar com os preparativos para o próximo carnaval, pois querem subir de grupo de qualquer maneira no ano que vem.

(2b)

Fonte: Jornal da Lapa, 1982. Na foto dessa reportagem a moradora, Mercedes Venciguerra, mostra a cópia de um processo aprovada na Prefeitura de São Paulo autorizando a construção do Escadão que ligaria a rua Bica de Pedra a algumas das principais avenidas da região Oeste de São Paulo.

A decisão sobre a construção dessa obra que tem 140 degraus foi de responsabilidade do Administrador Regional da Lapa, depois de uma reunião com doze moradores da Vila Anglo-Brasileira. Nesse encontro, no começo de 1982, numa sala da Administração Regional da Lapa, foi recebida a proposta de construção do Escadão desde que, em contrapartida, fosse feita a campanha de um vereador para a Câmara Municipal de São Paulo. Os moradores se entreolharam e rapidamente concordaram com a proposta do Administrador Regional da Lapa, ficando acertado que o material de campanha seria entregue regularmente em nossas casas. Verificamos que a sala de reunião estava repleta de material de campanha do candidato a governador pela extinta Arena e de vereadores do mesmo partido, desrespeitando a legislação que proíbe a utilização de prédios públicos para campanhas eleitorais. O material de campanha foi-nos entregue conforme combinado e, justamente porque tínhamos consciência de que “voto não se compra” e que, na eleição, iríamos votar em candidatos de nossa preferência, de imediato, tal material foi descartado. De qualquer forma, passada a eleição, felizmente se cumpriu o prometido pelos políticos: foi construído o Escadão (em 1982), permitindo que até hoje os moradores tenham acesso rapidamente aos pontos de ônibus na Rua Heitor Penteado em direção ao centro da cidade, e outros bairros: Pinheiros, Avenida Paulista, Metrô Vila Madalena, farmácias e bancos da região.

Inicialmente nosso movimento acontecia sem ter uma entidade reconhecida legalmente, mas, em 1983, resolvemos disputar as eleições da Sociedade Amigos da Vila Anglo-Brasileira. Fomos vitoriosos e, a partir desse momento, preparamos o terreno para que nossa instituição ganhasse condições legais de firmar convênios com a Prefeitura de São Paulo e o Governo do Estado de São Paulo.

A mobilização para conquistar outras reivindicações continuava, quando passamos a entender que, somente em contatos diretos e constantes com o Secretário Estadual de Saúde, e com o prefeito, iríamos conseguir a UBS, a Creche e o CCA, para a Vila Anglo-Brasileira.

Foi nesse propósito que fizemos contato com um deputado estadual, que marcou uma audiência dos moradores do bairro com o Secretário Estadual de Saúde, para que se reivindicasse a instalação urgente da UBS em nossa Vila.

Velhos moradores do bairro, a Dona Antonia Lucca Costa, o Sr. Manoel Costa, o Sr. Gabriel Jimenez Lopes e outros, fizeram parte de comissão de moradores que entregou ao Secretário de Saúde, um abaixo-assinado com milhares de assinaturas, pleiteando a UBS.

A maioria dos moradores do bairro tinha dificuldades para acessar as UBS da região, como dito antes, dadas as dificuldades da distância. Após essa reunião com os políticos, ficou decidida a criação da UBS em nosso bairro, que foi inaugurada no dia 07 de dezembro de 1983 (Figura 3), em uma casa alugada na Rua Felix Della Rosa.

Figura 3 - Inaugurado novo posto de saúde na Vila Anglo-Brasileira

jornal da Lapa

São Paulo, 10 de dezembro de 1983 — Ano XII — nº 559

Composição e Impressão OESP GRÁFICA S.A.

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua Monteiro de Mello, 463/465 - LAPA - fone: 262-9822

Secretário da Saúde entrega posto à comunidade



O Secretário de Saúde do Estado, João Yunes esteve na última semana na Vila Anglo Brasileira para entregar à população um posto de saúde, uma antiga reivindicação da região. Segundo ele a instalação deste posto é uma obrigação de sua Secretaria.

Página 7

Inaugurado novo posto de saúde na Vila Anglo-Brasileira



João Yunes esteve na inauguração e falou sobre as qualidades dos postos de saúde.

Os moradores da Vila Anglo-Brasileira ganharam nesta semana um novo Posto de Saúde do Estado, depois de terem perdido, há cerca de três anos, o posto da rua Dr. Miranda de Azevedo, o qual foi transferido para a rua Padre Chico, na Pompéia. Já o novo posto de saúde fica na rua Félix Della Rosa, número 560, e foi inaugurado na manhã de quarta-feira passada, com a presença do secretário de Saúde do Estado, João Yunes, além do presidente da Sociedade Amigos da Vila Anglo-Brasileira, Elias José Novellino, diversos representantes dessa entidade e inúmeros moradores do local.

No ato da entrega do posto à comunidade, após o descerramento da fita de inauguração, procedida juntamente com uma mãe moradora da Vila Anglo-Brasileira, o secretário João Yunes disse que a instalação do posto de saúde "nada mais é, que uma obrigação nossa. Por isso é que vale a pena a população se organizar, pois só assim é que ela consegue ter suas reivindicações atendidas. Por outro lado, ao entregarmos este posto a vocês, estamos sendo coerentes com a proposta primordial do Governo do Estado, que é de promover melhorias na área social". Por fim, o secretário frisou a importância da organização popular. "É preciso que nos organizemos, inclusive na luta por eleições diretas, pois só com a escolha de seus legítimos representantes é que o povo pode ser bem atendido", comentou João Yunes.

Reivindicação: prédio próprio

Assim que chegou à rua Félix Della Rosa, o secretário da Saúde recebeu das mãos do presidente da SAVAB um documento reivindicando a construção de um prédio próprio para o posto de saúde, já que ele está instalado em uma casa alugada, cujo contrato vence daqui a dois anos. Ao pedido, João Yunes respondeu que "vamos solicitar financiamento ao Governo Federal. Por outro lado, se conseguirmos suplementação de verbas para o setor de saúde, este posto terá a sua casa própria". Entretanto, uma assistente social que trabalha na assessoria do secretário esclareceu que a instalação do centro de saúde de Vila Anglo-Brasileira em um prédio próprio vai depender de colocar a questão em termos de prioridade e da sua inclusão no Programa de Rede Básica, que também é pretendida por bairros como Vila Mariana, Belenzinho e Santa Cecília. Portanto, cabe à Vila Anglo-Brasileira lutar pela sua inclusão no programa, caso contrário poderá ficar novamente sem posto de saúde.

Segundo a chefe administrativa do novo Posto de Saúde da Vila Anglo-Brasileira, Maria Inês Poncini Chaves, "estamos supridos com vários tipos de medicamentos e leite. Trabalhamos com três médicos (um para gestantes e dois pediatras), dois visitantes sanitários, uma atendente e uma servente. Estamos necessitando, portanto, de uma enfermeira-padrão e mais visitantes sanitários. Nas atuais condições, podemos dar atendimento a cerca de 50 pessoas por dia". A administradora informou que, além do atendimento a casos de hanseníase (lepra), o posto de saúde ministra aplicações de vacinas Sabin, tríplice, sarampo, BCG, tetânica e dupla (anti tetânica e tríplice).

Na Lapa, você encontra Tony Marcel nos seguintes endereços:

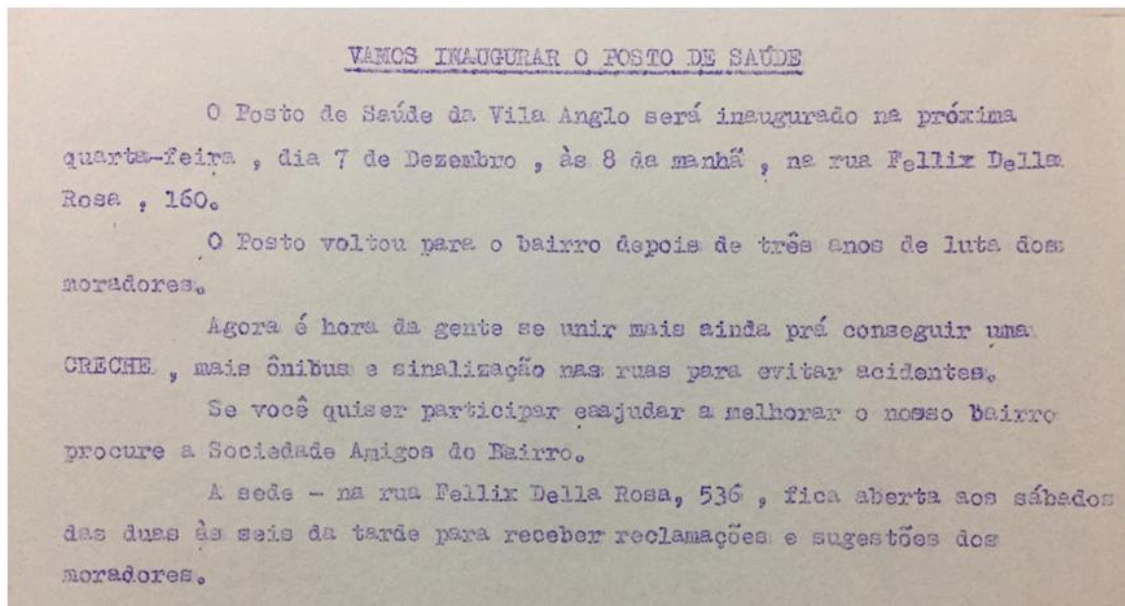
Kaprice Boutique - r. 12 de Outubro, 577
 Espaço Jeans - Shopping Matarazzo, loja 59
 Tina Boutique - Shopping da Lapa, loja R3, piso 2

Tony Marcel
 Moda de Qualidade
 Fábrica: av. Inajar de Souza, 1001,
 tels. 265-6748 e 266-2752

Fonte: Jornal da Lapa, 1983.

A Figura 4 mostra a filipeta que foi distribuída para a comunidade, convocando a todos para participarem da inauguração da UBS:

Figura 4 - Vamos inaugurar o posto de saúde



Fonte: O Autor, 1983

A festa de inauguração foi auspiciosa, mas continuávamos mobilizados para garantir a qualidade do atendimento à população e impedir que, no vencimento do aluguel do imóvel, a UBS fosse fechada ou transferida para outro bairro, por falta de acordo sobre o aluguel entre o proprietário do imóvel e a Secretaria Estadual de Saúde.

Seria, pois, imprescindível ter naquele bairro uma UBS com sede própria: justamente porque – e todos os moradores tinham claras as razões – a UBS Jardim Vera Cruz passaria a ser, desde a sua instituição em 1983, a principal porta de entrada e centro de comunicação com toda a Rede de Atenção à Saúde.

E mais: que a UBS desempenharia papel central na garantia de acesso a uma atenção à saúde de qualidade a todos, crianças, jovens ou velhos. Sua função acima de tudo é promover e proteger a saúde de todos os que dela necessitam: prevenir agravos, fazer o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde da população circunvizinha a essa unidade, com o

objetivo de desenvolver uma atenção integral que contribua para a situação de saúde e autonomia das pessoas.

Numa UBS, seria possível que os moradores da Vila recebessem atendimentos básicos e gratuitos em pediatria, ginecologia, clínica geral, enfermagem e odontologia, recebendo atendimento em consultas médicas, inalações, injeções, curativos, vacinas, coleta de exames laboratoriais, tratamento odontológico, fornecimento de medicação básica e encaminhamentos externos para especialidades ou internações. A UBS faz parte da chamada Atenção Primária; o nível intermediário de atenção está a cargo do SAMU 192 (serviço de atendimento móvel às emergências), das UPA (Unidades de Pronto-Atendimento), sendo que o atendimento de média e alta complexidade deve ser encaminhado para hospitais.⁴

A experiência que vivemos de participação popular na conquista e desenvolvimento das atividades da UBS Jardim Vera Cruz mostra que é possível e produtiva a integração de moradores, funcionários e médicos na construção de um atendimento de qualidade para a população.

Os moradores que começaram a mobilização em 1980 para conseguir uma UBS para a Vila Anglo-Brasileira, a qual foi inaugurada em 1983, passaram a frequentar constantemente a unidade para conhecer os funcionários, acompanhar o atendimento à população e aprender como funcionava a saúde no município. Eles se colocaram à disposição dos funcionários para fazer tudo o que fosse possível para o bom funcionamento da unidade.

Funcionários e médicos interessados em atender bem a população perceberam que poderiam contar com os moradores para conseguir o que fosse necessário para um atendimento na UBS de qualidade para a população. Tínhamos reuniões constantes com os funcionários e médicos para saber se faltavam médicos, funcionários, medicamentos e, com essas informações, pedíamos audiências para pleitear o que faltava na UBS à Secretaria Estadual de Saúde. Nem sempre conseguíamos tudo que a UBS necessitava, mas muitas vezes conseguimos fazer com que a Secretaria Estadual de Saúde contratasse funcionários, regularizasse o fornecimento de medicamentos. Essas conquistas mostravam, na prática, nosso

⁴Informações disponíveis em: <http://www.pac.gov.br/infraestrutura-social-e-urbana/ubs-unidade-basica-de-saude> e também em: <http://jupira-joice.blogspot.com/2009/04/>. Acesso em 01 dezembro, 2017.

interesse num atendimento de qualidade para a população e fortaleciam a união entre os trabalhadores da UBS e os moradores do bairro.

Depois de algum tempo, em 1987, a casa alugada onde funcionava a UBS ficou pequena para as necessidades do bairro e conseguimos a transferência da UBS para outro imóvel na Rua Mundo Novo, ainda dentro dos limites da Vila Anglo-Brasileira.

Nossa atenção com a UBS era total, porque já tínhamos a amarga experiência de ver uma UBS, que era de nosso bairro, ser transferida, em 1979, para um prédio muito distante da Vila Anglo-Brasileira por causa da falta de acordo sobre o aluguel entre o proprietário e a Secretaria Estadual da Saúde.

É importante destacar que nossa participação na vida da UBS Jardim Vera Cruz começou cinco anos antes da aprovação na Constituição de 1988 da participação popular na saúde através dos Conselhos Gestores.

Foi dessa união entre moradores e funcionários da UBS que surgiu o “Grupo Caravelas” que, desde 1997, reúne os velhos da região para orientá-los sobre como cuidar da saúde, organizar atividades de lazer e ter uma velhice feliz.

Quando a Dra. Shirley Tunda Rizzo pediu à Dra. Marisa Barboza de Oliveira Gioia que tentasse organizar um grupo de Idosos, duas mulheres, a Dona Antonia de Lucca Costa e Dona Polonia Rossi Bertelli, saíram pelo bairro, pedindo aos velhos que fizessem parte desse grupo para melhorar suas condições de vida.

O Grupo Caravelas se reuniu inicialmente na UBS e depois numa sala do prédio da Escola Clóvis Bevilacqua que fica na Rua Daniel Cardoso, na Vila Anglo-Brasileira. Reuniam-se os velhos para discutir seus problemas em conversas com psicólogos, nutricionistas. Faziam bingos, organizavam e faziam passeios de ônibus e montavam peças de teatro. E também conversavam sobre como continuar as mobilizações para melhorar a UBS e conquistar um prédio próprio para essa unidade de saúde.

3.6. A inauguração do prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II

A mobilização para a conquista do prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II era contínua, persistente.

Fizeram também parte dessa mobilização para conquistar o prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II também alguns deputados federais, e deputados estaduais, que acolheram os moradores, várias vezes, para um contato direto com assessores ou com o governador, no Palácio Bandeirantes. Nesses contatos, o governador prometia destinar verbas para a construção da UBS, mas a decisão de construir não era tomada.

Os moradores passaram a seguir o governador, em eventos públicos, por exemplo, nas campanhas de vacinação, para cobrá-lo sobre a construção da UBS em nosso bairro. Em 2002 participamos de reuniões do Orçamento Participativo da Prefeitura de São Paulo, quando todos os bairros da região aprovaram a criação da UBS da Vila Anglo-Brasileira como a prioridade da região. O governador na época se antecipou à construção que seria feita pela Prefeitura e decidiu construir a UBS em um terreno público na Rua Saramenha, n.º 60, no Sumarezinho.

Era impossível criar uma UBS na Vila Anglo-Brasileira porque não existiam áreas públicas desocupadas e ficamos satisfeitos com a construção da Unidade Básica de Saúde numa rua próxima chamada Saramenha, porque dali ninguém iria tirá-la por qualquer motivo. Em 1979, como dito antes, a UBS da Vila Anglo-Brasileira havia sido transferida de uma rua do bairro e levada para uma rua mais distante, em Perdizes, o que tornava impossível a sua utilização pela maioria dos moradores do bairro. Por isso, a UBS do nosso bairro tem o nome de UBS Jardim Vera Cruz II, um bairro vizinho à Vila Anglo-Brasileira.

A inauguração da UBS Jardim Vera Cruz II, no dia 4 de agosto de 2003, foi um momento inesquecível em nossas vidas e foi registrada em jornais da região (Figuras 5, 6 e 7).

Figura 5 - Mudança em posto

9 a 15 de agosto de 2003 • Ano 2 • nº 72 • Distribuição gratuita

Jornal da Gente

Foto: Tiago Gonçalves



Governador Geraldo Alckmin durante cerimônia de entrega do Posto de Saúde Jardim Vera Cruz II, em Vila Anglo

MUDANÇA EM POSTO

O governador Geraldo Alckmin participou da cerimônia de transferência do controle do Posto de Saúde de Vila Anglo para a Prefeitura. A unidade foi concluída recentemente e ainda necessita de equipamentos para um atendimento adequado. **Página 5**

Concurso de Poesia e Desenho define os vencedores
Página 4

Palestra na Uninove debaterá ecologia na região
Página 6

SEGURANÇA



Condomínios ★ Empresas
Residências ★ Eventos ★ Portarias
Com o menor custo/benefício
Profissionalismo e confiança acima de qualquer suspeita, atuando há mais de 10 anos no mercado de segurança.
Rua Tucuna, 994 - Perdizes
Tel/fax: 3862-2276
GRUPO HOMENS DE PRETO
www.homensdepreto.com.br

Fonte: Jornal da Gente, 2003. Nessa foto o único homem é o Sr. Gabriel Jimenez Lopes, infelizmente já falecido e a mulher negra é Dona Irma de Jesus Silveira, uma das entrevistadas para esta investigação de mestrado.

Figura 6 - Moradores da Vila Anglo-Brasileira conquistam sede própria para posto de Saúde



Fonte: *Jornal Nosso Bairro*, 2003. Nessa foto na inauguração do prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II, Dona Polonia Rossi Bertelli aparece ao lado do padre do bairro, do governador do Estado e do Secretária Estadual de Saúde.

Figura 7 - Após 23 anos de luta, Vila Anglo-Brasileira terá posto de saúde em definitivo

São Paulo, 9 a 15 de agosto de 2003.

Após 23 anos de luta, Vila Anglo-Brasileira terá posto de saúde em definitivo

Carlos Alberto Praça

A Unidade Básica de Saúde (UBS) Jardim Vera Cruz, na Vila Anglo-Brasileira, estava há 20 anos ocupando imóveis alugados o que gerava preocupação para os moradores a cada renovação de contrato. O medo permanente de perder o posto e também as sucessivas mudanças de endereço fez os moradores permanecerem lutando desde o início dos anos 80. Mas desde a última segunda-feira, dia 4, o bairro conta com um prédio próprio para abrigar a UBS. O governador Geraldo Alckmin, acompanhado do Secretário de Saúde, Luiz Roberto Barradas Barata visitou o edifício que tem 443 metros quadrados de área construída, e foi erguido pelo Estado, com investimento de R\$ 342 mil. A nova unidade foi municipalizada e entrará em funcionamento apenas no final do mês.

A unidade conta com cerca de 20 salas, com ala administrativa restrita e de atendimento. São consultórios, salas de vacinação, medicação, curativos, coleta de material para laboratório e de enfermagem, além de módulo odontológico. A UBS também tem espaço reservado para agentes comunitários e sala de expurgo e esterilização. O padre Raimundo Rosimar do Paróquia Nossa Senhora Aparecida, do próprio bairro, benzeu o local, pedindo aos presentes que mantivessem a fé e a esperança. "Foi uma luta de 20 anos, agora precisamos de bons profissionais e equipamentos", afirmou. Após a solenidade oficial os presentes quebraram o protocolo, que era totalmente informal, e entoaram o Hino Nacional. A atitude foi aplaudida por Alckmin que parabenizou os moradores e fez questão de tirar fotos com o grupo.

Segundo a Diretora da unidade, Shirley Tunda Rizzo, inicialmente serão oferecidas as mesmas especialidades à população: clínica médica, pediatria, ginecologia e obstetrícia.

Segundo o governador além de um endereço próprio e fixo, o posto conta com outras vantagens. "A unidade passa a ter espaço adequado, com instalações modernas, bonito, para atender com bastante carinho e qualidade à população. Este novo prédio está dentro dos parâmetros estabelecidos pela Vigilância Sanitária, com todas as exigências de engenharia", afirmou Alckmin. A UBS, que atende muitos idosos, ocupa hoje um imóvel residencial adaptado, sendo inadequado, já que conta com escada.", afirmou Alckmin.

Posto foi municipalizado

As chaves da UBS foram entregues à prefeitura, que ficou responsável pela mudança e operacionalização do posto. Isso acontecerá porque a rede básica de Saúde, de acordo com as normas do Sistema Único de Saúde (SUS), é de responsabilidade do município. "Todas as unidades de Saúde do Estado passaram para o município, inclusive o Qualis, que o Governo tinha como menina dos olhos. A rigor, quem deveria construir este prédio era a prefeitura. Como nós tínhamos um antigo compromisso com a comunidade antes da municipalização, o Estado cons-

truiu o prédio", explicou o governador. Ainda segundo Alckmin a sede própria possibilitará uma economia ao Município, que poderá gastar o dinheiro do aluguel em melhorias no atendimento.

Segundo Alckmin, o princípio da municipalização é correto. "O atendimento primário, que inclui consulta, vacina, exames, todos aqueles serviços que não envolvem especialidades e internação, deve ser feito pelo município. Toda a rede de Postos de Saúde é de atendimento primário. Na municipalização plena, se vai mais longe, passando até a rede hospitalar para os municípios. Nós só não passamos a rede hospitalar do Estado porque ela é de alta complexidade. Por ser onerosa, a prefeitura teria muita dificuldade de manter", destacou. Ele informou que o orçamento do Complexo do Hospital das Clínicas, incluindo todos os institutos, é de cerca de meio bilhão de reais por ano provenientes de recursos do Tesouro de São Paulo.

Segundo a Coordenadora de Saúde da Subprefeitura da Lapa, Selma Maria de Paiva Santos o prédio precisará de algumas adaptações para melhoria da segurança. "Estamos contratando um serraleiro para instalar grades e cercas de proteção, mas dependemos de verbas para a conclusão das adaptações. Até o final do ano ele estará dentro do mesmo parâmetro do programa Saúde da Família com algumas novidades", afirmou.

Rua Saramenha, 60 (esquina com a rua Francisco Balard) - Vila Anglo-Brasileira. Telefone: 3673-8552. Telefones comunitários 3801-0421 e 3879-0055. Endereço atual: Rua Pedro Soares de Almeida, 134. Telefone 3673-8552.

Luta comunitária de resultados

Segundo a presidente da Sociedade Vila Anglo-Brasileira, Elza Regina Pacheco da Silva a luta pelo posto teve início em 1980. "Em 1983, o posto foi inaugurado em um imóvel alugado. Começamos a nos reunir nos fundos da igreja e lutando por um endereço definitivo no próprio bairro.", destaca. Segundo o tesoureiro da associação, Elias José Novellino, presidente da entidade na época, a cada renovação de contrato ou aluguel atrasado havia uma grande preocupação dos moradores. "Fazíamos abaixo-assinados, visita aos gabinetes de deputados e à Secretaria da Saúde. Precisamos muito do posto já que 17% da população do bairro é composta por idosos.", afirmou. Mas a luta ainda não terminou, os moradores pleitearam junto ao secretário da Saúde, que o local tenha equipamentos adequados. E no terreno vizinho, também do Governo do Estado de São Paulo seja construído um Centro de Convivência para a Terceira Idade. A assessoria do secretário irá agendar uma audiência.

CHEQUE ESPECIAL CARTÃO DE CRÉDITO
Assessoria jurídica para revisar e reduzir dívidas bancárias, cartão de crédito, leasing e SPH.
Dr. Wagner Staheli - OAB 144.514
Fone: 3832-3131 / 3644-7324

Feliz dia dos Pais
A todos os PAIS
Os nossos PARABÉNS!!
E as boas vindas à nossa família Querida!!
Rua Saramenha, 60 - Vila Anglo-Brasileira
São Paulo - Telefone: 3673-8552
Período: 09/08 - 15/08/2003

Crédito Pessoal
Sem cheques e sem com...
Servidores Públicos do Gov...
ativos e aposentados. Pensão...
Dinheiro sem cheque e sem c...
e sem avalista. Mesmo pagan...
3676-1389 / 3801-0...

CD
COMÉRCIO DE

Fonte: Jornal Nosso Bairro, 2003. Na primeira foto deste jornal, um morador, Elias José Novellino e uma moradora, Polônia Rossi Bertelli, entregam, no dia da inauguração da UBS, para o Secretário Estadual de Saúde, um documento reivindicando a contratação de médicos e funcionários a fim de melhorar o atendimento à população.

A UBS estava lotada de moradores na sua inauguração, porque divulgávamos tal acontecimento nas missas, nas escolas, e de casa em casa. Fizemos uma homenagem às diretoras, médicas, funcionárias e mulheres do bairro que participaram da luta desde 1979, dentre elas, a Dona Antonia de Lucca, a Dona Polonia Rossi Bertelli na inauguração, a Dra. Marisa Gioia que falou no ato em nome dos trabalhadores da UBS. Como representante da comunidade, este pesquisador falou sobre os 23 anos de luta para conseguirmos esse equipamento de saúde, dando destaque à participação popular que garantiu a conquista. Foram lidos os nomes de sessenta pessoas que fizeram parte desse movimento, lamentando-se a perda, infelizmente, de alguns moradores, como o Sr. Manoel Costa, não mais entre nós para esta comemoração-conjunta. A Dona Antonia de Lucca definiu bem, nesse dia, todo o esforço, paciência e determinação para encarar uma luta tão longa como esta: *“Eu pensei que não estaria viva para ver a inauguração do Posto de Saúde!”*.

A UBS foi inaugurada na gestão de uma prefeita da capital paulistana, com a Prefeitura tendo aderido ao SUS, dado que, até aquele momento, a cidade oferecia o Plano de Atendimento à Saúde (PAS), criado por um ex-prefeito — uma tentativa de sua iniciativa em privatizar a saúde, mas sem ligação com o SUS, o que ocorria em outras cidades do país.

O SUS previa a criação de um Conselho Gestor da UBS que foi rapidamente criado com a participação de moradores e funcionários. Os conselheiros foram eleitos pela comunidade como determina a lei. A Dona Antonia de Lucca Costa e Dona Polonia Bertelli participaram ativamente desse Conselho Gestor. Os velhos eram maioria nesse Conselho, que se reunia mensalmente e discutia os problemas da UBS, como falta de funcionários e médicos, consertos em partes do prédio avariadas, e falta de remédios. Os moradores compareciam às reuniões do Conselho Gestor para reclamar do atendimento dado à população, sobre a falta de médicos e de remédios e, em conjunto com os funcionários, nos mobilizávamos para cobrar a Secretaria Municipal de Saúde e resolver tais problemas que ocorriam na UBS, por causa de falhas dos funcionários ou de atitudes mal-educadas de usuários.

O Conselho Gestor continuou contando com o apoio dos moradores do bairro para que estes participassem das mobilizações, a fim de melhorar o atendimento da UBS, e também esclarecia a população sobre os serviços que essa unidade de

saúde prestava para evitar, por exemplo, que ela fosse vista como um Pronto-Atendimento, que é de responsabilidade de Hospitais, e não de uma Unidade Básica de Saúde.

A UBS Jardim Vera Cruz II, inaugurada que foi em agosto de 2003, não contava em dezembro desse ano, senão com um clínico, sendo impossível que este atendesse a todos os pacientes que necessitavam de atendimento, que não eram poucos. Para agendar uma consulta, o morador esperava dois meses, embora nem todos tivessem condição de tanto esperar; por isso, filas se formavam logo cedo no portão da UBS Jardim Vera Cruz, com doentes ansiando pelo contato com um clínico. Para encaminhar essa situação, funcionários e comunidade se reuniram e decidiram criar Grupos de Acolhimento. Assim, três funcionários e um morador se encarregaram de receber aqueles que buscavam a consulta com o clínico, direcionando os casos para esta ou aquela especialidade.

3.7.Os Grupos de Acolhimento na UBS Jardim Vera Cruz II

Os Grupos de Acolhimento passaram a contar com o apoio de outros médicos, enfermeiros, técnicos, inclusive de muitos moradores que colaboravam para encaminhar as questões de saúde do bairro; quando os usuários chegavam, passaram a ser recebidos pelos participantes de um Grupo de Acolhimento e, em uma mesma sala, eram ouvidos pelos profissionais de saúde. O médico do grupo constata qual era o problema de saúde do usuário, e o encaminhava para o especialista que deveria cuidar das pessoas; geralmente eram casos para cardiologistas, ortopedistas; também existiam pessoas que precisavam de receitas para retirar medicamentos que tomavam regularmente, e o médico do Grupo de Acolhimento já fornecia essa receita.

Esses Grupos resolviam a maioria dos casos dos usuários que procuravam o clínico, pondo fim à longa espera para uma consulta, e contribuindo para diminuir casos de pessoas com dores e sem tratamento para suas doenças.

O colaborador do Grupo de Acolhimento funcionava, de fato, como um facilitador do trabalho dos profissionais de saúde: encaminhava prontuários para o

setor de marcação de consultas; renovava cópias de receitas; conversava com pessoas que procuravam o clínico. Esse trabalho-conjunto entre comunidade e profissionais da saúde mostrou que a participação popular na saúde é muito importante, porque ajuda a resolver os problemas de saúde de uma região e dá, muitas vezes, credibilidade ao que é feito numa UBS.

A voluntária, Luiza Maria Vendrametto, por exemplo, revelou, em depoimento dado para esta pesquisa, que, no dia 03 de dezembro de 2003, quinhentas pessoas estavam em uma fila para conseguir a consulta com um clínico geral. Mas que, até o meio-dia, a maioria já havia sido atendida, dada a diversidade de razões para a ida à UBS, não propriamente para uma consulta médica: muitos precisavam simplesmente de nova receita médica para retirar medicamentos, muito embora cerca de oitenta por cento das pessoas necessitasse de atendimento para saúde mental. Tais Grupos de Acolhimento funcionaram de dezembro de 2003 a março de 2004.

3.8.As relações dentro dos Grupos de velhos e outros da UBS

O grupo de velhos do bairro, chamado “Grupo Caravelas” (fundado em 1997), reunia-se no prédio de uma antiga escola pública que ora havia se transformado em Creche indireta da Prefeitura de São Paulo, administrada por uma entidade evangélica. Num dado dia, essa Creche comunicou à UBS que o “Grupo Caravelas” não poderia mais realizar as reuniões semanais nas suas salas.

Então, nos reunimos com essa entidade e funcionários da Secretaria Municipal de Educação, para mostrar que tal decisão era um tanto intempestiva e também absurda, dado que aquele prédio, onde já havia funcionado uma escola pública, tinha espaço suficiente para abrigar as crianças e as atividades dos idosos. No dia seguinte a essa reunião, a UBS recebeu um fax da Secretaria Municipal de Educação, licenciando em definitivo as atividades do “Grupo Caravelas” no prédio da Creche.

Entretanto, em sendo considerada muito desrespeitosa a atitude da entidade evangélica administradora da Creche, os velhos, diante disso, não mais aceitaram voltar para o espaço da Creche, passando a realizar suas atividades no pátio da

UBS. Mas tiveram que enfrentar o sol já que as reuniões se davam ao ar livre e, quando chovia, já não era possível realizá-las, situação essa que não poderia continuar; decidimos, então, iniciar uma nova mobilização, desta vez para solicitar dos órgãos competentes a construção de um Centro específico aos Idosos, numa área pública ao lado da UBS que estava desocupada.

Um Centro de Convivência de Velhos, junto à UBS Jardim Vera Cruz, justificava-se porque sua construção (que se deu de 2006-2007), permitiria o atendimento prioritário a velhos da região, que ali receberiam orientações de saúde, de atividades físicas, culturais, e atividades de ocupação do tempo livre.

Para tal, fizemos uma assembleia de bairro após o que se pleiteou uma audiência com a Secretaria Municipal de Saúde, que respondeu não dispor de recursos para construir o solicitado Centro de Idosos; decidimos que iríamos procurar os vereadores da cidade para solicitar verbas do dinheiro das emendas dos parlamentares. Procuramos um vereador de cada partido na Câmara Municipal de São Paulo e os convidamos para uma assembleia de bairro, num sábado, na Sociedade Amigos da Vila Anglo-Brasileira, em que estiveram presentes representantes de uma vereadora do PT, e outro vereador, do PSDB. Nessa assembleia, solicitamos que eles, como dito antes, destinassem verbas das emendas para a construção do espaço que seria utilizado prioritariamente pelos velhos do bairro e região. Os vereadores cumpriram a promessa feita: destinaram recursos das emendas para a construção desse espaço; a partir daí, acompanhávamos, nas Secretarias da Prefeitura de São Paulo, a liberação da aplicação dos recursos. O espaço destinado ao “Grupo Caravelas” foi inaugurado por volta do ano de 2007.

Essa conquista garantiu a continuidade desse grupo de velhos, permitiu a expansão do atendimento ao segmento idoso, e possibilitou a criação de outros grupos de saúde que funcionam até hoje na UBS Jardim Vera Cruz II.

Mas em 2010, o anexo da UBS Jardim Vera Cruz, espaço em que os grupos se reuniam, foi fechado diante da iminente queda de uma grande árvore, que fica dentro da UBS.

Novamente fomos até a Secretaria Municipal de Saúde pedir providências para não interromper o atendimento aos velhos, mas ouvimos a resposta de que a Prefeitura de São Paulo não dispunha de recursos financeiros para a obra necessária à remoção da grande árvore que ameaçava cair sobre o espaço onde se reuniam os grupos da UBS.

Voltamos a nos reunir com representantes de alguns dos vereadores do PT, e do PSDB, quando conseguimos novos recursos de emendas dos parlamentares para executar essa obra na UBS, que os grupos voltassem a se reunir ali normalmente.

Nesse anexo à UBS Jardim Vera Cruz, funcionam hoje diversos Grupos Educativos e Terapêuticos de Planejamento Familiar, Gestantes, de Dor, de prevenção contra o Tabagismo, Relaxamento, Voluntariado, Terapia Comum Comunitária e Psicoterapia. Além destes, aí também passaram a funcionar os grupos de Medicina Tradicional e Práticas Integrativas de Saúde, como Tai Chi e Dança Circular.

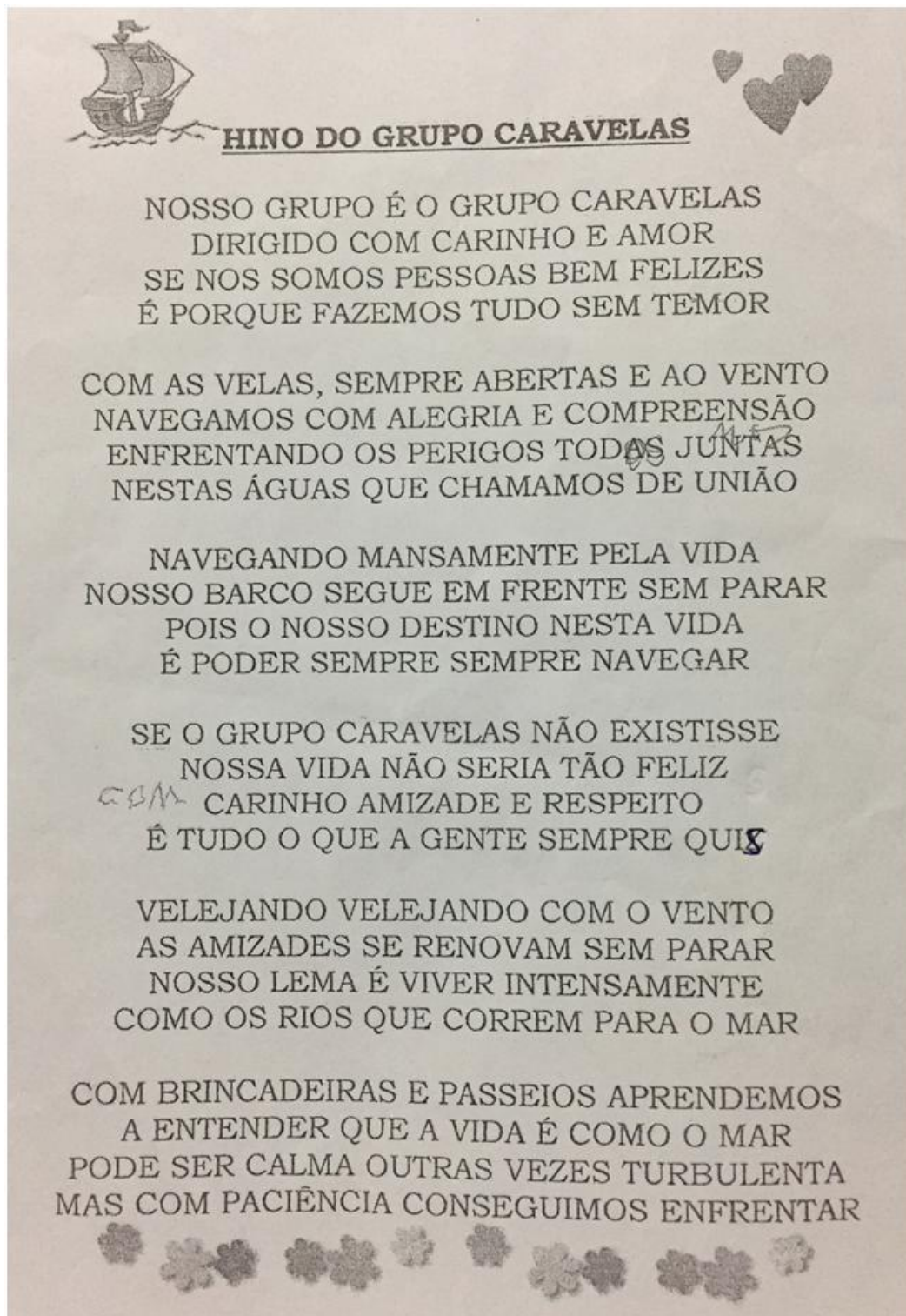
Como foi exposto, toda a mobilização para a conquista do Centro de Convivência dos Velhos possibilitou a criação de outros grupos Terapêuticos que funcionam no mesmo espaço anexo à UBS Jardim Vera Cruz.

O Grupo Caravelas que já completou 21 anos se reúne todas as quartas-feiras, à tarde, no Anexo da UBS Jardim Vera Cruz, chegando a reunir até cinquenta pessoas. Ele é coordenado por dois psicólogos da UBS e pela Dra. Mariza Gioia que, mesmo aposentada há dez anos, continua atuando para melhorar a vida dos velhos na cidade de São Paulo.

Entre as atividades do grupo Caravelas estão: palestras sobre saúde, rodas de conversa sobre os problemas da vida das pessoas e bingos que acabam financiando os passeios que os velhos fazem a vários pontos turísticos da capital paulistana e do interior do Estado.

A Figura 8, a seguir, mostra o hino que os velhos do Grupo Caravelas cantam a cada encerramento de suas reuniões, nas tardes de quarta-feira.

Figura 8 - Hino do Grupo Caravelas



Fonte: Grupo Caravelas, 2017.

3.9.As relações dentro do “Grupo Terapia Comunitária”

As pessoas que procuravam o grupo, via de regra, apresentavam sintomas de problemas com a saúde: depressão, síndrome do pânico, traumas de assalto, transtorno bipolar, luto, esquecimento, tristezas, angústias, aflições, e começavam a participar das reuniões de grupo, visando a uma terapia comunitária.

Muitas pessoas, que chegavam transtornadas pelo sofrimento, ao contarem seus problemas e ouvirem os problemas dos demais, segundo a orientação de uma terapia comunitária, já saíam, na maioria das vezes, mais aliviadas em seu sofrimento e, nas reuniões seguintes, já iam compartilhando com o grupo seus saberes, e se acalmando, falando de forma mais clara sobre o que as fazia sofrer. Todo o atendimento e andamento do grupo é coordenado por um psicólogo, funcionário da UBS que, quando necessário, faz no final da reunião o encaminhamento devido. As coordenadoras do grupo se comunicam com os médicos para cuidar em conjunto dos participantes. Essa troca de informações permite que, em alguns casos, as pessoas do grupo que estão tomando remédios tenham doses mantidas, diminuídas e ou até parem de consumir remédios. Os grupos do “Terapia Comunitária” têm, hoje, em sua maioria, mais jovens do que idosos, contrariamente ao que ocorria há cerca de uma década, quando havia mais idosos, raramente jovens.

Existem pessoas do grupo que se curam ao participar das reuniões do grupo e quando, após alguns anos, têm novos problemas, voltam a frequentar o grupo para se tratar novamente. A média de participantes por reunião gira em média de 12 participantes, havendo reuniões com dezoito, outras com cinco.

A Sra. Luiza se lembra com muito carinho do tratamento que foi dado a uma participante do grupo, que era muito pobre, muda, e que engravidou. Essa moça vivia com a mãe a qual faleceu durante a gravidez da filha; quando o filho nasceu, ela não sabia amamentar a criança, nem tinha dinheiro para comprar o leite em pó. Luiza e funcionários da UBS foram até a casa onde ela morava e conseguiram explicar como devia ser a amamentação natural da criança. A mãe, a partir daí, conseguiu amamentar sua criança, o que evitou problemas de saúde pela falta de leite, porque não teria mesmo dinheiro para cuidá-la com leite em pó.

3.10. As relações dentro do Grupo “Começar de Novo” e outras relações de integração de moradores e profissionais da saúde

O Grupo “Começar de Novo” é uma continuidade do antigo grupo “*Como não fazer nada juntos?*”, criado em abril/2004. Conta com uma média de doze participantes. A maioria são viúvas, idosas, mas bem ativas. Uma, com 80 anos e outra, com 72, estão cursando a faculdade da Terceira Idade. É um grupo terapêutico formado por muitas formadoras de opinião. Tratam de assuntos diversos de uma forma mais técnica e aprofundada, conforme os assuntos vêm à tona, sempre visando à melhoria da qualidade de vida, prevenção de acidentes e promoção à saúde dos moradores da Vila Anglo-Brasileira.

A experiência que vivemos de participação popular na conquista e desenvolvimento das atividades da UBS Jardim Vera Cruz mostra que é possível e produtiva a integração de moradores, funcionários e médicos na construção de um atendimento de qualidade para a população.

Além do que já relatado, outras ações desenvolvidas por profissionais da saúde e moradores mostraram como essa união é importante para atender as necessidades da população na prevenção de doenças.

Durante muitos anos, moradores, funcionários e médicos visitavam escolas da região para ajudar no combate à dengue. Entrávamos nas salas de aula e explicávamos para os alunos as providências que deveriam tomar em casa para evitar que suas famílias contraíssem a doença.

Uma fonoaudióloga da UBS passou a atender os alunos da E. E. Brigadeiro Faria Lima na própria escola, ajudando os alunos que tinham dificuldade para se expressar.

Dentistas iam todo o ano ao CCA da Vila Anglo-Brasileira, para orientar as crianças sobre os cuidados que deveriam ter com a higiene bucal, e também promoviam atendimento odontológico a elas.

Também foi criado um grupo de voluntários que passou a trabalhar na recepção a usuários que chegavam na UBS, em busca de informações, como sobre o lugar adequado para o atendimento de que necessitavam. Tais procedimentos iniciados em 1983 na inauguração da UBS Jardim Vera Cruz, em imóvel alugado no bairro, permanecem funcionando bem até hoje.

O Conselho Gestor que é formado, em sua maioria, por velhos continua atuante, no sentido de garantir a boa qualidade do atendimento à população, e moradores continuam participando dos grupos de Saúde da UBS.

A Sociedade Amigos da Vila Anglo-Brasileira fez uma parceria com o Hospital do Câncer A. C. Camargo, em 2013, para que moradores do bairro fizessem exames para a prevenção do câncer, exames que são cobertos pelo SUS. Todo o ano centenas de moradores do bairro fazem tal prevenção, por causa dessa feliz parceria entre instituições. Intensifica-se essa ligação, com a vinda de profissionais do Hospital A. C. Camargo até o bairro para fazerem palestras sobre os cuidados a serem tomados como prevenção à doença. A Sociedade Amigos da Vila Anglo-Brasileira, por sua vez, colabora, preenchendo as fichas dos moradores que se propõem a realizar os exames em datas determinadas pelo Hospital A. C. Camargo.

3.11. As conquistas na área da Educação

A mobilização para a instalação da creche e do CCA na Vila Anglo-Brasileira prosseguia, com todos os nossos esforços nesse sentido, pois era preciso garantir às crianças o direito à creche e a um equipamento social para aquelas com mais de seis anos, justamente para ocupá-las com atividades educacionais e esportivas, retirando-as das ruas, já que não tinham em casa os pais, em trabalho no mercado.

Seria imprescindível que se reivindicasse a Creche para as crianças, porque a falta desse equipamento social impedia que muitas das mães trabalhassem para ajudar a sustentar a família. Ou em outros casos, muitas mães eram obrigadas a deixar suas crianças menores com os irmãos maiores, ou com avós, para poderem se ausentar e buscar trabalho fora de casa.

Já havíamos conquistado, com nossa mobilização, o aluguel de uma casa na Rua Gurupá, no próprio bairro, para abertura da creche (Figuras 9 e 10).

Figura 9 - Uma creche para a Vila Anglo.

jornal da Lapa

Cada edição é um capítulo da história do nosso bairro e de nossa gente

Distribuição domiciliar gratuita Nas bancas Cr\$ 300,00

São Paulo, 25 de agosto de 1984 — Ano XII nº 596 Composição e Impressão OESP GRÁFICA S.A.

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua Monteiro de Mello, 463/465 - LAPA - fone: 262-9822 (PABX)

Sabs da região vão à Prefeitura



Representantes de Sabs da região foram recebidos pelo assessor de Mário Covas, José Maria Monteiro, que lhes garantiu uma audiência com o prefeito para breve. Na ocasião, os líderes comunitários expressaram sua contrariedade pelo fato de não serem reconhecidos pela Administração Regional da Lapa. Uma das queixas manifestadas pelos diretores das Sabs foi a de não terem sido avisados da vinda do prefeito à região, há duas semanas. Monteiro desculpou-se pela falha. **Página 3**

Melhorias para o Jardim Humaitá

A diretoria da Sab do Jardim Humaitá enviou uma série de reivindicações à AR-Lapa. Aquele é um dos locais que foram esquecidos pelas administrações anteriores. Na página 3, os integrantes da diretoria dessa Sab.

Uma creche para a Vila Anglo

Moradores da Vila Anglo Brasileiro estão na iminência de serem recebidos pelo prefeito em audiência, na qual será reivindicada a pronta instalação de uma creche para cerca de 40 crianças. Segundo os moradores, desde março passado, a Prefeitura mantém alugada uma casa na rua Gurupá, que se encontra inativada. **Página 3**

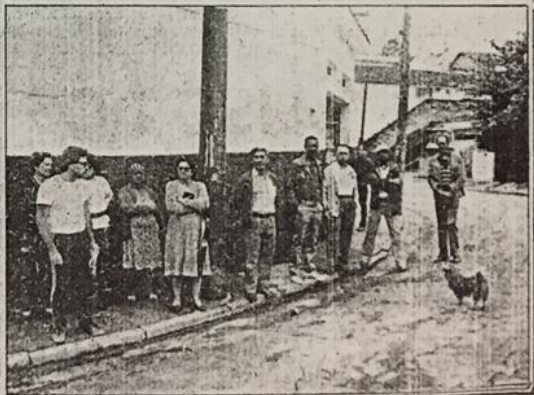


Figura 10 - Creche na Vila Anglo depende só do prefeito

Jornal da Lapa — Gazeta do Bairro Zona Oeste Página 3

Creche na Vila Anglo depende só do prefeito

Na última segunda-feira, um grupo de moradores da Vila Anglo-Brasileira deveria ter sido recebido em audiência pelo prefeito Mario Covas, o que acabou não ocorrendo, devido ao surgimento de uma emergência que obrigou o chefe do Executivo municipal a atender um problema na Favela Paraíso. O adiamento da audiência para um dia ainda não determinado causou grande irritação entre os moradores e representantes da Sociedade Amigos de Vila Anglo Brasileira. Eles querem que o prefeito estabeleça pronta instalação de uma creche municipal para abrigar crianças de 0 a 3 anos de idade, residentes no local.

Desde março passado a Prefeitura aluga uma casa, no número 260 da rua Gurupá, onde já deveria ter sido instalada a creche com capacidade para cerca de 40 crianças. No entanto, segundo os moradores e representantes da Sab, a própria Prefeitura está colocando obstáculos para que a creche seja instalada e comece a funcionar.

Apesar de se encontrar em ótimas condições de uso, essa casa deve passar por uma reforma e adaptações. Técnicos da Fundação de Assistência e Bem Estar Social — Fabes realizaram um levantamento acerca de quanto deverá ser gasto na reforma do imóvel e chegaram à quantia de Cr\$ 8 milhões, o que para os representantes da Sab da Vila Anglo é um orçamento que não está de acordo com a



Os moradores querem uma audiência com Covas para exigir a instalação da creche...

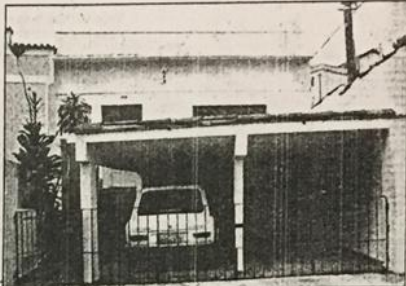
realidade. "Por bem menos, temos condições de fazer a reforma", garante Elias José, presidente da Sab. Ele ressaltou ainda que o próprio pessoal da Fabes-Lapa é da opinião que a reforma não seja tão cara como prevê a Fabes-Central.

"Queremos levar ao prefeito a necessidade, para nós prioritária, da instalação dessa creche. Em uma pesquisa realizada pela própria Fabes Lapa, verificou-se que residem na Vila Anglo cerca de 600 crianças que estão aguardando vagas na nossa única creche, a da Igreja Nossa Senhora da Aparecida, a qual não é uma creche Municipal. A Prefeitura poderia dar o primeiro e grande passo na solução dos problemas dos pais que precisam pagar babás para cuidar de seus filhos, pois muitos têm necessidade de trabalhar fora", comenta Elias José.

Suas palavras são confirmadas por João José da Silva Filho, que mora na vila, tem dois filhos pequenos e cuja esposa não tem tempo disponível para conseguir um emprego, já que precisa tomar conta dos pequenos. Em igual situação, encontram-se centenas de famílias na Vila Anglo.

Reunião

A implantação de uma creche municipal no local é uma reivindicação que vem sendo feita há quatro anos pelos moradores da Vila. No dia 11 último, a Sab da Vila Anglo Brasileira realizou uma reunião que contou com a participação de cerca de 50 pessoas, entre as quais a vereadora petista Ireda Cardoso e representantes do vereador Lauro Ferraz (PMDB), que se comprometeram perante todos a marcar uma data para que uma comissão de moradores fosse recebida pelo prefeito. O dia escolhido para a audiência foi a última segunda-



... nesta casa que fica na rua Gurupá, a qual a Prefeitura aluga desde março.

feira, mas, devido ao compromisso com os favelados, o prefeito não pôde atender a comissão de moradores da Vila. Entretanto, os moradores exigem que Covas os receba e decida finalmente contratar pessoal para trabalhar na creche, ao mesmo tempo que determine a pronta reforma da casa na rua Gurupá.

"Queremos dizer ao prefeito que é realmente um desperdício de dinheiro público o fato de a prefeitura pagar Cr\$ 180 mil mensais de aluguel em uma casa que não está sendo usada, na qual poderia ser instalada a creche para algumas de nossas crianças", dizem os moradores. Na ocasião da audiência com Covas, a Sab de Vila Anglo solicitará a construção de uma creche em um próprio Municipal. A área já existe: é um terreno da Prefeitura na rua Pedro Lopes, onde seria possível abrigar cerca de 120 menores.

Fonte: *Jornal da Lapa*, 1984

Com um abaixo-assinado, conseguimos também autorização da Secretaria Municipal de Assistência Social, para instalar o CCA em duas salas desativadas da E. E. Prof. Mauro de Oliveira.

Apesar de tudo estar certo para que a Creche e o CCA comessem a funcionar na Vila Anglo-Brasileira inexplicavelmente os recursos para a contratação de funcionários não eram liberados. Para resolver essa situação, decidimos convocar vereadores para com sua presença ganharmos força em nossas reivindicações. Novamente distribuímos filipetas de casa em casa no bairro, e pedimos que a Igreja e a Escola divulgassem a data da reunião com os vereadores. Na reunião explicamos toda a situação e solicitamos que nos intercedessem uma audiência com o novo prefeito, a fim de conseguirmos os recursos necessários para o funcionamento da Creche e do CCA. No dia 27 de agosto de 1984, lotamos um ônibus para comparecer ao encontro com o prefeito. Explicamos toda a realidade do

nosso bairro, que já tínhamos a casa alugada pela Prefeitura para a creche e ainda sem utilização, e as salas da E. E. Prof. Mauro de Oliveira, para o CCA. O Jornal da Lapa, de 01 de setembro de 1984 registrou esse encontro com o poder público (Figuras 11 e 12).

Figura 11 - Vila Anglo quer creche para suas crianças



Fonte: *Jornal da Lapa*, 1984. Nessa foto, o morador, Elias José Novellino está sentado à direita do prefeito da época.

Figura 12 - A Vila Anglo vai a Mário Covas pedir melhorias

São Paulo, 1 de setembro de 1984

Jornal da Lapa — Gazeta do Bairro Zona Oeste

A Vila Anglo vai a Mário Covas pedir melhorias

E o prefeito delibera a contratação de pessoal para trabalhar na creche

Uma comissão de moradores da Vila Anglo-Brasileira, encabeçada pela Sociedade Amigos de Vila Anglo, foi levada a uma audiência, na última segunda-feira, com o prefeito Mário Covas, pela vereadora Irene Cardoso (PT). O objetivo do encontro foi de reivindicar ao chefe do Executivo Municipal a mais rápida instalação de uma creche para cerca de 40 crianças de até 3 anos de idade em uma casa na rua Gurupá, alugada pela própria Prefeitura desde março passado, a qual se encontra inativada.

Ao receber a reivindicação de instalação da creche direta na rua Gurupá, Covas respondeu à comissão de moradores que já havia liberado a contratação de funcionários. Porém, não basta a contratação de pessoal: o imóvel necessita de uma reforma com adaptações para o funcionamento da creche. A Pabes tem um projeto elaborado de reforma da casa, orçado em cerca de Cr\$ 8 milhões (orçamento que os próprios moradores da Vila Anglo chamam muito alto). Contudo, já que o prefeito determinou a contratação de funcionários, espera-se que a reforma e o funcionamento da creche ocorram já nas próximas semanas.

Além da instalação da creche para 40 crianças na rua Gurupá, a comissão de moradores da Vila Anglo-Brasileira também reivindicou ao prefeito a construção, no próximo ano, de um prédio próprio para uma creche direta da Vila, no terreno Municipal situado na rua Pedro Lopes. O prédio, segundo o presidente da Sab de Vila Anglo, Elias José, poderia abrigar cerca de 120 crianças. A esta reivindicação, Covas respondeu que fará o que lhe for possível, juntamente com a Secretaria da Família e Bem Estar Social, para que a creche no terreno da Prefeitura seja construída.

Outros pedidos

Além do problema das creches, os moradores da Vila Anglo levaram a Covas uma série de pedidos, como iluminação nas escadarias e vielas existentes na Vila e também a melhoria das linhas de ônibus que servem o local, além da implantação de uma nova linha que leve os moradores da Vila Anglo e Sumarezinho ao bairro de Pinheiros. Covas garantiu que providenciaria a iluminação o mais breve possível e, quanto ao transporte coletivo, prontificou-se em enviar as reivindicações ao secretário Municipal de Transportes, Getúlio Hanashiro.

A Vila Anglo Brasileira possui cinco pequenas praças e, destas, pelo menos duas exigem limpeza e reparos (colocação de plantas e bancos). O pedido já foi feito várias vezes à Administração Regional da Lapa — principalmente a conservação das praças Araçatiguama e Dr. Penteadão Médico, sem que as solicitações tenham sido atendidas. Por isso, a Sab de Vila Anglo decidiu incluir na pauta de reivindicações gestões da Prefeitura junto à Administração Regional da Lapa, no sentido de solucionar também esse problema. Sugeriu-se também a ideia de que sejam instalados brinquedos de "play ground" em algumas dessas praças, ao que Mário Covas respondeu que entraria em contato com a AR-Lapa, para que isso seja providenciado.

Trânsito

Um dos problemas que mais afligem os moradores da Vila diz respeito aos constantes acidentes de trânsito registrados ali, já que as ruas da Vila Anglo são estreitas e sinuosas (o que representa inclusive riscos de atropelamento, como tem sido observado). Os moradores já pediram há vários anos ao DSV a colocação de lombadas e obstáculos naquelas ruas. Até agora não houve respostas. O prefeito afirmou, também nesse caso, que procuraria as autoridades ligadas aos problemas de trânsito.

Com relação à implantação de um Sacolão (venda de produtos alimentícios com preços abaixo dos encontrados nos supermercados), o prefeito respondeu que é necessário o estudo de um local apropriado onde a promoção possa ser realizada. Outra questão foi a transformação de algumas vias da Vila Anglo-Brasileira em "Ruas de Lazer", promoção que é realizada em vários bairros da capital. "Isso a Secretaria Municipal de Esportes poderá garantir", respondeu Covas.

Escola e policiamento

Os moradores ainda fizeram mais dois pedidos: a construção na Vila de uma Escola Municipal de Educação Infantil e melhor policiamento no local (a Vila Anglo é um dos pontos de São Paulo onde se observa um dos maiores índices de criminalidade). Covas foi reticente em relação à primeira solicitação e quanto ao policiamento respondeu apenas que não é um problema da alçada da Prefeitura, muito embora reconheceu que poderá fazer gestões junto às autoridades policiais.

A comissão de moradores recebeu orientação de como fazer as reivindicações.

No final da audiência, Covas conversou com as crianças.

DIRETO COM O COLCHAS DE MATEL FORRAÇÃO DE PAREDES *ALMOFAD SOLICITE A VISA DECO ORÇAMENTOS SE Rua Georgina de Albuquerque Rua São José, 4

Fonte: *Jornal da Lapa*, 1984

O Prefeito autorizou, finalmente, a abertura da creche da Vila Anglo-Brasileira, em 1984⁵ (Figuras 13 e 14).

⁵ Hoje, a creche se situa na Rua Sepetiba, com o nome de CEI Jamir Dagir, próximo à Vila Ipojuca.

Figura 13 - Enfim, uma creche para nossas crianças

jornal da Lapa
Composição e Impressão OESP GRÁFICA S.A.

São Paulo, 13 de abril de 1985 — Ano XIII nº 629 ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: R. Monteiro de Mello, 463/465 - LAPA - fone:

Enfim, uma creche para nossas crianças




As crianças da Vila Anglo Brasileira já podem frequentar uma creche. Ela foi conseguida depois de muita mobilização das mulheres, que como Elza Pacheco, vinham lutando por isso desde 1981. E a comunidade já quer solução para outros problemas. Página 2.

Lions pede contra os r

O Lions Clube da ofereceu um jantar homenagear alguns representantes da que vêm desenvolvendo trabalhos para a de desratização. O espera que todas as entidades representadas da região se unam para o sucesso desta campanha. Veja na Página 3

Os melhores pratos da região

A região oferece um número de bares, lanchonetes e restaurantes cujos serviços atendem aos mais diversos gostos. De as tradicionais pizzas os mais saborosos para acompanhar o bate-papos. O roteiro das melhores casas está na última página

Os antibióticos e a homeopatia



A utilização de antibióticos sem orientação correta é um sério problema. A Dra. Suely Ceruci, médica homeopata que atua na região fala sobre o tema. Página 6.

Onde encontrar finos bordados

O autêntico bordado, feito por mulheres da Ilha da Madeira

A gestante pode dançar?

Adriana Cavalheiro já está no sexto mês de gestação, mas continua a dar aulas em sua academia. Ao contrário do que muita gente pensa, os exercícios físicos não são contra-indicados à mulher grávida. Feitos de forma moderada, eles trazem benefícios tanto para o corpo como para a mente. Adriana explica quais os movimentos que



Fonte: Jornal da Lapa, 1985

Figura 14 - Esta creche, uma vitória da região

Jornal da Lapa — Gazeta do Bairro Zona Oeste

São Paulo, 13 de abril de 1985

Música no Jardim Humaitá

A partir das 18h30m de hoje, na praça dr. Luiz Trevisani, no Jardim Humaitá, será transformado no "Espaço Opção", com shows de Chico de Abreu e Bandeira, Ernesto Alves, Paulinho Bie e Banda Metálico e Neuza Pinheiro e Banda Tônica. (A entrada é gratuita).

O "Espaço Opção" faz parte do projeto Cultura na Cidade e será levado uma vez por mês para a região da Lapa, com a intenção de promover o convívio da comunidade com a produção cultural paulistana. A participação é grátis.

Esta creche, uma vitória da região





A creche abrigará crianças, cujos pais trabalham fora.

A necessidade de creches para a região tem feito com que as mulheres se mobilizem cada vez mais para obterem locais onde as crianças possam se alojar nos períodos de trabalho. Esta mobilização tem sido um dos motivos de crescimento, inclusive de várias Sociedades Amigos de Bairros da região, onde as mulheres têm se reunido para debater seus problemas. O exemplo mais recente desta situação é a Sociedade Amigos de Vila Anglo Brasileira, que conseguiu inaugurar oficialmente, na última quinta-feira, a sua creche, instalada à rua Gurupá, 260.

A luta das mulheres da Vila Anglo começou em 1981, quando elas decidiram reivindicar junto à prefeitura a concessão de uma casa que pudesse abrigar crianças de zero a três anos. Elza Regina Pacheco da Silva, moradora na região há 30 anos foi uma das incentivadoras deste processo. Elza, que tem 4 filhos, afirma que "embora eu, neste momento, não esteja precisando da creche, existem muitas que precisam".

A mobilização para a concessão desta creche, para a comunidade, ganhou mais vulto a partir da entrada da presidência da Sociedade Amigos de Vila Anglo Brasileira, de José Elias Novelini, presidente desde abril de 83 da entidade. Segundo ele "esta é uma vitória da mobilização de todas as pessoas. Fomos nós, a população, que conseguimos esta creche."

As comunidades de igrejas nos ajudaram, as escolas também.

Necessidade

A instalação desta creche na Vila Anglo era uma necessidade. Segundo dados colhidos em pesquisas realizadas por entidades governamentais com o apoio das entidades regionais, existem cerca de 600 crianças no local, sendo que todas precisam de creches. Também ficou constatado que o número de mulheres que trabalham fora do lar na região é muito grande e que, não raro, os irmãos mais velhos cuidam dos menores.

Embora a capacidade da creche seja de 44 crianças, atualmente ela receberá somente 32 "isso porque falta mais um funcionário para trabalhar e algumas pequenas reformas que terão de ser realizadas."

Presenças e reivindicações

Estiveram presentes à inauguração o prefeito Mário Covas, o administrador regional, Luís Carlos Giglio, o presidente da Câmara Municipal Lauro Ferraz, a Secretária Municipal da Família e Bem-Estar, Marta Godinho, o conselheiro do Tribunal de Contas do Município, Francisco Gimenez, além de vários representantes de Sociedades Amigos de Bairros da região. Ao final da inauguração oficial, Elias reafirmava que "outras reivindicações da comunidade serão atingidas com mobilização de todos".

Turismo é tema de palestra

O Assessor de vice-presidência de Marketing da Paulistur, Antonio Pagano Botana, estará oferecendo a palestra "Turismo e Congresso", no dia 18, no Centro Cultural e de Estudos dos Pagano.

A palestra terá início às 18h30m, com entrada franca. O Centro Aúthos Pagano fica à rua Mé de Souza, 997.

Reações para fogo selvagem

A Campanha do Fogo Selvagem não terminou. Três pessoas da região continuam recebendo reações em sacos plásticos qualquer embalagem plástica (crepe, vaselina e sabão em pedra mineral). As pessoas que puderem colaborar devem entrar em contato com Neuza (262-74), rua Antônio Toledo Piza, 1; Cecília Pedrosa, aos sábados e domingos de manhã no nº 3 da mesma rua (fone 62-6277) com Nazira Unelo, à rua Duí-56 (fone 65.2853).

ELLO & MELLO

ADVOGADOS

REU MELLO - advogado

ERTO MELLO - advogado

ELINA MELLO - estagiária

ARDO MELLO - acadêmico

LA DRONSFELD, 252

ONES: 260-6585/261-6013

O Novo Código Penal

Dr. Marino Lázaro da Silva Advogado

Extinção da Punibilidade

ATENÇÃO, DEDICAÇÃO E PRESTEZA. ESTAS COISAS

Circo Viramundo na Biblioteca

Hoje, às 16 horas, o grupo Viramundo estreia o seu circo, na Biblioteca da Lapa (rua Catão, 611). Trata-se de uma comédia infantil — criação coletiva —, a partir dos valores culturais conhecidos pela infância, onde as crianças participam tanto na plateia como no palco, juntamente com os palhaços, os mímicos, o mágico, o engolidor de fogo, a bailarina e os apresentadores.

O Circo Viramundo será apresentado de hoje até o dia 28, sempre aos sábados, às 16 horas e aos domingos, às 10:30 e 16 horas. Os ingressos estão custando Cr\$ 3.000.

Muitos bailes no Palmeiras

A Sociedade Esportiva Palmeiras, localizada à rua Turiassu, 1.840, realiza todos os domingos, a partir das 20 horas, o "Baile Recordando", que conta com a animação do conjunto "Fôr Exportation" e da orquestra "Carinhoso". Cavalheiros Cr\$ 5.000, damas Cr\$ 4.000. Aos sócios a entrada é gratuita.

Na próxima sexta-feira, das 21h às 3h, eles estarão promovendo a "Noite na Broadway".

O preço para sócios e não sócios é Cr\$ 40.000, que inclui, além do coquetel, jantar e bebidas. A animação ficará por conta da orquestra "Super Grupo".

Eletricidade de São Paulo S.A.

INTERRUPÇÃO NO FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA

Na mesma audiência, o prefeito da época autorizou a criação do CCA da Vila Anglo-Brasileira, que passou a funcionar em 1985, por meio de uma parceria entre Secretaria da Assistência Social (que selecionou os funcionários para a creche entre moradores do bairro), e a Sociedade Amigos da Vila Anglo-Brasileira (que, por sua vez, selecionou os trabalhadores do CCA). A implantação de ambas as unidades foi feita com muita transparência e participação da comunidade, que foi informada sobre a abertura da inscrição para aqueles que quisessem trabalhar na Creche e no OSEM (atual CCA).

Da luta dos trabalhadores decorreu, pois, essa dupla conquista. Não seria mesmo possível olhar a dura realidade de abandono e carência e se omitir: havia crianças e adolescentes brincando nas ruas fora do horário escolar, expostos à violência e correndo o risco de serem cooptados pelo tráfico ou envolvidos na prática de furtos; mães que não conseguiam trabalhar por falta de creche e tinham muitas dificuldades para sobreviver.

A Creche Municipal da Vila Anglo-Brasileira foi aberta em 1985 na Rua Gurupá e atendia crianças de 6 meses a 4 anos. Ela também exigiu dos moradores muita determinação, para que funcionasse com qualidade. A Secretaria de Assistência Social abriu a inscrição para a contratação de funcionários no bairro, muitas pessoas se inscreveram, a seleção foi feita e a creche começou a funcionar. Passou a ser diretamente subsidiada pela Prefeitura: aluguel e manutenção do prédio, alimentos e funcionários. Entretanto, o número de crianças que precisavam da Creche e do OSEM (atual CCA) era maior que as vagas para recebê-las. Para decidir quem ficaria com as vagas, reuníamos moradores para estabelecer critérios para a destinação de vagas. Um exemplo é que, se uma criança ficasse sozinha em casa, e outra ficasse em casa com uma avó ou avô que tivesse boas condições de saúde, a preferência seria para a criança que estivesse sem apoio familiar.

Participávamos das reuniões de pais da Creche e do OSEM (atual CCA), para conscientizá-los de que era importante acompanhar de perto o atendimento que as crianças recebiam e nos mobilizarmos para exigir da Prefeitura de São Paulo a manutenção do atendimento de qualidade, não permitindo que faltassem alimentos e educadores para atender as crianças. O esforço nesse sentido teve que ser persistente, contínuo, especialmente quando das mudanças dos governantes,

municipal e estadual, para evitar que mudanças repentinas alterassem todo um trabalho de anos da comunidade para a conquista daquele benefício, comum a todos os moradores do bairro.

Da mesma forma que, para a conquista da Creche, seria importante que logo tivéssemos funcionando o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA Vila Anglo). Conseguiu-se, assim com muita mobilização, a obtenção do espaço para o CCA junto à Secretaria da Educação, no E. E Prof. Mauro de Oliveira em 1985, com ampliação do espaço em 2005 com mais duas salas, visando ao desenvolvimento de atividades com crianças de seis anos a adolescentes por volta de 14 anos, em um espaço de convivência comum, a partir de interesses, demandas e potencialidades dessa faixa etária: informática, mini-biblioteca, dança, esporte, palestras, acompanhamento escolar. Em suma, um espaço que ocupa as crianças e adolescentes em horários fora do escolar, e quando as mães estão trabalhando fora, envolvendo-os em experiências lúdicas, culturais e esportivas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social. O CCA deve atender também crianças e adolescentes com alguma deficiência, ou aquelas em situação de trabalho infantil ou as submetidas a violações de direitos, oferecendo-lhes atividades que contribuam para ressignificar vivências de isolamento, bem como propiciar experiências de sociabilidade e prevenção de situações de risco social. A efetivação desse trabalho se dá graças a um convênio com a Prefeitura de São Paulo⁶, sendo que 60% da verba advém da Prefeitura de São Paulo; os demais 40% é conseguido em festas, bingos e doações.

Depois de alguns anos, por causa de problemas na estrutura da casa que abrigava a Creche, ela foi transferida para a Rua Jaricunas, na Vila Ipojuca. Lá funcionou por mais alguns anos e foi fechada em 1997 na gestão de outro prefeito, com a justificativa de que vizinhos reclamavam do barulho que faziam as crianças. Em 2001, foi aberta uma Creche Direta na Rua Sepetiba, para atender à demanda por creche na região, que é cada vez maior.

⁶ Esta Unidade de Atendimento continua funcionando, atendendo a cerca de 120 crianças e adolescentes, à Rua Pedro Soares de Almeida, 134, Vila Anglo-Brasileira, fone: 11.3673-5471.

Falar da implantação do OSEM, hoje CCA, em 1985, na Vila Anglo-Brasileira é contar a história de pessoas que se dedicaram com muito amor e consciência política para melhorar a educação das crianças e jovens da Vila Anglo-Brasileira.

Para receber os recursos públicos, deveríamos funcionar um mês experimentalmente e, se o atendimento fosse de qualidade, passaríamos a receber mensalmente a verba da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de São Paulo (SAS). Para poder dar conta dessa exigência, no período da manhã, eu e o Sr. Gabriel Jimenez Lopes ficávamos cuidando das crianças e, à tarde, uma assistente social, Cecilia Janusonis, além de uma dona de casa, a Dona Miriam Rocha, atuando todos como educadores.

Nesse começo era de nossa responsabilidade, ou seja, às nossas expensas, a aquisição de pães e frutas, para que as crianças se alimentassem no meio da manhã e no meio da tarde.

Com a aprovação do convênio com a SAS, pudemos fazer o OSEM (atual CCA) funcionar com a qualidade que as crianças e jovens mereciam. Foram contratados funcionários, comprados fogão, geladeira, material educativo e tudo que era preciso para garantir um bom atendimento às crianças e adolescentes.

A partir desse momento, as crianças e jovens da manhã chegavam ao CCA e tomavam um café reforçado ao chegar, faziam suas atividades educativas, depois brincavam na quadra; em seguida, almoçavam antes de ir para a escola ou retornarem para casa.

No período da tarde, as crianças chegavam de casa ou das escolas da região, almoçavam, faziam suas atividades, tomavam lanches reforçados no fim da tarde, antes de voltarem às casas.

Atualmente, o CCA atende 120 crianças de 6 a 14 anos e é mantido com muita dedicação pela comunidade, porque prefeitos conservadores costumam diminuir a verba destinada a área social da cidade e também porque a desativação de escolas públicas em São Paulo ameaça fechar a E. E. Prof Mauro de Oliveira, onde funciona o CCA.

Em 2015 a Secretaria Estadual de Educação pediu as salas do CCA alegando que iria fazer uma grande reforma no prédio e instalar o regime de tempo integral para os alunos dessa escola.

Fizemos assembleias com pais, um abaixo-assinado com milhares de assinaturas e, depois dessa mobilização, o governo do Estado de São Paulo revogou a decisão anterior da Secretaria Estadual de Educação e o CCA continua funcionando na E. E. Prof. Mauro de Oliveira.

Nossos velhos participaram também, e ativamente, da luta pela instalação tanto da Creche quanto do CCA, em nosso bairro. Inicialmente, nas reuniões com a Secretaria de Assistência Social da Prefeitura, depois da caravana que fizemos para um encontro com o prefeito, que acabou autorizando a abertura da Creche e do CCA da Vila Anglo-Brasileira.

No CCA, os velhos ajudavam na organização das festas que fazíamos para arrecadar fundos, para o que contamos com a ajuda-amiga de Dona Antonia Lucca Costa, do Sr. Manoel Costa, do Sr. Gabriel Jimenez Lopes, de Dona Mercedes Venciguerra e Dona Ilda Jerônimo Ferreira, sempre presentes nessas atividades.

É impossível apagar da memória a imagem do Sr. Gabriel Jimenez Lopes ensinando as crianças a criar uma horta e plantar flores numa pequena área de terra que ficava no pátio da Escola em que funciona o CCA.

O funcionamento da UBS, da Creche e do CCA, para que tudo funcionasse bem, era acompanhado diretamente pelos idealizadores do movimento que obtiveram essas melhorias. Reuniões mensais de pais das crianças da Creche e do CCA, e dos moradores, foram e continuam sendo, necessárias para garantir a qualidade de atendimento na UBS, o andamento adequado da parte educacional na Creche e no CCA.

Em 2002, uma entidade assistencial do bairro abriu um curso de Alfabetização de Adultos na Vila Anglo-Brasileira, em parceria com a Maçonaria, e nós, moradores, ajudamos em tudo o que foi possível; demos cadeiras de nossas casas, fizemos consertos para que a casa onde funcionaria o curso pudesse abrigá-lo. O curso não teve continuidade por causa de uma briga entre a entidade e a

Maçonaria, com os alunos ficando sem espaço e estrutura para ter aulas. Então, nós, do movimento popular do bairro, nos reunimos com os alunos e propusemos o início de uma luta para encontrar um espaço, e verbas públicas, para que o curso de Alfabetização de Adultos fosse reaberto na Vila Anglo-Brasileira. Marcamos uma audiência na Secretaria Estadual de Educação para pedir autorização de uso das salas da E. E. Prof. Mauro e Oliveira, na Rua Pedro Soares de Almeida, 134, que são usadas durante o dia para o CCA, que as mesmas fossem utilizadas à noite para o EJA-Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Com a autorização para instalação do curso no prédio da E. E. Prof. Mauro de Oliveira, o próximo passo seria conseguir verbas da Secretaria Municipal de Educação para abrir o EJA em nosso bairro. Depois de muitas reuniões com a Secretaria Municipal de Educação, conseguimos a assinatura do convênio para a criação do EJA da Vila Anglo-Brasileira, em 2009. Esta unidade funciona até hoje atendendo jovens, adultos e velhos, com funcionários e material educativo que são pagos pela verba do convênio entre a Sociedade Amigos do Bairro Siciliano Vila Anglo Brasileira (SAB)⁷ e a Secretaria Municipal de Educação.

Todas as conquistas trouxeram resultados relevantes para a comunidade do bairro, cujas reivindicações pelos direitos de seus cidadãos continuam sendo feitas e bem-sucedidas. Essa mobilização não foi senão o começo de uma luta contínua por saúde, educação e cidadania, que permanece viva e atuante até hoje.

3.12. Cidadania e Organização

Para organizarmos o movimento popular da Vila Anglo-Brasileira, utilizamos o conhecimento que adquirimos nas lutas sociais de que participamos.

A seguir, estão sintetizadas algumas anotações, relatadas no formato de um manual para jovens, adultos, velhos, cidadãos enfim, com os passos que consideramos adequados para o enfrentamento coletivo de problemas do cotidiano e que podem ser aplicados, quando necessário. Mas que, antes de tudo, esse manual valha para despertar, encorajar, provocar a autonomia dos espíritos de quem

⁷ SAB, disponível em: <https://www.facebook.com/sociedadeamigosvilaanglo/>.

precisa posicionar-se diante da vida. Que ajude a nos tornar melhores, e mais felizes com os resultados de nossas ações.

Manual

- 1) Ouvir muito a população para construir uma pauta de reivindicações que realmente descubra as principais necessidades de um bairro.
- 2) Procurar todas as entidades do bairro, tais como: Escolas, Igrejas, Escola de Samba, a fim de explicar os objetivos e conseguir apoio para o movimento que se está criando.
- 3) Solicitar a essas entidades que ajudem nas mobilizações. No caso da Vila Anglo-Brasileira, as escolas mandavam avisos pelos alunos para suas famílias; a Igreja Católica¹ anunciava nas missas as assembleias, datas de encontros com autoridades e as inaugurações, quando se conquistava o que o bairro estava necessitando. Ambas, escolas e igreja, cediam espaços para a realização das assembleias que iriam decidir sobre o que reivindicar e os rumos a serem tomados pelo movimento.
- 4) Trabalhar muito para criar iniciativas quanto à distribuição de avisos de mobilização, de casa em casa, nas feiras, na saída das missas e também na colagem de cartazes em bares, padarias do bairro, informando das assembleias.
- 5) Organizar as assembleias, garantindo a todos a liberdade de se expressarem livremente, propondo caminhos, fazendo críticas até que se construíssem decisões que expressassem realmente as aspirações da maioria daquela população.
- 6) Convocar todos os moradores com condições para participar de reuniões com Secretários de Estado, Prefeito, Governador, mostrando que se tratava de um movimento que “não tinha donos” e, em reuniões

preparatórias, estabelecer o que reivindicar em cada encontro, sempre buscando o diálogo e o respeito às reivindicações de todos do bairro.

- 7) Procurar todos os contatos possíveis com órgãos públicos através de contatos por telefone, por cartas entregues nesses locais, pedindo audiências, e trazendo de volta para o bairro uma cópia assinada por representantes do poder público, em que se lhes solicitava o diálogo para o atendimento das reivindicações coletivas.
- 8) Quando não atendidos pelos representantes de órgãos públicos procurar a imprensa da região, ou a grande imprensa – rádio, TV, jornais –, pedindo divulgação dos problemas daquela população, destacando que já se havia procurado as Secretarias da Prefeitura, do Governo do Estado, sem o atendimento devido e, dessa forma, sugerir que fossem feitas reportagens sobre nossas reivindicações para pressionar as instâncias responsáveis: Prefeitura e Governo do Estado de São Paulo, a fim de pressioná-los para atenderem as demandas feitas.
- 9) Buscar apoio na Câmara dos Vereadores e na Assembleia Legislativa para marcação de audiências com Secretários, Prefeito ou Governador.
- 10) Quando as reivindicações eram de carências do bairro de responsabilidade da prefeitura, era solicitado o apoio de vereadores, (como nos casos da creche, CCA e EJA da Vila Anglo-Brasileira), para mediar as audiências nas Secretarias municipais de assistência social, de educação e com o Prefeito da cidade. Para conquistar a UBS do bairro, foi solicitado o apoio de deputados estaduais, porque a instalação dela no bairro, naquele tempo (atualmente as UBS da cidade de São Paulo são de responsabilidade da Prefeitura), era de responsabilidade da Secretaria Estadual de Saúde e do Governo do Estado de São Paulo.
- 11) Tomar as decisões de buscar o apoio de parlamentares em assembleias, convidando a todos que conhecessem algum parlamentar para que faça esse contato e explique os objetivos da nossa luta.

- 12) Quando não era possível conseguir recursos para nossas reivindicações na Prefeitura, recorremos aos vereadores que, a cada fim de ano, tem direito a emendas que asseguram verbas para serem destinadas ao atendimento de reivindicações dos cidadãos.
- 13) Sempre convidamos um parlamentar de cada partido para as assembleias do bairro para conhecer nossa realidade e nos apoiar. Entregávamos um ofício convidando o parlamentar e trazendo, para o bairro, uma cópia assinada por assessores que eram a prova de que o movimento era apartidário.
- 14) Quando não tínhamos representante de algum partido procurávamos nos informar qual tinha sido o parlamentar eleito na região para convidá-lo, pois esperávamos que aquele parlamentar conhecesse a realidade da parte da cidade em que morávamos.
- 15) Nas assembleias no bairro, apresentávamos os vereadores ou assessores, explicávamos quais eram as necessidades do bairro e pedíamos que marcassem audiências com Secretários, Prefeito ou Governador. Não permitíamos que fizessem campanha, porque sabemos do nosso direito de escolher livremente os candidatos em que vamos votar e também que é função dos parlamentares atender as demandas da população.
- 16) Pedir a presença dos assessores ou dos parlamentares nas audiências como forma de apoio ao nosso movimento e de pressão para o atendimento de nossas necessidades.
- 17) Manter sempre a independência do movimento, impedindo que ele fosse utilizado pelos partidos ou por candidatos que quisessem utilizar nossas conquistas para se promover.
- 18) Sempre valorizar a conquista coletiva do movimento, dando força a todos que participaram e não individualizar os méritos de uma vitória, ajudando a formar novos líderes e não criando uma dependência de um líder que tomou a iniciativa de criar o movimento.

- 19) Ter muita consciência política para participar da luta por melhores condições de vida da população, buscar sempre o diálogo e persistir no movimento com determinação até a conquista das reivindicações do bairro.
- 20) Esses contatos com vereadores e deputados estaduais mostraram que existem parlamentares que exercem seus mandatos, pensando realmente em construir uma cidade melhor, e que é correto pedir o apoio de parlamentares para as mobilizações que as comunidades fazem para melhorar as condições de vida dos moradores.

3.13. Análise do Movimento

Sonhar em transformar a sociedade é preciso, mas é preciso muita organização, dedicação, consciência política e determinação para conquistar essas mudanças.

A realidade da Vila Anglo–Brasileira quando começamos o movimento em 1980 nos questionava sobre a escuridão do nosso tempo, e nos impulsionava a dividir nossa vida com a busca por melhores condições de vida para a população.

Dividimos nossa vida com o movimento, para mudar a realidade que vivíamos: assembleias, panfletagens no bairro, visitas e caravanas até as secretarias municipais e estaduais, encontros com prefeitos e governadores exigem tempo da nossa vida. Tempo que dedicamos a melhorar a vida dos mais pobres e excluídos, mas tempo que, com prazer, utilizamos para ficar em paz com nossa consciência e ideais.

Decidimos dividir nossa vida entre as nossas atividades para subsistir, os cuidados com nossas famílias e a luta para melhorar as condições de vida dos moradores da Vila Anglo-Brasileira e região.

No Brasil, ser contemporâneo é combater a miséria, a fome que atinge milhões de brasileiros, a desigualdade social e o preconceito contra segmentos desprivilegiados da população: pobres, negros, LGBT, mulheres. Esse combate voltou a ser ainda mais necessário depois dos últimos acontecimentos políticos, com o fim das Secretarias de Mulheres, Igualdade Racial e Gênero, a volta do país ao Mapa da Fome da ONU e a ameaça aos direitos humanos, sociais e civis.

Para ter um Brasil melhor, é preciso ser amigo do Brasil. É partir para organizar a população em qualquer espaço que for possível: bairros, escolas, universidades, sindicatos, associações, para combater toda essa situação insustentável de miséria em que vivem milhões de brasileiros. Se vivemos hoje essa exclusão de milhões de brasileiros, imaginem como era viver no Brasil em 1980, quando muitos dos direitos que hoje temos nem faziam parte da discussão da vida do país, por causa da falta de liberdade em plena ditadura civil militar implantada pelo golpe de 1964.

Há 38 anos participo dessa luta e participarei a vida inteira porque acredito que não se consegue combater todos os problemas de milhões de brasileiros sem a participação organizada e consciente da população.

Mas a escuta aos moradores da Vila Anglo-Brasileira que ora aqui fazemos pode traduzir, certamente de forma mais pungente, os sentimentos de todos os seus moradores. A seguir, discutimos os dizeres de cada entrevistado neste trabalho.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Resultado das entrevistas semi-estruturadas compostas por questionário com uma pergunta fechada e algumas abertas está apresentado no ANEXO E, com a transcrição completa das respostas. Os entrevistados foram mulheres, entre 64 e 91 anos, sendo:

ENTREVISTA 1 – ANTONIA DE LUCCA COSTA, 91 ANOS

ENTREVISTA 2 – POLONIA ROSSI BERTELLI, 86 ANOS

ENTREVISTA 3 – IRMA DE JESUS SILVEIRA, 67 ANOS

ENTREVISTA 4 – LUIZA MARIA VENDRAMETTO, 64 ANOS

ENTREVISTA 5 – MERCIA OLINDA GARCIA DINIZ, 74 ANOS

ENTREVISTA 6 – CARMEM DE OLIVEIRA, 83 ANOS

ENTREVISTA 7 – ELZA DE OLIVEIRA PIO, 69 ANOS

ENTREVISTA 8 – NILCE NADEU, 68 ANOS

ENTREVISTA 9 – MARIA NOEMIA VIEIRA SARAIVA, 86 ANOS

ENTREVISTA 10 – NEUSA BARONE SALATINI, 81 ANOS

A identificação do perfil dos idosos foi feita por meio de questionário sociodemográfico, cujas respostas estão resumidas na Tabela 1 e algumas são ilustradas no Quadro 1.

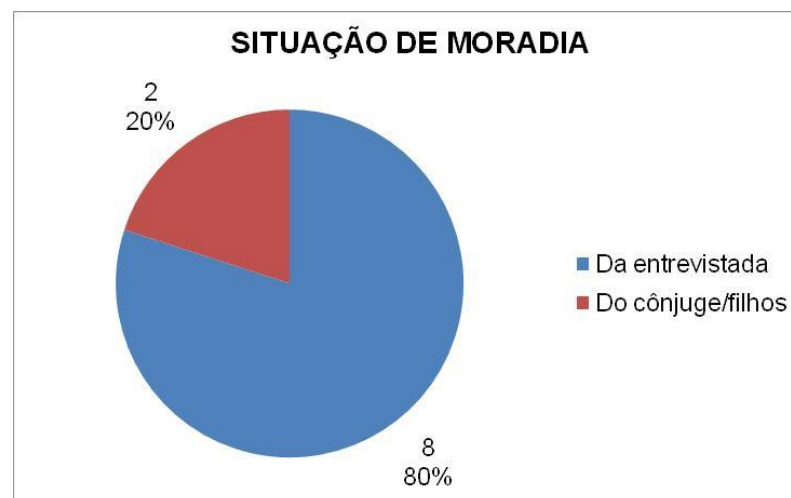
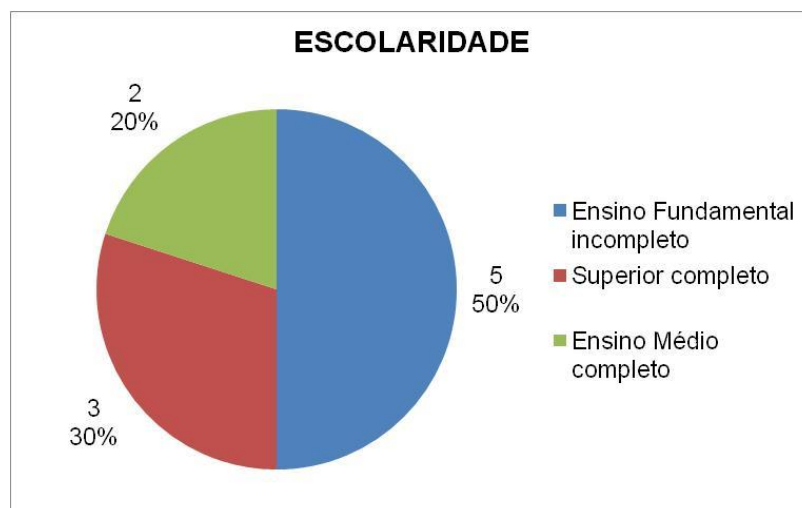
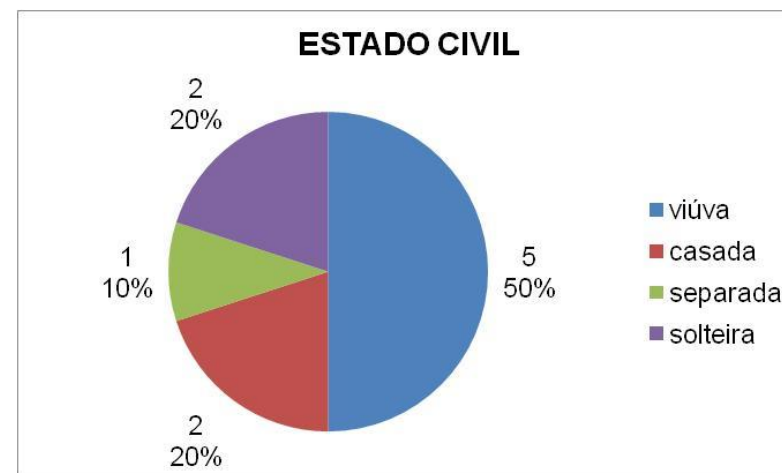
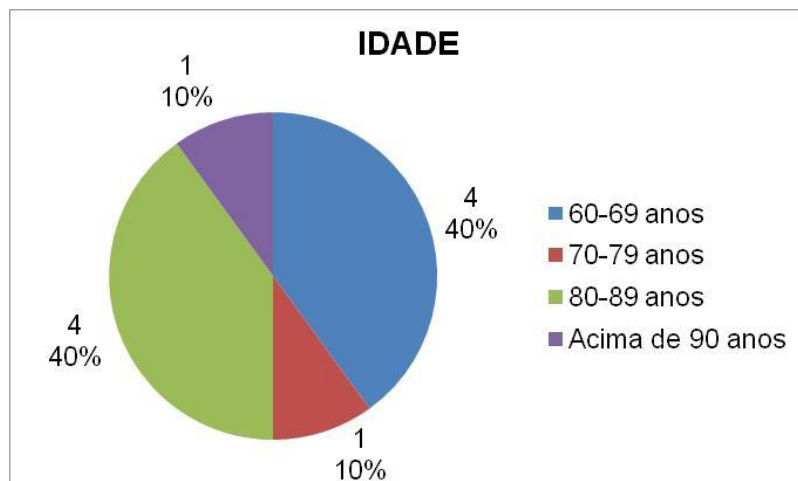
Tabela 1 – Respostas do Questionário Sociodemográfico para identificação dos Participantes

QUESTÃO	1	2	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
NOME	SEXO	IDADE	IDADE	ESTADO CIVEL	ESCOLARIDADE	COM QUEM MORA	QUANTOS MORAM COM O IDOSO	SITUAÇÃO DE MORADIA	Há quanto tempo é morador da Vila Anglo-Brasileira	SITUAÇÃO OCUPACIONAL	PROFISSÃO	O QUE FAZ PARA OCUPAR SEU TEMPO DISPONÍVEL, LIVRE?
Antonia	Feminino	91	Acima de 90 anos	viúva	Ensino Fundamental incompleto	Filho	1	Da entrevistada	73 anos	Pensionista	do lar	crochê, serviço de casa, assiste à TV;
Polonia	Feminino	86	80-89 anos	viúva	Ensino Fundamental incompleto	Mora sozinha	0	Da entrevistada	72 anos	Aposentada	do lar	visita amigas; cuida da irmã de 91 anos; faz limpeza da casa; almoço;
Irma	Feminino	67	60-69 anos	casada	Ensino Fundamental incompleto	Cônjuge; Filhos; Netos	6	Da entrevistada	50 anos	Dono de casa	do lar	serviço doméstico em geral; passeio; igreja; grupos do posto;
Luiza	Feminino	64	60-69 anos	casada	Superior completo. Qual? Ciências Biológicas	Apenas cônjuge	1	Do cônjuge/filhos	45 anos	Aposentada	Bancária aposentada	Terapista comunitária; voluntária; viagens
Mércia	Feminino	74	70-79 anos	viúva	Ensino Médio completo	Mora sozinha	0	Da entrevistada	17 anos	Pensionista	Professora	Faculdade da 3ª idade; Voluntariado; Ginástica; faz tudo; lava; passa; cozinha; cuida dos netos de 21 e 17 anos; crochê; igreja; escola de samba
Carmem	Feminino	82	80-89 anos	separada	Ensino Fundamental incompleto	Filhos; Netos	3	Da entrevistada	80 anos	Pensionista	Costureira	

continua

continuação

QUESTÃO	1	2	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
NOME	SEXO	IDADE	IDADE	ESTADO CIVEL	ESCOLARIDADE	COM QUEM MORA	QUANTOS MORAM COM O IDOSO	SITUAÇÃO DE MORADIA	Há quanto tempo é morador da Vila Anglo-Brasileira	SITUAÇÃO OCUPACIONAL	PROFISSÃO	O QUE FAZ PARA OCUPAR SEU TEMPO DISPONÍVEL, LIVRE?
Elza	Feminino	69	60-69 anos	solteira	Superior completo. Qual? Administração de empresas	Irmã	1	Da entrevistada	69 anos	Aposentada	Bancária aposentada	cinema; teatro; restaurante; viajar
Nilce	Feminino	68	60-69 anos	solteira	Superior completo. Qual? Letras - Pedagogia	Mora sozinha	0	Da entrevistada	34 anos	Aposentada	Educadora; Professora; Diretora	Trabalhos voluntários; Conselho Gestor de Saúde da UBS; AMA e da Supervisão Técnica Lapa - Pinheiros; Coordenadora de concursos VUNESP; CESGRANRIO; CARLOS CHAGAS
Maria Noemia	Feminino	86	80-89 anos	viúva	Ensino Fundamental incompleto	Neto	1	Da entrevistada	53 anos	Aposentada	do lar	cuida da casa
Neusa	Feminino	81	80-89 anos	viúva	Ensino Médio completo	Filhos	2	Do cônjuge/filhos	53 anos	Pensionista	do lar	Estuda Faculdade da Maturidade; voluntária UBS; teatro, assiste à TV

Quadro 1 – Ilustração gráfica das respostas do Questionário Sociodemográfico

Análise dos Dados Sociodemográficos

Os dados do estado civil das entrevistas indicam que são viúvas, solteiras ou separadas e que são casadas. Essas realidades das velhas que participaram das entrevistas mostram bem porque o trabalho dos Grupos Terapêuticos da UBS Jardim Vera Cruz II é importante, em especial o Grupo Caravelas que há 22 anos reúne os velhos da Vila Anglo Brasileiro e região.

Os Grupos Terapêuticos são um espaço de convivência, de amizade, de relação com o mundo fora de casa e de combate a solidão que é um dos principais problemas do velho no mundo atual, conduzindo muitas vezes à depressão e à Alzheimer, tal como nos seguintes dizeres:

“Quero participar, quero passear, Deus me livre!, se parar, morre. Vinha no “Grupo Caravelas”, no “Mexa-se!”, de terça-feira e no “Terapia Ocupacional”, na quinta-feira para ajudar no trabalho das coordenadoras.” (Entrevista 3: Irma de Jesus Silveira, 67 a.).

“As pessoas que procuram o grupo de terapia comunitária chegam com depressão, síndrome do pânico, traumas de assalto, transtorno bipolar, luto, esquecimento, tristezas, angústias, aflições e começam a participar das reuniões de grupo em terapia comunitária. Muitas pessoas chegam transtornadas pelo sofrimento, contando seus problemas e ouvindo os problemas dos demais participantes, dentro das regras de uma terapia comunitária, já saem na maioria das vezes mais aliviadas em seu sofrimento, e nas reuniões seguintes já vão compartilhando com o grupo os seus saberes e vão se acalmando, falando de forma mais clara sobre o que as fazem sofrer, todo o atendimento e andamento do grupo é coordenado por um psicólogo, funcionário da UBS, que quando necessário faz no final da reunião o encaminhamento devido.” (Entrevista 4, Luiza M.Vendrametto, 64 a.).

“Eu comecei a participar há 6 anos quando meu marido morreu, para combater a solidão e participar do Grupo Caravelas evitou que eu entrasse em depressão. Fiquei muito triste com a morte do meu marido, mas conviver com os velhos aqui, ter conhecimento dos

problemas de todos, percebi que minha vida ia seguir.” (Entrevista 5, Mercia Olinda Garcia Diniz, 72 a.)

Os dados também mostram que a disposição para uma atitude de cidadão que quer melhorar a comunidade em que vive não está condicionada à escolaridade das pessoas. A maioria das entrevistadas têm Ensino Fundamental Incompleto e ensino Médio Completo, e participam há muitos anos do movimento para melhorar as condições de vida na Vila Anglo-Brasileira e região, porque são pessoas que têm um alto grau de humanismo e sensibilidade social.

Os dados mostram ainda que as pessoas com menor escolaridade ocupam seu tempo livre com as atividades de dona de casa, assistem à TV e frequentam Igrejas e que as entrevistadas com curso Superior completo utilizam o tempo disponível para frequentar cinemas, teatros, estudar e viajar.

Sete das entrevistadas são brancas e três são negras, todas residem em casas ou apartamentos próprios e fazem parte da classe média brasileira.

Também foi constatado que todas as entrevistadas afirmam que estão felizes e que melhoraram sua qualidade de vida, participando ativamente do movimento para melhorar as condições de vida no bairro e dos Grupos Terapêuticos, conforme revelaram as entrevistadas:

“No começo eu participava ativamente das atividades da UBS, cinco dias por semana, e a PMSP me reconheceu como a primeira voluntária regularizada oficialmente da cidade de São Paulo. Eu chegava cedo na UBS para conversar com os usuários, agilizar o atendimento da população, explicar para as pessoas a importância de participar da vida da comunidade, do Conselho Gestor da UBS.” (Entrevista 4, Luiza M. Vendrametto, 64 a.).

É importante registrar que homens velhos não participam dos grupos da UBS Jardim Vera Cruz, atitude que pode ser causada pela timidez ou por uma visão equivocada ou machista de que esse tipo de trabalho de saúde só reúne mulheres.

Análise das perguntas abertas do roteiro de entrevista

Para avaliar o resultado das entrevistas as seis perguntas abertas foram agrupadas em três categorias, de acordo com a essência do assunto abordado nas questões e coletados nas respostas, sendo:

- (1) Cidadania – O velho construindo o novo (Questões 2; 3; 4 e 6, predominantemente);
- (2) Resultados dos Grupos Terapêuticos (Questão 5); e
- (3) Combate ao Preconceito contra o velho no Brasil (Questão 7).

A análise das entrevistas segundo estas categorias está apresentada como segue.

(1) *Cidadania – O velho construindo o novo*

A participação cidadã - para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira e região, ajudando a construir um mundo de modo mais ético e responsável -, é constatada nos enunciados aqui advindos das várias pessoas entrevistadas. Suas práticas cotidianas, na Vila Anglo-Brasileira, podem atestar que os velhos puderam fazer escolhas em suas vidas, dado que eles dispõem de autonomia para exercer sua liberdade de operar essas escolhas quanto à sua participação nos grupos. Eles

foram, e continuam sendo potencialmente, os protagonistas na conquista dos equipamentos sociais do bairro e na manutenção da qualidade dos serviços prestados à população.

A entrevistada Luiza Maria Vendrametto, 64 anos, é exemplar nesse sentido; ela participa da vida da UBS há 15 anos. Durante anos participou do Conselho Gestor e hoje atua como voluntária em Grupos Terapêuticos. É a primeira voluntária oficial da cidade de São Paulo reconhecida pela Prefeitura, porque durante anos compareceu todos os dias na UBS Jardim Vera Cruz II para participar do atendimento da população em momentos de crise no atendimento por falta de médicos, para reuniões de mobilização e para coordenar Grupos Terapêuticos de Saúde. Ela é terapeuta comunitária e coordena o Grupo de Terapia Comunitária às segundas e quintas-feiras e o Grupo Começar de Novo, às quartas-feiras, junto com psicólogos da UBS Jardim Vera Cruz II.

A entrevistada Elza de Oliveira Pio, 69 anos, é outro exemplo: participa do Conselho Gestor da UBS Jardim Vera Cruz II e do Conselho Gestor da Supervisão Lapa Pinheiros da Secretaria Municipal de Saúde. Ela se mobiliza para garantir a qualidade do atendimento da UBS Jardim Vera Cruz II. Vai a reuniões com autoridades da Saúde para exigir o aprimoramento do atendimento que é dado à população da cidade. Além disso é voluntária na coordenação dos Grupos Terapêuticos Mexa-se e Tai Chi Chuan, da UBS Jardim Vera Cruz II.

As idosas Elza e a Luiza ajudam a organizar as atividades dos grupos, preparando material que será utilizado nas reuniões, organizando festas, fazendo intervenções nos diálogos entre as pessoas para motivar a participação de todos e, em caso de ausência dos profissionais de saúde, fazem as atividades para que o grupo continue se reunindo, evitando que os participantes desistam de comparecer às reuniões dos grupos.

Polonia Rossi Bertelli, aos 86 anos, por sua vez, participa do Conselho Gestor da UBS Jardim Vera Cruz II e constantemente se mobiliza para conseguir recursos, cobrar secretarias para melhorar as condições de atendimento à população.

Antonia de Lucca Costa, ora nos seus avançados 91 anos, começou a participar do movimento em 1980 para conquistar diversos equipamentos da Vila

Anglo-Brasileira, como a UBS, a Creche, o CCA e fez parte do Conselho Gestor da UBS Jardim Vera Cruz, por muitos anos. Conversando com o marido, o Sr. Manuel Costa, ambos decidiram ajudar os mais necessitados do bairro e as pessoas que ficavam sem médico, porque não tinham recursos financeiros, e o bairro não tinha uma UBS.

Na entrevista de Antonia de Lucca, esta revela o que recomendou ao clínico geral da UBS, Dr. Fernando: que ele escutasse mais os pacientes velhos, porque muitas vezes eles queriam mais ser ouvidos do que ser medicados. E que, depois de algum tempo, o Dr. Fernando reconheceu que as consultas dos pacientes tinham melhorado em seus efeitos. Essa atitude de Dona Antonia de Lucca que partiu da sua sensibilidade como ser humano e de conversas com outros velhos faz lembrar o caso relatado por Ayres Neto (2004), no caso do atendimento da paciente Dona Violeta. Ele atendia Dona Violeta frequentemente e, em todas as consultas, ela reclamava que não melhorava. Um dia ele fechou o prontuário e começou a escutar a história da vida de Dona Violeta e, a partir daí, criou-se a relação entre médico e paciente, permitindo que ela fosse tratada realmente, com o tratamento atingindo a causa dos seus problemas de saúde.

Antonia de Lucca propôs a humanização da saúde para o clínico geral da UBS Jardim Vera Cruz, tal como Ayres Neto fez no tratamento de Dona Violeta. Ela parou de participar dos grupos há dez anos, em razão de dores nos joelhos.

Essas pessoas, mesmo com pouco acesso à educação formal, como é o caso das Sras. Antonia de Lucca Costa e Polônia Rossi Bertelli, desenvolveram um senso de solidariedade, de justiça, de busca de melhoria das condições de vida da população e dão um exemplo de cidadania.

Como pode ser observado nos depoimentos de Dona Antonio Lucca Costa e Dona Polônia Bertelli Rossi, elas foram cobrar o então Governador, em muitas oportunidades no Palácio Bandeirantes e em campanhas de vacinação, visando à construção do prédio próprio da UBS Jardim Vera Cruz II.

Nilce Nadeu, por sua vez, aos 68 anos, participa do Conselho Gestor da UBS Jardim Vera Cruz II, do Conselho Gestor da Supervisão Lapa Pinheiros da Secretaria Municipal de Saúde. Ela participa no bairro para reivindicar o que falta na

UBS Jardim Vera Cruz II e, em reuniões do Conselho Gestor da Supervisão Lapa Pinheiros, cobra dos supervisores e até do próprio Secretário Municipal de Saúde, o encaminhamento aos problemas de atendimento na cidade, de falta de médicos especialistas na rede municipal, e sobre o problema de agendamento de consultas em locais muito distantes da região em que moram os usuários.

(2) Resultados dos Grupos Terapêuticos

Constata-se que o trabalho de promoção de saúde dos grupos terapêuticos tem contribuído muito para melhorar a vida dos velhos na região oeste do município de São Paulo.

Os grupos permitem aos participantes ter uma vida em comunidade e, em muitos casos, são a única opção de convivência social dos participantes, possibilitando-lhes lazer, cultura, passeios e o combate à solidão que, em grande parte dos casos, assola o cotidiano dos velhos, sendo um gatilho a doenças, sofrimento, falta de bem-estar na velhice, acarretando a depressão e doenças demenciais (ZAVALA, 2013).

Em muitos depoimentos são visíveis os benefícios da convivência nos grupos terapêuticos, em que a amizade, a solidariedade e o trabalho de profissionais da saúde envolvidos com sua profissão permitem aos usuários superar a perda de parentes e amigos, síndrome do pânico, do “ninho vazio” (após saída dos filhos do lar), transtorno bipolar, traumas provocados por assaltos, depressão, podendo, então, ressignificar suas vidas, ganhando maior autoestima e entusiasmo.

Também foi possível perceber que pessoas com necessidades especiais se sentem acolhidas pelos grupos terapêuticos e, dentro de suas possibilidades, melhoram sua qualidade de vida, porque são tratadas com respeito e sem preconceito. Luiza Maria Vendrametto conta o caso da jovem órfã e muda que foi ensinada a amamentar seu filho. Elza Pio conta o caso da jovem que não fala e tem dificuldade de locomoção e pede para a mãe levá-la ao grupo terapêutico, pois nas ruas e, às vezes no comércio, as pessoas riem da situação de saúde dela,

provocando uma tristeza enorme na jovem e na mãe; porém, no grupo terapêutico ambas mãe e filha se sentem acolhidas e aliviadas em seu sofrimento.

A entrevista de Dona Maria Noemia Saraiva mostra com a amizade, a vida em comunidade e o trabalho dos profissionais de saúde da UBS Jardim Vera Cruz II ajudaram a que ela superasse dois momentos muito difíceis em sua vida: a morte do marido e a morte do filho.

Ela afirma que o carinho das amigas nas reuniões e a atenção dos psicólogos da UBS Jardim Vera Cruz II nas reuniões dos grupos, e em visitas a sua casa, foram fundamentais para superar as perdas do marido e filho.

Os Grupos Terapêuticos tiveram início com o Grupo Caravelas que reunia apenas velhos, mas se ampliaram e hoje atendem muitos jovens e adultos.

Em muitos casos, jovens e adultos recorrem aos Grupos Terapêuticos, quando enfrentam problemas na vida e, depois de algum tempo, se sentem curados e param de comparecer às reuniões. Quando surgem novos problemas em suas vidas retornam aos Grupos para, através do trabalho desenvolvido, se recuperar e voltar a viver felizes.

É importante destacar que o trabalho vivenciado nos grupos Terapêuticos da UBS Jardim Vera Cruz II somente consegue bons resultados por causa do envolvimento de moradores, funcionários e médicos da UBS que têm mesmo comprometimento com a saúde da população.

(3) *Combate ao preconceito contra o velho no Brasil*

As entrevistas do Mestrado mostram claramente como é preconceituosa a crença de que a velhice representa o fim da vida. Muitos dos entrevistados expressaram com muita alegria que vivem a velhice com prazer e alegria.

Dona Carmem de Oliveira, por exemplo, tem uma vida feliz e se realiza aos 83 anos, coordenando a ala das Baianas, e desfilando no Carnaval de São Paulo pela Escola de Samba Mancha Alviverde. Eis seus dizeres:

“Os velhos têm muito a coisa a fazer, tem que correr. Faço tudo lavo, passo, comida, cuido de um neto de 21 anos e da neta de 17 anos, faço crochê. Toda a manhã vou rezar na Igreja da Pompeia. Cuido da ala das baianas da Mancha Alviverde, são oitenta baianas e três diretoras. Todo o sábado, das três às quatro da tarde, estou lá, cuidando da ala das baianas. Já desfilei na Camisa Verde e Branco, na Águia de Ouro, e estou há 20 anos cuidando da ala das baianas da Mancha Alviverde. Desfile é maravilhoso, é uma hora para armar a Escola na Concentração, depois uma hora de desfile. Começa a bateria, nem lembra que tem perna, dor. É uma emoção, emoção que tem, toma cuidado com o coração. Já disse para o meu filho: quando eu morrer, quero ser velada lá na quadra da Escola de Samba.” (Entrevista 6, Carmem de Oliveira, 83 a.)

Dona Mércia Diniz, aos 72 anos, tem uma vida repleta de atividades: vai ao teatro, cinema e passeios com amigas; já está adaptada ao mundo da tecnologia, utilizando o WhatsApp, internet. Estuda numa Faculdade de Terceira Idade, e vai viajar com o filho para a Europa. Eis seus dizeres:

“Eu fui professora no Magistério até casar, depois tive dois filhos e parei de trabalhar e vivi para minha família até meu marido morrer. Quero saber de tudo, ouço rádio, vejo tv, leio jornal, olho a internet, tenho um grupo de amigos pelo whatsapp, marcamos passeios, reuniões, estou aprendendo a fazer compras pela internet com meu neto. Estou estudando na Faculdade da Terceira Idade da Campos Salles, converso com meu filho, quero viver, viajar pela Europa.”

Dona Irma de Jesus Silveira, 67 anos, afirma que aprendeu a se amar, perdeu o medo, e se sente mais confiante; escreve poesias, adora passear, nadar, quer viver muito; aproveitar a vida, conforme seus dizeres seguintes:

“É experiência, liberdade, aprendizado, tolerância, diversão, amizade, aprendi a me amar, respeitar meu corpo. Escrevo poesias e leio para as pessoas dos grupos. Tenho muitos amigos, sou querida, perdi o medo, quero estar à frente, quero público. Estou mais livre, confiante, perdi o medo, vou fazer minhas coisas sempre. Nos passeios, caminho, ando, nos sítios quando tem piscina, vou nadar. Eu ia participar de um desfile de Miss Simpatia, mas não vou porque meu marido está doente. Quero participar, quero passear, Deus me livre!, se parar, morre. Vinha no “Grupo Caravelas”, no “Mexa-se!”, de terça-feira e no “Terapia Ocupacional”, na quinta-feira para ajudar no trabalho das coordenadoras. Agora levo meu marido na hemodiálise três vezes por semana e só venho na quinta-feira no Grupo Caravelas.” (Entrevista 3, Irma de Jesus Silveira, 67 a.).

Luiza Vendrametto, 64 anos, se aposentou, tornou-se terapeuta comunitária, auxilia grupos terapêuticos da UBS Jardim Vera Cruz II; é feliz servindo à comunidade e viaja com frequência para aproveitar a vida depois da aposentadoria.

Neusa Barone Salatini, 81 anos, participou do Conselho Gestor da UBS, atualmente participa dos grupos Terapêuticos, dirige seu carro para ir à Faculdade da Terceira Idade, fazer compras e viaja com amigas da Faculdade e dos Grupos Terapêuticos.

Os dizeres das entrevistadas acima mostram que os velhos criaram seus Projetos de Felicidade, como cita Ayres Neto (2004) e vivem a velhice realizando sonhos que não conseguiram concretizar em outros momentos da vida.

É de se ressaltar ainda que o envelhecimento ativo como o vivido pelas entrevistadas da Vila Anglo-Brasileira, e de tantos outros cidadãos, traz benefícios para as pessoas e para o país. São práticas abertas a todos, espaços em que identidades se reconfiguram, por meio do exercício dos corpos, celebrando a saúde, a amizade, uma vida mais que voltada para si, mas para o outro, enfim. Todas essas motivações (saúde, convivência feliz com o outro) estão associadas ao modo de se comportar, agir/interagir e sociabilizar-se com a rua, com a praça, com uma determinada associação de moradores de uma vila, e seus grupos humanos. Assim é que se formam, então, condições sociais de identificação e de distinção das

pessoas, especialmente as idosas que aí encontram espaço para se sentirem valiosas em suas experiências de vida.

Assim, vamos nos dirigindo agora para as Considerações Finais...

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nosso trabalho, além do desejo de comunicar uma experiência, e de reparar, na relação, uma falha cuja cicatriz ainda carregamos, para que não se torne uma lacuna da memória, é uma contribuição ao esforço de todos os que se recusam a alienar os velhos, como se aliena, ainda, com muita frequência, o psicótico, com o pretexto da irreversibilidade.”

(MESSY, 1999, p. 112).

Acredita-se, nesta pesquisa, tal como o enuncia a epígrafe acima, que experiências, como a que este aluno-pesquisador vivenciou e continua vivenciando na Vila Anglo-Brasileira, cenário desta pesquisa, no sentido de uma participação ativa de pessoas idosas, em práticas produtivas a si mesmas e às demais gerações, têm todas as condições para serem bem-sucedidas.

Em uma dinâmica mobilizadora das forças criativas desses moradores, foi possível subverter a situação de sofrimento em que a maior parte deles estava, e que iria continuar indefinidamente, caso não acontecesse uma mobilização efetiva e contínua dos moradores daquele bairro.

Reitera-se, nessa direção, o funcionamento de ações-conjuntas dos moradores de um bairro: estas são exemplares mesmo para se transformarem em políticas públicas a serem aplicadas nos demais bairros de uma cidade, como a capital paulistana, assim como em cidades de outros Estados do Brasil, para assegurar que todos, especialmente os velhos, possam frequentar equipamentos de saúde, educação e cultura, para que ganhem bem-estar, serenidade, enfim, uma melhor qualidade de vida.

Essa experiência que vivenciamos na Vila Anglo-Brasileira mostra como é importante a participação da população na construção da saúde e educação e na criação de um país melhor para a maioria dos brasileiros. Cidadãos conscientes de seus direitos, aliando-se a profissionais comprometidos com a área da saúde, educação e cultura, conseguiram melhorar em muito o atendimento da população dessa região.

Destaque-se a questão primordial da comunicação criada entre grande parte dos moradores, o que ensejou sua participação diária em reuniões de organização, produção e distribuição de panfletos que convocavam todos os residentes naquele bairro para estarem presentes em assembleias, em torno da conquista de melhorias necessárias à vida cotidiana.

Desse modo, todos os moradores daquela comunidade passaram a exercitar seu efetivo direito à comunicação. A comunicação, antes que acesso à informação ou mera transmissão de dados, foi entendida como garantia do direito à saúde de todos, a boas condições de vida.

Sob essa perspectiva de uma comunicação coletiva e plural exercida como direito à saúde de todos, passamos, este aluno-pesquisador e demais moradores da Vila Anglo-Brasileira, a viver intensamente a vida da UBS, contribuindo para que esta unidade abrisse espaços para serem não apenas **um lugar essencialmente medicalizado**, mas também **um lugar de encontro** ao diálogo entre doentes, famílias, amigos, funcionários, diretores e equipe multidisciplinar de profissionais; **um lugar de passagem**, pois nele “batíamos ponto”, ou seja, marcávamos presença diariamente no sentido de mobilizar forças criativas a alguma atividade ou oficina ali iniciada; e também **um lugar de escuta**, quanto a reivindicações ainda a serem dirigidas a alguma das Secretarias Municipais ou de Estado, a fim de assegurar um atendimento de qualidade àqueles que naquela unidade buscavam atendimento; ainda **um lugar de consultas e informações** a qualquer morador interessado em questões de saúde, para si mesmo ou para outrem; e mais ainda: **um lugar com diversidade e pluralidade** de frequentadores, não restringindo a participação a apenas velhos fragilizados ou dependentes, mas a todos os moradores da região: crianças, jovens, adultos em situação de prevenção ou recuperação; a um só tempo, **um lugar de trabalho dinâmico**, por parte dos profissionais, de preparação das famílias dos doentes, que precisam ser orientadas e apoiadas quanto à qualidade dos cuidados que deverão prestar a seus parentes, em continuidade nos lares.⁸

Desse modo, motivados pelas necessidades dos acolhidos naquele espaço da UBS, ligávamos ou íamos pessoalmente às Secretarias, convidávamos vereadores e deputados para que se colocassem junto aos moradores do bairro, que

⁸ Um olhar desse modo aos espaços da UBS se deve à inspiração dada por Messy (1999, pp. 143-149).

viesses participar das respectivas assembleias, ficando, assim, a par das demandas de melhoria à saúde na região.

Visando a sermos bem-sucedidos nesse trabalho de sensibilização política, sempre procuramos nos preparar de forma adequada para participar de assembleias e reuniões com Secretários do Estado, do Município e Prefeitos. Discutíamos, entre nós, como arregimentar argumentos consistentes para, além de convencer, comover as autoridades de que nossas reivindicações eram mais que justas. Para tal, dispúnhamos de dados sobre a população a que a UBS atendia, a relação de funcionários e médicos por habitante; enfim, da situação real da UBS, para fortalecer nossa argumentação quando íamos reivindicar, por exemplo, a contratação de funcionários ou o fornecimento de medicamentos.

A participação em nosso movimento por parte dos moradores do bairro, de funcionários e profissionais da UBS, melhorou o atendimento diário nessa unidade, levando ainda à conquista de outros equipamentos imprescindíveis àquela população: o Centro de Idosos, a criação dos Grupos de Atendimento a moradores, especialmente a velhos, os quais passaram a constituir vinte por cento dos usuários atendidos pela UBS.

Criou-se, assim, um atendimento integral e humanizado na UBS, no sentido de uma pessoa em sofrimento ser acolhida e ouvida por uma equipe especializada nas técnicas de relacionamento, primeiramente no relato de suas queixas, dificuldades ou demandas, no sentido, a seguir, de lhe ser feito um diagnóstico inicial do seu estado de saúde física ou mental. De imediato, a pessoa era encaminhada a profissionais especializados em seu caso (geriatra ou outro médico; enfermeiro; psicólogo; terapeuta físico e/ou ocupacional, nutricionista, dentre outros) Essa experiência desenvolvida na UBS Jardim Vera Cruz II mostra como temos um atendimento de qualidade na rede pública de Saúde, contrariando um discurso muito em moda no Brasil hoje de que tudo que é público é ruim, e de que tudo que é privado é uma maravilha, e que as deficiências que ainda existem no Sistema Único de Saúde são causadas pelo baixo investimento de governantes na saúde pública do país.

Na área da educação, conquistamos a Creche, o CCA e o EJA que permitiram que crianças, jovens, adultos e velhos tivessem acesso ao ensino em diversos níveis. É digno de se registrar que tal não aconteceria se o movimento popular do bairro não tivesse organizado todas as mobilizações pela instalação de equipamentos educacionais na região.

Nessa direção da luta por melhores condições de vida, saúde, educação e cultura, à maioria dos brasileiros, acreditamos que o primeiro passo é conseguir o envolvimento dos cidadãos na luta diária pelos direitos no bairro, na cidade, e ser ampliada com a eleição de governantes que deem prioridade a políticas públicas direcionadas para acabar com a brutal desigualdade social no país.

De modo similar e, em suma, pensando-se no campo da comunicação social – área de formação e atuação deste aluno-pesquisador -, a sociedade necessita de veículos midiáticos mais plurais e diversificados, focados em valores e ideais humanísticos, em um papel estratégico para a construção dos rumos do país, que deem vez e voz à diversidade e heterogeneidade existentes em todos os segmentos etários da população; diversidade e heterogeneidade que têm sido, entretanto, silenciadas historicamente devido a termos uma comunicação majoritariamente privada, voltada a fins mercantilistas, em detrimento a uma comunicação fundada no interesse público.

Por fim, acreditando que uma pesquisa, ainda que bem-feita, não possa ser considerada ética se não mostrar o esforço para mudar a realidade à volta, entendo este trabalho como sendo também ético por mostrar o esforço de traduzir em discurso acadêmico, o que foi mudado na realidade da Vila Anglo-Brasileira, pelos movimentos e práticas sociais de seus moradores em que se inclui este aluno-pesquisador.

Este nosso trabalho, ainda que atenda a uma necessidade de titulação, não poderia ser dito como simplesmente motivado em sua temática pela, ou para a, academia, menos ainda pelo mero desejo de comunicar uma experiência. Ele traz nele, tal como afirma Messy (1999, p. 112), em fragmento da epígrafe destas Considerações Finais, “(...) o esforço [caso da luta aqui mostrada dos moradores da Vila Anglo-Brasileira] dos que se recusam a alienar os velhos, como se aliena, ainda,

com muita frequência (...)”, todos os moradores de regiões empobrecidas, que não são cuidadas pelo poder público.

Durante dois anos do estudo do Mestrado de Gerontologia Social na PUC-SP, com a convivência com velhos em reuniões nos Grupos Terapêuticos da UBS Jardim Vera Cruz II, entrevistando pessoas para este estudo, pude perceber como os idosos estão abandonados no Brasil.

As cidades não estão adaptadas para o crescimento rápido do número de velhos no país, a sociedade discrimina e é preconceituosa com a velhice. Esse descaso com os velhos pode ser observado em transportes públicos, no comércio, em estacionamentos de shoppings e supermercados, no poder público e até na família.

Direitos previstos no Estatuto do Idoso são desrespeitados diariamente, como a prioridade para velhos com assentos preferenciais em ônibus e metrô, nas filas para pagamento no comércio e em locais reservados em estacionamentos. Jovens e adultos ocupam esses espaços sem nenhum tipo de constrangimento e não existem até hoje leis que possam impedir esse desrespeito aos direitos dos velhos.

Os velhos enfrentam muitos obstáculos para viver normalmente nas cidades, a começar pelas calçadas das ruas e avenidas com muitos buracos, desniveladas que dificultam a movimentação dos velhos que temem sofrer quedas e restringem suas saídas de casa para compras, visitar amigos ou passeios.

Até na nossa linguagem diária, associamos a palavra velho o que é quebrado, não mais utilizável sem perceber que estamos reforçando o preconceito. Comumente ouvimos essas frases: “esse liquidificador está velho, pode jogar fora”; ou “Essa roupa está velha, não vou usar mais”; e outras tantas similares.

Essas afirmações poderiam ser, por exemplo: “Esse liquidificador não funciona mais, vou jogar fora” e “Já usei muito essa roupa, agora não dá mais”. Dessa forma, estaríamos evitando a associação da palavra velho a alguma coisa sem utilidade.

Os ônibus têm escadas de acesso muito altas que dificultam a subida e descida; transitam muitas vezes em alta velocidade, tornando o simples ato de utilizar um transporte público um risco de acidente.

Os espaços públicos são pouco adaptados para os velhos com a construção de rampas, colocação de corrimões para que eles possam andar com segurança em prédios, cinemas, teatros, restaurantes e muitas vezes em suas próprias casas.

Também as deficiências na área da saúde no Brasil impactam muito sobre a qualidade de vida dos velhos. Na rede pública temos uma carência de médicos de especialidades, o que implica na demora no atendimento à população em geral e aos velhos em consultas que poderiam garantir uma saúde melhor para os cidadãos.

Vivi na rua em que moro a realidade de ver uma senhora negra muito pobre esperar uma consulta com um gastroenterologista e depois de esperar meses passou a usar uma bolsa de colostomia e em seguida teve sua saúde muito debilitada e não conseguia mais sair de casa, vindo a falecer depois de alguns meses. Essa realidade não é exclusiva da Vila Anglo-Brasileira, sendo comum a todos os bairros e cidades do país.

A alternativa de recorrer a planos privados de medicina não existe para a população pobre e, na maioria dos casos, nem para a classe média, porque os planos custam muito caro a partir dos cinquenta anos e não atendem as pessoas individualmente, somente em grupos de associados. Isso obriga os velhos a estarem ligados a uma empresa, associação ou sindicato e a ter dinheiro para pagar esses planos.

Quando iniciei o Mestrado eu estava a par das dificuldades que enfrentam os velhos pobres do Brasil, mas durante as pesquisas e entrevistas pude constatar que também é muito difícil a vida dos velhos da classe média brasileira. A solidão, o abandono por parte de familiares, a falta de companhia para viver, de atendimento médico é uma realidade para velhos pobres e de classe média. Os velhos de classe média podem até ter mais poder econômico, mas sofrem com a falta de visita de parentes, com a falta de acompanhantes para se deslocar por causas de fragilidades, medo de quedas e da falta de segurança.

Mesmo os velhos que recebem periodicamente a visita de filhos ou amigos, vivem no dia a dia a solidão, a falta de opções de lazer e de convivência em comunidade.

Uma alternativa para que os velhos não vivessem na solidão é a decisão dos filhos de levarem seus pais para morarem em suas casas. Cada família tem uma realidade, algumas não têm recursos econômicos ou espaço em casa para abrigar os pais; outras famílias se mantêm insensíveis aos riscos que correm os velhos que moram sozinhos.

Vejo nas ruas do bairro em que moro velhos caminhando com dificuldade com bengalas para fazer compras no comércio em ruas movimentadas, arriscando-se a sofrer quedas ou atropelamentos.

Também penso quem irá socorrer um velho que não tem cuidador em qualquer acidente em casa.

Na realidade em que vivo, vejo velhos nessa situação na faixa etária de 80 a 95 anos vivendo sozinhos em suas casas e me questiono se não é a hora de as famílias assumirem a responsabilidade de cuidar dos seus *velhos de casa*.

Acredito que as creches e EMEIs foram as soluções criadas para mães que precisam trabalhar para sustentar a família, da mesma forma a sociedade precisa encontrar caminhos para cuidar dos velhos.

A nosso ver, existem medidas que poderiam ser adotadas pelos governos, Federal, Estadual e Municipal, para melhorar a vida dos velhos no país. Uma delas é retomar a política de reajustes do salário-mínimo acima da inflação, porque as aposentadorias aumentam com base no salário mínimo. De 2002 a 2015 essa política foi adotada pelo governo Federal e abandonada depois da mudança da Presidência. Com aposentadorias maiores, os velhos teriam mais condições de se alimentar melhor, comprar medicamentos; enfim, viver melhor.

Outra providência necessária para melhorar o atendimento de saúde para os velhos e todos os brasileiros é mudar a Lei que congelou em dez por cento os investimentos do governo Federal em saúde e educação, impedindo que mais

dinheiro seja injetado no SUS para aperfeiçoar esse que é o maior programa de atendimento universal do mundo.

Para que essas medidas fossem aprovadas, seria necessária a pressão da opinião pública sobre os Congressistas e Governantes que estão mais interessados em acabar com o SUS e entregar a assistência médica da população a grupos da medicina privada.

Apesar de o Estatuto do Idoso prever estímulo às empresas privadas para admissão de idosos no trabalho, até agora esse assunto não foi encarado seriamente pela sociedade, pois os velhos em condições de trabalhar depois da aposentadoria teriam um salário para viver melhor e voltariam a contribuir para a Previdência Social no País.

Também seria necessário para melhorar a vida dos velhos tornar o PAI, Programa de Atendimento ao Idoso, obrigatório em todos os municípios do Brasil. Atualmente o PAI só existe na capital de São Paulo e funciona precariamente por falta de funcionários para atender o crescente número de velhos em nossa sociedade. Os profissionais do PAI ajudam os velhos em deslocamentos para a UBS, hospitais, visitam casas de velhos acamados, acompanham velhos em suas residências para ver se estão tomando os medicamentos indicados por médicos e estão com as consultas em dia. Com o aumento do número de profissionais do PAI esses acompanhantes poderiam conduzir os velhos a atividades no bairro ou em visitas a museus, parques, cinemas e teatros.

A criação de Centros de Convivência dos Velhos, como fizemos na Vila Anglo-Brasileira, nas cidades brasileiras, é um caminho para melhorar as condições de vida dos velhos no país.

Esses Centros de Convivência dos Velhos poderiam funcionar junto às UBS como sugerimos neste estudo de Mestrado, ou utilizar espaços públicos para suas atividades quando não houver espaço nos prédios onde estão construídas as Unidades Básicas de Saúde dependendo da realidade de cada região da cidade.

Temos, em escolas públicas de São Paulo, teatros que são pouco utilizados e poderiam servir como espaços de cultura para os Centros de Convivência de Velhos.

Através de concursos públicos promovidos por Secretarias de Cultura, seriam contratados, grupos de teatro, música, dança, e feito convênios com distribuidoras de filmes para sessões de cinema nesses espaços.

Também seria necessário disponibilizar transporte para os velhos para que eles se deslocassem para as atividades de lazer e cultura no bairro ou fora do bairro.

Conheço o projeto Cine B, do Sindicato dos Bancários de São Paulo, que exhibe filmes brasileiros de qualidade em salões de Igrejas, praças públicas, Escolas de muitos bairros de São Paulo. Se o Sindicato dos Bancários de São Paulo leva cultura aos bairros de São Paulo, o que impediria uma Prefeitura ou o Governo de Estado de adotar semelhante atitude? Com certeza, prefeituras e governos do Estado têm muito mais recursos financeiros que um Sindicato e somente a falta de sensibilidade e de compromisso com os velhos do Brasil explicam essa omissão do poder público.

A discussão sobre o velho no país deveria começar em escolas, universidades para criar cidadãos que respeitem as pessoas em qualquer fase da vida, como também está previsto no Estatuto do Idoso.

Também é fundamental que governos em vários níveis façam campanhas publicitárias em meios de comunicação, divulgando os direitos dos velhos e a sua importância para a sociedade. Apesar de o Estatuto do Idoso prever que os meios de comunicação tivessem programas e horários especiais voltados para os idosos com finalidade educativa, artística e cultural, esses meios de comunicação pouco fazem para combater o preconceito e a desvalorização dos velhos na sociedade.

Essa proposta de criação de Centros de Convivência de Velhos em todas as UBS de São Paulo, baseada nos resultados que foram obtidos na Vila Anglo-Brasileira tem como objetivo começar a tomar medidas concretas para melhorar as condições de vida dos velhos no Brasil.

Não adianta somente constatar que cresce o número de velhos no país e que em 2050 teremos mais de 66 milhões de velhos no Brasil. É preciso que a sociedade passe da fase de reclamações, de denúncias contra o abandono dos velhos para a criação de propostas e mobilização para forçar o poder público a tomar medidas

para atender as necessidades dos milhões de velhos do Brasil. Que o Manual para Cidadãos, produto desta Dissertação, possa ter/criar ressonâncias em “cabeças bem-feitas”, no sentido Moriniano, e possa fazer reduplicar a experiência da Vila Anglo-Brasileira para outros espaços da capital paulistana...

6. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad.: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **O amigo & O que é um dispositivo?** Trad.: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2014.

_____. **O fogo e o relato**. Trad.: Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018

AMMANN, S. B. **Movimento Popular de Bairro: de frente para o Estado, em busca do Parlamento**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

AYRES, J. R. C. M. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Physis** [online], vol.17, n.º 1, 43-62, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100004>. Acesso em 01/12/2017.

_____. O cuidado, os modos de ser do humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.º 3, 16-29, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/03.pdf>. Acesso em 01/12/2017.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!** Santos, SP: Re-Novada, Projeto Cooperação, 1997.

CABRAL, A. Recensão crítica: Paulo Freire (36ª ed., 2003; 1ª ed. 1970). **Pedagogia do Oprimido** Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 184 p. **Revista Lusófona de Educação**, pp. 200-204. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n5/n5a14.pdf>. Acesso em 01 julho, 2018.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. de. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?**, pp. 49-67. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel /SESC, 1994.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 2ª ed. Trad.: Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1975.

_____. **Educação e mudança**. 24ª ed. Trad.: Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 11ª ed. 1ª ed.: 1970. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1982.

GLOBAL AGE WATCH INDEX. Age Watch report card, 2015. Recuperado em 01 julho, 2018, de: <http://www.helpage.org/global-agewatch/population-ageing-data/country-ageing-data/?country=Brazil>.

IBGE, Estudos e análises. Informação demográfica e socioeconômica. SIMÕES, C. C. S. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016. 119 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=298579>. Acesso em: 25/11/2018.

LALIVE D'EPINAY C.; CAVALLI S. **Le quatrième âge ou la dernière étape de la vie**. Lausanne, Suisse: Presses polytechniques et universitaires romandes. (Coll. Le savoir Suisse), 2013.

LIMA, C. R. **Programas intergeracionais – um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações**. Campinas: Alínea, 2008.

LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R. Interdisciplinaridade: Desafios na construção do conhecimento gerontológico. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 16, n.º 2, pp. 291-306, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>. Acesso em 01/12/2017.

LODOVICI, F. M. M. Apresentação, pp. 07-14. **Envelhecimento e Cuidados – uma chave para o viver**. São Paulo: Portal Edições, 2018.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice**. Trad.: José de Souza e Mello Werneck. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. (7ª ed.). São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 2004.

MORI, G.; SILVA, L. F. da. Lazer na terceira idade: desenvolvimento humano e qualidade de vida. **Motriz: Rev. Educ. Fis.**, v. 16, n.º 4, 950-957, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p950>. Acesso em 01 dezembro, 2017.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad.: Eloá Jacobina. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUCIDA, A. **A escrita de uma memória que não se apaga**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2011.

OMS. Organização Mundial da Saúde. World Health Organization. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Trad.: Suzana Gontijo, 2005.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. (mimeo), 2010.

PALUDO, C. Educação popular e movimentos sociais na atualidade. **America Latina em movimento**, 2010. Disponível em: <https://rest.formacontrolesocial.org.br/materials/conceicao-paludo.pdf>. Acesso em 03 novembro, 2018.

PATROCÍNIO, W. P. **Descrição e análise dos efeitos de um programa de educação popular em saúde dirigido a idosos comunitários**. Tese de doutorado, Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

_____. Atividades práticas para o Envelhecimento Ativo. **Revista Kairós Gerontologia**, 18(N.º Especial 19), Temático: “Envelhecimento Ativo e Velhice”, 167-187, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/27283/19305>. Acesso em 01 dezembro, 2017.

PAZ, S. F. Movimentos sociais: participação dos idosos. PY, L.; PACHECO, J. L.; SÁ, J. L. M. de; GOLDMAN, S. N. (Orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 10º cap., 229-256. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.

PEIXOTO, C. E. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 27,138-149, 1995.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. Tradução: Luiz Alberto Monjardim. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 260p.

SCRAMIM, S.; HONESKO, V. N. Apresentação, pp. 7-19. AGAMBEN, G. **O amigo & O que é um dispositivo?** Trad.: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2014.

SEVERO, D. O.; CUNHA, A. P.; ROS, M. A. Articulação nacional de movimentos e práticas de educação popular e saúde no estado de Santa Catarina: fortalezas e fragilidades. Florianópolis (SC): **Texto Contexto Enfermagem**, v. 16, n.º 2, 239-245, 2007.

SILVEIRA, N. D. R. **A pessoa idosa: educação e cidadania**. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, 2009. Disponível em: www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br. Acesso em: 05Nov.2018.

SOUSA, A. C. S. N. de; LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R.; ARANTES, R. P. G. Alguns apontamentos sobre o Idadismo: A posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. **Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 19, n.º 3, pp. 853-877, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/50435/33290>. Acesso em 01/12/2017.

TAVARES, O.; SILVEIRA, V. Experiências de envelhecimento no ambiente de praia. **Revista Kairós-Gerontologia**, v.17, n.º 3, 271-284, 2014.

TEIXEIRA, S.M. Lazer e “tempo livre” na terceira idade: potencialidade e limites no trabalho social com idosos. São Paulo: PUC-SP: **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 10, n.º 2, 169-188, 2007. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2597/1651>. Acesso em 01/12/2017.

VARGAS, A. C.; PORTELLA, M. R. O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 16, n.º 2, 227-238, 2013. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/18546/13733>. Acesso em 01/12/2017.

ZAVALA, V. M. de O. Widowhood, loneliness and sexuality in old age: mechanisms of coping and overcoming. Viuvez, solidão e sexualidade na velhice: mecanismos de enfrentamento e superação. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 16(Número Especial 15, "Eroticism/Sexuality and Old Age"), 105-138, 2013. Recuperado em 01 outubro, 2018, de: file:///C:/Users/Dados/Downloads/17555-43908-1-SM.pdf.

7.ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

NOME: _____

1) SEXO: () Feminino () Masculino

2) IDADE:

() 60-69 anos () 70-79 anos () 80-89 anos () Acima de 90 anos.

3) ESTADO CIVIL:

() Casado () Solteiro () Viúvo () Separado () Divorciado

4) ESCOLARIDADE:

() Nenhuma

() Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo

() Superior incompleto. Qual? _____

() Superior completo. Qual? _____

() Outro: _____

5) COM QUEM MORA? (marcar com "x" todos que são aplicáveis)

() Apenas com cônjuge() Mora sozinho() Cônjuge() Filhos () Netos

() Outros: _____

6) QUANTOS MORAM COM O IDOSO? _____

7) SITUAÇÃO DE MORADIA:

() Do entrevistado(a) () Do cônjuge/filhos () Alugado

() Outra situação: _____

8) Há quanto tempo é morador da Vila Anglo-Brasileira? _____

9) SITUAÇÃO OCUPACIONAL:(marcar com "x" todos que são aplicáveis)

() Aposentado() Pensionista() Empregado () Dono (a) de casa

() Outra situação: _____

10) PROFISSÃO: _____

11) O QUE FAZ PARA OCUPAR SEU TEMPO DISPONÍVEL, LIVRE?

PERGUNTAS

- 1) O/A Senhor/a acredita que sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para o/a Senhor/a viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? () sim () não
- 2) O que foi para o/a Senhor/a participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?
- 3) Como foi que o/a Senhor/a resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?
- 4) Para o/a Senhor/a, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

- 5) No que sua vida melhorou quando o/a Senhor/a passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?
- 6) Como o/a Senhor/a viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?
- 7) O que o/a Senhor/a tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

ANEXO B –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Dados de identificação do participante da pesquisa

Nome:			
Idade:		Data de Nascimento:	
Sexo:	() Feminino		() Masculino
Estado civil:		Escolaridade:	
RG:		Telefone:	
Endereço:			

Informações sobre a Pesquisa

Título do estudo: “Um Programa de boas práticas cotidianas intergeracionais, como caminho viável para as políticas públicas pró-envelhecimento: o caso da Vila Anglo-Brasileira”.

Pesquisador responsável: Elias José Novellino

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Telefone para contato: (11) 97139-6639 email: eliasnovellino@hotmail.com

Local da coleta de Dados: _____

Prezado(a) Senhor(a):

- Este convite é para o(a) Senhor(a) participar de acordo com sua vontade e disponibilidade deste estudo de forma totalmente **voluntária**.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que o(a) Senhor(a) compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- O pesquisador Elias José Novellino deverá responder a todas as suas dúvidas antes que o(a) Senhor(a) se decida a participar.
- O(a) Senhor(a) tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.
- As informações fornecidas pelo(a) o(a) Senhor(a) serão **confidenciais**. Nenhum participante deste estudo será identificado e reiteramos que os dados ficarão sob nossa guarda, não sendo permitido acesso por pessoas não relacionadas à pesquisa.
- Durante a pesquisa, o(a) Senhor(a) **não terá despesa**, bem como não haverá pagamento pela sua participação.

Assinatura do Pesquisador
Elias José Novellino

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (continuação)**Dados de identificação do participante da pesquisa**

Nome:	
--------------	--

Procedimentos

Os procedimentos a serem realizados são: suas respostas escritas a um questionário sociodemográfico (nome, idade, sexo...).

Posteriormente será realizada uma entrevista semi-estruturada, que contém uma pergunta fechada e algumas perguntas abertas que serão transcritas para análise deste estudo.

Eu,

_____, abaixo assinado, tendo recebido todos os esclarecimentos acima citados, e ciente de meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo toda documentação necessária, a divulgação e a publicação em periódicos e revistas, apresentação em congressos, workshops e quaisquer eventos de caráter científico.

São Paulo, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do Participante

ANEXO C–TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

São Paulo, _____ de _____ de 2018.

Eu, _____,
depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “Um Programa de boas práticas cotidianas intergeracionais, como caminho viável para as políticas públicas pró-envelhecimento”: o caso da Vila Anglo-Brasileira”, estou ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, o pesquisador ELIAS JOSÉ NOVELLINO a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

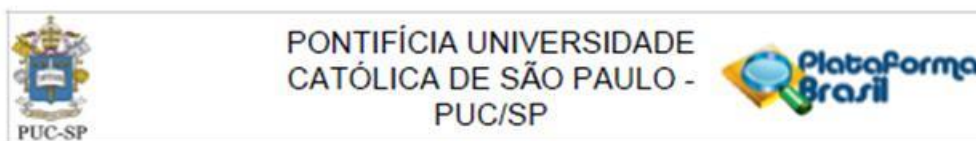
Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citado sem garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação, caso eu solicite;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988;
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador e do orientador da pesquisa de mestrado, Profa. Dra. Flaminia Manzano Moreira Lodovici, ou responsável), e após esse período, serão destruídos; e,
6. Estarei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Assinatura do Participante

ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DA CEP PUC-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "UM PROGRAMA DE BOAS PRÁTICAS COTIDIANAS INTERGERACIONAIS, COMO CAMINHO VIÁVEL PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS PRÓ-ENVELHECIMENTO: O CASO DA VILA ANGLO-BRASILEIRA"

Pesquisador: ELIAS JOSE NOVELLINO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 94700418.3.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.926.623

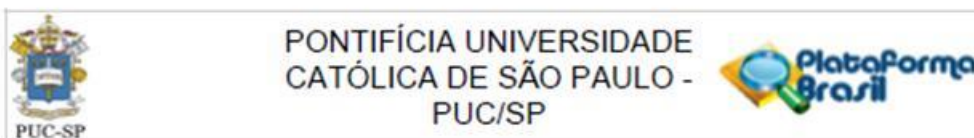
Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia (PEPG em GER), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Elias José Novellino, sob a orientação da Profa. Dra. Flaminia Manzano Moreira Lodovici.

Resumidamente o autor informa "(...) Esta proposta de pesquisa objetiva mapear diversas práticas que são exercidas por pessoas idosas residentes na Vila Anglo-Brasileira, como experiências contemporâneas do envelhecimento, por meio de enfoque qualitativo em uma pesquisa do tipo etnográfica. Os relatos dessas experiências serão coletados e discutidos no segundo semestre de 2018. Tais práticas, a nosso ver, visam a um envelhecimento saudável, e que aqui serão vistas, dentre outros teóricos, a partir da perspectiva de Paulo Freire e sob a Política de Envelhecimento Ativo (OMS). Espera-se que estas experiências realizadas entre gerações – idosos em interação com jovens e crianças – possam contribuir para o campo da pesquisa e das práticas na área da gerontologia, sendo vistas como uma boa via para as Políticas sociais e públicas em favor de um envelhecimento saudável, ativo."

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.926.623

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar, à luz da perspectiva da Gerontologia Social, o que significa para as pessoas idosas da Vila Anglo-Brasileira participar de práticas populares no ambiente público, as chamadas "experiências contemporâneas do envelhecimento"? Em que sentido contribuem para uma convivência pacífica com seu próprio envelhecimento e o de outras pessoas?

Objetivo Secundário:

(a) Levantar o perfil dos idosos participantes da pesquisa, a partir de variáveis como: faixa etária, gênero, estado civil, escolaridade e local da residência, que podem situar melhor a condição atual do idoso que vai responder às questões da entrevista;

(b) Verificar qual é a realidade da vida cotidiana dessas pessoas idosas aposentadas, ou não, da Vila Anglo-Brasileira; o que acontece com elas?; como elas se sentem neste período de suas vidas após os sessenta anos?; que fazem para ocupar seu tempo disponível, livre?;

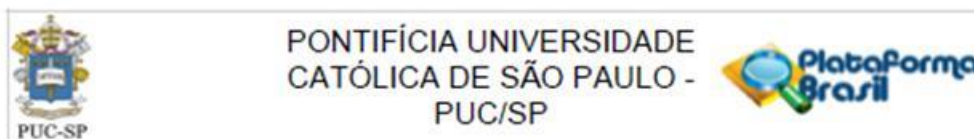
(c) Comparar os resultados obtidos nas diferentes situações em que vivem, após a interpretação das respostas obtidas dos dados analisados, para verificar recorrências ou divergências entre eles;

(d) Poder fornecer alguns subsídios acerca de ações imprescindíveis voltadas à educação sobre o envelhecimento, voltadas às problemáticas da velhice, a fim de que, desde o ser humano mais precoce, todos os segmentos da sociedade enfim, se deem conta de que estão sempre envelhecendo, que o envelhecimento é um processo vivencial que conduz à terceira idade, à velhice avançada, e que é preciso preparar a velhice, assim como amparar os que estão idosos. Em suma, contribuir para que as pessoas idosas, especialmente as menos favorecidas, deixem de receber os efeitos de uma velhice desamparada e possam, ao ter preservada sua dignidade, sua subjetividade, sua força de ser, viver com mais dignidade, em favor de uma melhoria das relações intergeracionais na sociedade. Que a terceira idade e a velhice possam se conduzir de forma humanamente adequada, feliz, desde que recebam o tratamento adequado por parte da sociedade, das instituições de saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 468/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@puosp.br



Continuação do Parecer: 2.926.623

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

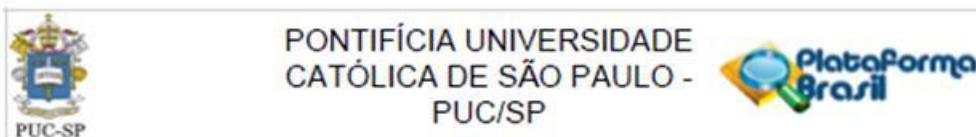
Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 486/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
E-mail: cometica@pucsp.br	



Continuação do Parecer: 2.926.623

- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

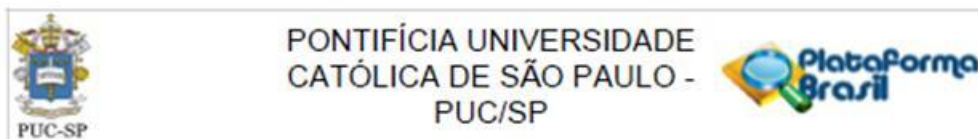
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1174522.pdf	27/08/2018 22:56:49		Aceito
Outros	RoteiroDeEntrevista_EJN.pdf	27/08/2018 22:50:06	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito
Outros	AnexoVI_ParecerDeMerito_EJN.pdf	27/08/2018 22:49:40	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito
Outros	AnexoV_Justificativa_ausencia_autorizacao_EJN.pdf	27/08/2018 22:48:54	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito
Outros	AnexoIII_oficioDeApresentacao_EJN.docx	27/08/2018 22:47:21	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoII_TCLE_EJN.docx	27/08/2018 22:45:59	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito
Folha de Rosto	AnexoI_folhaDeRosto_EJN.pdf	27/08/2018 22:43:20	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa_EJN.pdf	05/07/2018 01:26:03	ELIAS JOSE NOVELLINO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.926.623

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 28 de Setembro de 2018

Assinado por:
Antonio José Romera Valverde
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@puosp.br

ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 – ANTONIA DE LUCCA COSTA, 91 ANOS

ENTREVISTA 2 – POLONIA ROSSI BERTELLI, 86 ANOS

ENTREVISTA 3 – IRMA DE JESUS SILVEIRA, 67 ANOS

ENTREVISTA 4 – LUIZA MARIA VENDRAMETTO, 64 ANOS

ENTREVISTA 5 – MERCIA OLINDA GARCIA DINIZ, 74 ANOS

ENTREVISTA 6 – CARMEM DE OLIVEIRA, 82 ANOS

ENTREVISTA 7 – ELZA DE OLIVEIRA PIO, 69 ANOS

ENTREVISTA 8 – NILCE NADEU, 68 ANOS

ENTREVISTA 9 – MARIA NOEMIA VIEIRA SARAIVA, 86 ANOS

ENTREVISTA 10 – NEUSA BARONE SALATINI, 81 ANOS

ENTREVISTA 1 – ANTONIA DE LUCCA COSTA, 91 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhor/a viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

“Me senti feliz. Eu não precisava, muita gente precisava, reclamava que não tinha dinheiro para ir ao médico, nem marcar consulta porque não tinha possibilidade, nem dinheiro para comprar remédio. Naquela época tinha saúde para melhorar o bairro, me sentia bem. Coisa de família, tinha um marido, o Manoel, que só não era santo e me falava: ‘Ninha vamos ajudar os necessitados’.”

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Nunca considerei inválida, tô podendo fazer alguma coisa para alguém ficar feliz. Hoje o Posto é bom na medida do possível, pensava posso morrer, mais primeiro quero ver o Posto funcionar e vi. Muito bom, gostei muito, aquele tempo foi bom, é um prazer melhorar a vida de todo o mundo; eu fiz por amor; tenho orgulho de ter participado. A gente ia às reuniões nas secretarias, na subprefeitura, também ia lá no CCA, eu e o Manoel, para ajudar a tomar conta das crianças; a gente achava difícil dar certo tomar conta de todas aquelas crianças, mas deu certo. Eu ia atrás do Alckmin, no Dia da Vacinação contra o Sarampo, em Pinheiros, com outros moradores; paramos o Alckmin, e eu falei para ele “- Você vai nos ajudar?; temos o terreno, se você não assinar, vai ver”. Depois com o Posto no bairro, participei do Conselho Gestor para pedir remédios, funcionários, arrumar o prédio, a gente queria tudo direitinho.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Te conheci e você nos chamou e estava fazendo muito coisa boa. Fomos até as Clínicas pedir o Posto. Outra vez fomos pedir coisas para o Posto. Pedimos um bebedouro porque precisava ter um bebedouro no Posto. Um grandão comentou: Por que não bebe água da torneira, e eu falei: na sua casa é assim?”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Tem muita coisa pra melhorar. O que você vê de errado, fala com alguém, se junta prá buscar seus direitos, eu não deixo prá lá.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Participei do Caravelas, mais de dez anos, me sentia bem, aprendi muita coisa. Foi muito bom, tinha ginástica, bingo, excursão, teatro. Deixar foi triste, mas foi por causa das dores nos joelhos. Uma vez falei para o Fernando, o clínico geral: ‘você precisa conversar mais, às vezes o doente não precisa de médico, de mais remédio, só quer conversar uma palavra’. Ele passou a conversar mais e me disse que foi bom, valeu o que falei para ele. O Fernando falava prá mim: ‘Vem aqui, construtora, porque sabia que eu tinha ajudado a fazer o Posto’. O Maluf falou pra mim num comício na Praça Rio dos Campos: ‘Venha atrás do caminhão conversar. Fui eu e a Polônia e outras pessoas, pedimos, e ele deu o terreno público onde o Posto está agora. Quando o Alckmin perguntou onde querem construir, eu disse: ‘nós temos a escritura do terreno’.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“No começo tinha gente malcriada, fui reclamar na ouvidoria. A Shirley, diretora, me chamou e explicou que já tinha conversado com a funcionária que me tratou mal e então acalmei. A Shirley gostei muito, a Marisa é maravilhosa. Ela enfiava as pessoas no carro dela e levava para o Hospital. Uma vez fomos pular corda no Grupo Caravelas, caí, e ela me colocou no carro e levou para o Hospital. Eu e a Dora falávamos para os Idosos participar do Caravelas. Fomos para muitos lugares, Itu, festas juninas, jogava bingo, juntava dinheiro e ia viajar. Mesmo com quem briguei não tenho mágoa. A Tereza trabalhava com muito amor e não maltratava ninguém.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Eu posso falar porque até 80 anos trabalhei para o Posto. A gente sempre pode, precisa querer. Não acreditar nos velhos é falta de amor, a gente tem experiência. Acabou aquele tempo que a gente brigava para melhorar o bairro, precisa começar de novo.”

ENTREVISTA 2 – POLONIA ROSSI BERTELLI, 86 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

“Foi feliz, pedi o posto para o Alckmin desde a construção do Hospital São Camilo, nós lutava, fazia peça de teatro, cobrava para juntar dinheiro para a construção do São Camilo. Foi uma beleza, tinha orgulho, é o amor ao próximo.”

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Nossa! Foi muito bom. Uma vida tensa, esperta, prática de poder viver, cáí no meio das coisas e fui fazendo, queria trazer o posto para o bairro. Em 1982 falei com o Maluf, num comício na Praça Rio dos Campos que o Sidney Magal cantou. Ele perguntou - O que vocês querem, senhorinhas? Eu falei que queríamos a construção do Posto de Saúde no bairro e mostrei o contrato do terreno do lugar que a gente queria o Posto. Depois em 1989 falei com a Erundina, outra vez com o Adauto, subprefeito da Lapa; o Guedes da Secretaria de Saúde ligava pra gente onde o Alckmin ia na campanha de vacinação em Pinheiros, a gente ia lá para conversar com ele.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Me sentia muito importante; Sentia que batalhava pelos meus direitos. Eu era quem mais brigava com Alckmin. Não sentia o Governador melhor do que eu. Fomos várias vezes num grupo de moradores ao Palácio Bandeirantes para falar com o governador, a gente ia junto com o Celino [Celino Andrade, deputado estadual que, juntamente com o deputado federal do PSDB, Arnaldo Madeira, marcavam as audiências], pedir o Posto de Saúde. Em Pinheiros, numa campanha de vacinação: ‘ – Se o Senhor não fizer o nosso Posto, o Senhor não vai ganhar na Pompeia’. Vou avisar todo o mundo para não votar no Senhor. Uma vez ele prometeu que ia fazer em três meses, demorou um pouco mais, mas depois o Posto foi feito.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Agir como eu fazia, procurar melhorar a Vila Anglo.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Me senti muito bem, participar mudou minha vida, muito mais atividade, mexe com a memória, quanto mais faz, mais quer fazer. Gosto muito de encontrar com as pessoas e fazer exercícios.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Esses funcionários eram bons. A Marisa explicava tudo para a gente. Deram muita força para fazer o Caravelas que tem 50 pessoas. A Marisa e a bibliotecária começaram o grupo no Clovis Bevilacqua. Convidei e convido até hoje gente para o grupo.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Fazer o que estou fazendo é muito bom. Fiquei 30 anos num Conselho Gestor. Além disso é bom, porque os velhinhos se sentem jovens. Me pediram e voltei para o Conselho Gestor, mas não consigo fazer o que queria. Precisa ir até aquele Subprefeito da Lapa para pedir para arrumar as duas salas do Posto. Tem pedreiro, tem dinheiro, por que não vai? Não tem a força que nós tínhamos. Atualmente não respeitam os velhos porque falta educação na família. Não valorizam a experiência, o velho tem que ter confiança, acreditar.”

ENTREVISTA 3 – IRMA DE JESUS SILVEIRA, 67 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Foi muito legal a gente ia até o Palácio Bandeirantes pedir a construção do Posto de Saúde para o governador; também fizemos palestras sobre a dengue, no Mauro de Oliveira [nome da Escola Estadual].”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Fui convidada pela Dra. Marisa, indo a reuniões, participando de campanhas para pedir o Posto.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Eu acho que tem que conversar, persistir, não pode desistir para conseguir o que a gente precisa.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

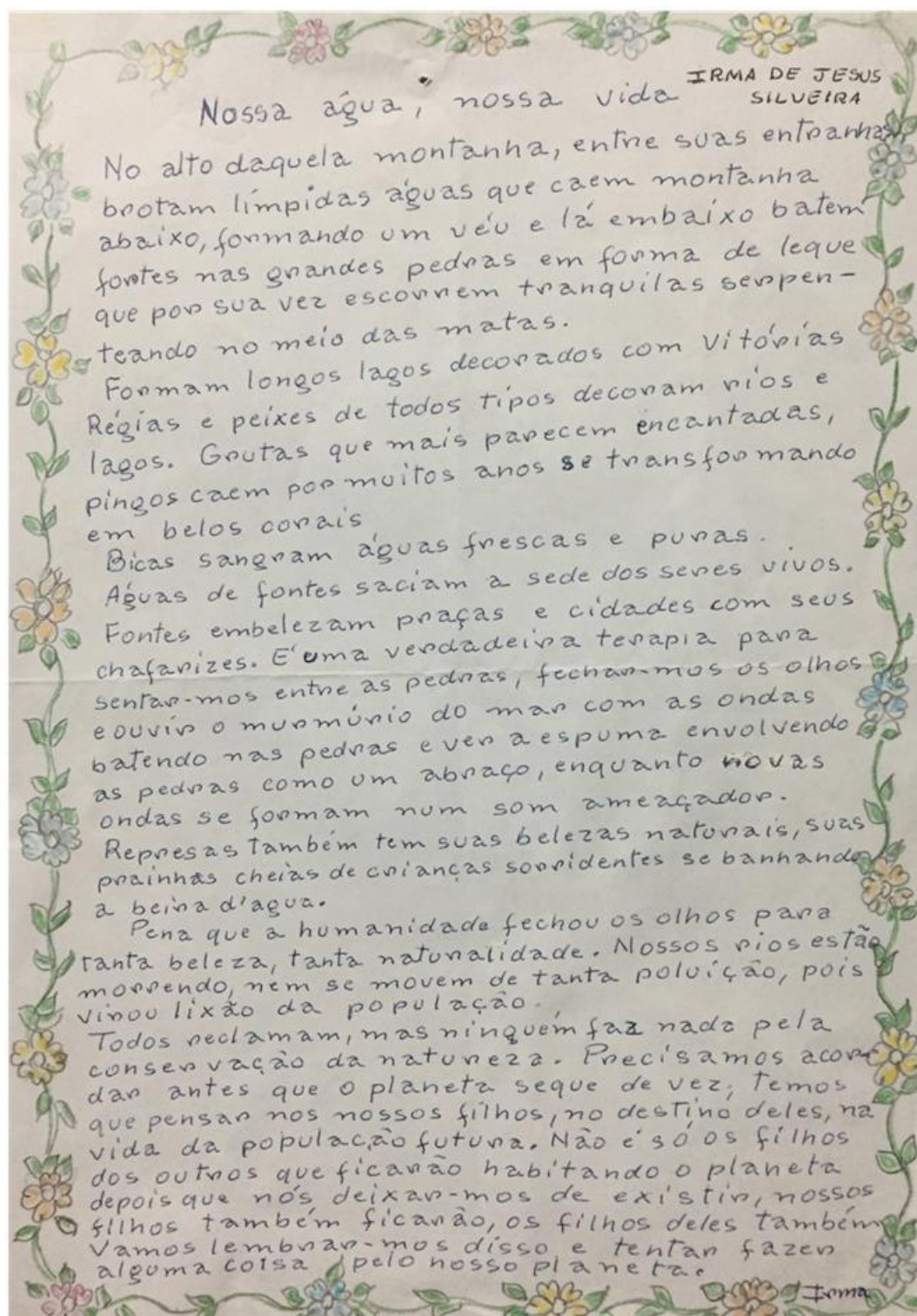
6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Os funcionários foram muito companheiros pra conseguir as melhorias para o Posto de Saúde. No grupo Caravelas, eles são o máximo.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Tem que chegar, conversar, explicar. O Idoso tem que ter um incentivo, eles ajudam muito.”

Figura 15 - Poesia "Nossa água, nossa vida", de Irma de Jesus Silveira



ENTREVISTA 4 – LUIZA MARIA VENDRAMETTO, 64 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“No começo eu participava ativamente das atividades da UBS, cinco dias por semana, e a PMSP me reconheceu como a primeira voluntária regularizada oficialmente da cidade de São Paulo. Eu chegava cedo na UBS para conversar com os usuários, agilizar o atendimento da população, explicar para as pessoas a importância de participar da vida da comunidade, do Conselho Gestor da UBS.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Eu comecei a participar da luta para melhorar as condições de saúde na Vila Anglo-Brasileira em 2003. Eu estava aposentada depois de trabalhar muitos anos como bancária e resolvi trabalhar pela comunidade, na UBS Jardim Vera Cruz, na Rua Saramenha, número 60.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Tem pessoas que não se interessam em melhorar o mundo. “- Vai para a Paulista, levanta cartazes e volta para casa e não faz nada. Minha semente vou deixar plantada para a humanidade. Tudo que vejo de errado, tento atuar na minha comunidade, em busca de solução visando sempre à melhoria das condições e qualidade de vida, e, sempre envolvendo os membros dessa comunidade na luta por melhorias. Acho que as pessoas precisam atuar para melhorar as condições de vida na sua comunidade. Quero viver bem e, não consigo ver alguma coisa errada e me omitir.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Sou Voluntária e orientadora de três grupos da UBS do Jardim Vera Cruz. Às segundas e quintas-feiras, na Terapia Comunitária e, às quartas-feiras, no grupo Começar de Novo. Fico feliz em participar ativamente da vida da UBS. Durante muito tempo fui vista por muitos funcionários como alguém que ia vigiar o trabalho dos funcionários e, com humildade e muito trabalho, fui aos poucos conquistando a confiança dos funcionários da UBS. Quando perceberam que minha presença na Unidade era para somar e não fiscalizar, os funcionários passaram a ver a Comunidade como aliada, visando à melhoria do atendimento a essa própria comunidade. A comunidade não é fiscal, visando à punição dos funcionários, mas sim aliada desses funcionários.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“A UBS Jardim Vera Cruz foi inaugurada em agosto de 2003 e, em dezembro deste ano, só tinha um clínico e era impossível que ele atendesse todos os pacientes que precisavam de uma consulta. Para agendar uma consulta, um morador precisava esperar dois meses, e as pessoas não tinham condições de esperar tanto, filas se formavam logo cedo no portão da UBS Jardim Vera Cruz, para marcar uma consulta. Para resolver essa situação, funcionários e comunidade se reuniram e decidiram criar Grupos de Acolhimento. Três funcionários e um morador chegavam cedo à UBS e conversavam com moradores que buscavam uma consulta com um clínico. Os Grupos de Acolhimento tinham médicos, enfermeiros, técnicos e moradores que lutavam para melhorar a saúde no bairro; quando os usuários chegavam eram recebidos pelos participantes do Grupo de Acolhimento e, numa sala, eram ouvidos pelos profissionais de saúde. O médico do grupo constata qual era o problema de saúde que o usuário tinha e encaminhava para o especialista que devia cuidar das pessoas; em muitos casos, eram casos para cardiologistas, ortopedistas, também existiam pessoas que precisavam de receitas para retirar medicamentos que tomavam regularmente; e o médico do Grupo de Acolhimento dava essa receita. Esses Grupos resolviam a maioria dos casos dos usuários que procuravam o clínico e puseram fim à longa espera de uma consulta que deixava pessoas com dores e sem tratamento para suas doenças. O morador do Grupo de Acolhimento funcionava como um facilitador do trabalho dos profissionais de saúde, encaminhava prontuários para o setor de marcação de consultas, conversava com pessoas que procuravam o clínico que muitas vezes conhecia do bairro. Esse trabalho-conjunto entre comunidade e profissionais da saúde mostrou que a participação popular na saúde é muito

importante, porque ajuda a resolver os problemas de saúde da região e dá muitas vezes credibilidade ao que é feito na UBS, porque os moradores conhecem e confiam nas pessoas que participam da luta para melhorar a saúde no bairro. Durante todo o período que os Grupos de Acolhimento funcionaram, foi possível perceber que oitenta por cento dos usuários que procuravam o clínico geral tinham problemas de saúde mental. Os Grupos de Acolhimento funcionaram de dezembro de 2003 a março de 2004. As pessoas que procuram o grupo de terapia comunitária chegam com depressão, síndrome do pânico, traumas de assalto, transtorno bipolar, luto, esquecimento, tristezas, angústias, aflições e começam a participar das reuniões de grupo em terapia comunitária. Muitas pessoas chegam transtornadas pelo sofrimento, contando seus problemas e ouvindo os problemas dos demais participantes, dentro das regras de uma terapia comunitária, já saem na maioria das vezes mais aliviadas em seu sofrimento, e nas reuniões seguintes já vão compartilhando com o grupo os seus saberes e vão se acalmando, falando de forma mais clara sobre o que as fazem sofrer, todo o atendimento e andamento do grupo é coordenado por um psicólogo, funcionário da UBS, que quando necessário faz no final da reunião o encaminhamento devido. As coordenadoras do grupo se comunicam com os médicos para cuidar em conjunto das pessoas. Essa troca de informações permite que, em alguns casos, as pessoas do grupo que estão tomando remédios tenham doses mantidas, diminuídas e ou até parem de consumir remédios. Os grupos de Terapia Comunitária têm, em sua maioria, mais jovens do que idosos. Há uns dez anos atrás eram mais idosos e raros os jovens. Existem pessoas do grupo que se curam ao participar das reuniões do grupo e que depois de alguns anos têm novos problemas e voltam a frequentar o grupo para se curar novamente. A média de participantes por reunião gira em torno de 12 participantes, tem reuniões com dezoito outras com cinco. Luiza lembra com muito carinho o tratamento que foi dada a uma participante do grupo que era muito pobre, muda e engravidou. Essa mulher vivia com a mãe que faleceu durante a gravidez e quando o filho nasceu ela não sabia amamentar o filho e não tinha dinheiro para comprar leite em pó. Eu e funcionários da UBS fomos até a casa onde ela morava e conseguiram explicar como devia ser a amamentação natural da criança. A mãe a partir daí conseguiu amamentar seu filho e evitou que ele tivesse problemas de saúde pela falta de leite, porque não teria dinheiro para cuidá-lo com leite em pó.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“O Grupo Começar de Novo é uma continuidade do antigo grupo Como Não Fazer Nada Juntos, criado em abril/2004. Tem uma média de doze participantes. A maioria são viúvas, idosas, mas tremendamente ativas. Uma com 80 anos e outra com 72 anos estão cursando a faculdade da Terceira Idade. É um grupo terapêutico formado por muitas formadoras de opinião. Tratamos de assuntos diversos de uma forma mais técnica e aprofundada conforme os assuntos que vêm à tona, sempre visando à melhoria da qualidade de vida e à prevenção de acidentes e promoção à saúde.”

ENTREVISTA 5 – MERCIA OLINDA GARCIA DINIZ, 72 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Sou voluntária do Posto de Saúde há seis anos, trabalho nas campanhas de vacinação, participo do Grupo Caravelas, do Grupo Mexa-se e do grupo Como não fazer nada juntos, nós fazemos roupinhas para mulheres carentes que vão ter filhos. Fico feliz.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Eu comecei a participar há 6 anos quando meu marido morreu, para combater a solidão e participar do Grupo Caravelas evitou que eu entrasse em depressão. Fiquei muito triste com a morte do meu marido, mas conviver com os velhos aqui, ter conhecimento dos problemas de todos, percebi que minha vida ia seguir.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Tem que se unir, ir atrás para melhorar o Posto de Saúde, o bairro.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Eu fui professora no Magistério até casar, depois tive dois filhos e parei de trabalhar e vivi para minha família até meu marido morrer. Quero saber de tudo, ouço rádio, vejo tv, leio jornal, olho a internet, tenho um grupo de amigos pelo whatsapp, marcamos passeios, reuniões, estou aprendendo a fazer compras pela internet com meu neto. Estou estudando na Faculdade da Terceira Idade da Campos Salles, converso com meu filho, quero viver, viajar pela Europa.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“É muito boa, a união dos moradores com os funcionários nos grupos e nas campanhas de vacinação.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Vejo pessoas que pensam que a o mundo vai acabar na velhice. Eu tenho ânimo para tudo, tenho muito vida, conheço pessoas com mais de 80 anos que têm vida.”

ENTREVISTA 6 – CARMEM DE OLIVEIRA, 83 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Não participei do movimento desde o começo.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Eu vim para os grupos do Posto de Saúde porque umas amigas me convidaram.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Eu acho que tem que participar para ajudar.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Levanta bastante o astral, a gente participa da conversa, faz tricô, crochê. Está aborrecida conta para a outra, junta todo o mundo e ajuda, nem vê a hora passar. Idoso muito quieto é pior, tem que conversar, pensar tô velho não vai adiantar, precisa de atividades.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Os funcionários do Posto são muito amigos da gente.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Os velhos têm muito a coisa a fazer, tem que correr. Faço tudo lavo, passo, comida, cuido de um neto de 21 anos e da neta de 17 anos, faço crochê. Toda a manhã vou rezar na Igreja da Pompeia. Cuido da ala das baianas da Mancha Alviverde, são oitenta baianas e três diretoras. Todo o sábado, das três às quatro da tarde, estou lá, cuidando da ala das baianas. Já desfilei na Camisa Verde e Branco, na Águia de Ouro, e estou há 20 anos cuidando da ala das baianas da Mancha Alviverde. Desfile é maravilhoso, é uma hora para armar a Escola na Concentração, depois uma hora de desfile. Começa a bateria, nem lembra que tem perna, dor. É uma emoção, emoção que tem, toma cuidado com o coração. Já disse para o meu filho, quando eu morrer, quero ser velada lá na quadra da Escola de Samba.”

ENTREVISTA 7 – ELZA DE OLIVEIRA PIO, 69 ANOS

1) A Senhora acredita que sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Participo desde 2010. É prazeroso, contribuir para a melhoria da saúde, a convivência entre as pessoas e para melhorar o espaço do Centro de Convivência. Me dá felicidade participar dos grupos, saem uns, entram outros e os grupos continuam sempre com gente legal de conviver. Participo do grupo Mexa-se, que chega a reunir 30 pessoas, a maioria velhos, as terças-feiras de manhã, que faz exercícios com música, alongamento, dança. Sou voluntária e ajudo a psicóloga Carmen, que é a coordenadora do grupo. As pessoas fazem exercícios com música e alongamento dentro de suas possibilidades e isso ajuda a saúde delas. Temos também conversas, cada um conta o que passou, uma pessoa conta: perdi meu marido, a outra conta seus problemas, todos vão se conhecendo, vendo que todos têm problemas e acabam superando seus problemas para viver mais feliz. As pessoas chegam com baixa autoestima e depois vão melhorando. Fazemos também exercícios para a memória, pedindo para as pessoas guardarem nomes de frutas, de objetos, por exemplo: uma pessoa fala uma fruta, outra fala outra fruta e a terceira precisa lembrar os nomes das frutas que foram faladas. Me dá prazer ter objetivos, ajudar a comunidade. Também puxamos a memória das pessoas, pedindo que elas se lembrem por exemplo da música de Natal de que mais gostam. No grupo Mexa-se tem pessoas com esquizofrenia, problemas de desenvolvimento. Tem a Celina que traz a filha Carolina que tem problemas de desenvolvimento. A Carolina fica sempre muito quieta e não gosta de sair de casa, mas aqui ela pede para vir. A Celina disse que, em outros ambientes, as pessoas excluem a Carolina, dão risada ao vê-la, e que aqui ela se sente incluída e que tudo isso é humilhante. A Dona Lucia teve AVC e caminhava com dificuldade quando chegou ao Grupo, não tinha amigades agora chega às vezes correndo sem a bengala, para conversar com as amigas. Eu gosto daqui, as pessoas chegam timidas e se socializam. Cresci muito, não estava acostumada com essa convivência, trabalhava em banco, com mercado financeiro com gente tipo investidor, aqui é tudo diferente.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Comecei a participar porque a minha irmã veio primeiro para os grupos e me convidou. Eu vim ver como era, gostei e não parei mais de participar. Em 2010, a Luiza Maria Vendrametto me convidou para participar do Conselho Gestor para conseguir melhorias na UBS. Fui eleita, saí do Conselho no fim do mandato e fui reeleita; atualmente participo do Conselho Gestor da UBS Jardim Vera Cruz, do Conselho Gestor da Supervisão Lapa, do Conselho Gestor da AMA Sorocabana, vamos a audiências para ver se arrumam de vez o AMA Sorocabana, mas Prefeitura e Governo do Estado não decidem tomar providências para atender melhor a população. Tá faltando médico, remédio, é preciso torcar esse médico já fui reclamar na Secretaria Municipal de Saúde, na Rua Renato Paes de Barros, na Supervisão da Região Oeste da Saúde para resolver esses problemas.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“As pessoas estão muito individualistas; é difícil captar alguém para lutar pelo bem comum. A gente tenta renovar o Conselho Gestor, mas ninguém aceita participar. O cidadão tem que se envolver, cooperar para melhorar a vida na comunidade. Tenho medo de perder o espaço aqui, se instalarem um Organização Social aqui, e acabarem com todo esse trabalho que fazemos de promoção de Saúde, precisamos lutar para impedir que isso aconteça.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Melhorou a saúde com exercício físico, aumentaram as amizades, o convívio faz bem. Eu tô crescendo com ser humano, feliz, não espero reconhecimento, faço o que acho certo. Eu venho participar do Grupo de Tai Chi Chuan que trabalha a concentração e o equilíbrio e que reúne de dez a quinze velhos. Os movimentos do Tai Chi são lentos, exigem coordenação, atenção, é relaxante, as pessoas acalmam, as pessoas chegam com ansiedade e depressão e melhoram. Com o Tai Chi me sinto mais concentrada, mais aberta, com disposição, trabalho muito a respiração, quando estou nervosa, ajuda a me concentrar, e usar a cabeça para agir e não agir errado pelo impulso.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“A convivência entre funcionários e comunidade é muito saudável. Os funcionários se envolvem com a comunidade trabalham com muito amor no que fazem e ajudam a melhorar a UBS. Desde a diretoria da UBS, vemos o compromisso que funcionários têm com a saúde e seu trabalho.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“As pessoas idosas são muito ativas, sintonizadas, discutem política, eleição, votação sem ser obrigadas, gostam de participar de tudo. É superada a ideia que os velhos não podem mais fazer nada, eles estão integrados buscam qualidade de vida. Elas têm capacidade de melhorar suas vidas e melhorar o bairro.”

ENTREVISTA 8 – NILCE NADEU, 68 ANOS

1) A Senhora acredita que sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Eu meto a boca, não fico quieta. Não aguento, ponho defeito, dou ideias construtivas. Me sinto bem, ajudando o próximo. Temos cinco ou seis oncológicos sem acompanhamento, já sugeri que se fizesse um convênio com o A.C. Camargo para encontrar leitos para essas pessoas. Já reclamei na Supervisão Lapa Pinheiros sobre as consultas agendadas. Uma pessoa liga e fala: você tem uma consulta agendada em Interlagos. A pessoa não va , não tem dinheiro para ir até lá, precisa ser, na região, a consulta. Fico irritada e falo mesmo. Este ano conseguimos verba com parlamentares para arrumar duas salas da UBS, mas até agora nada, estamos indo atrás para não perder o dinheiro e as salas continuarem interditadas por falta de reformas.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Me aposentei, comecei a viajar, passear, cansa. Sou dinâmica fui à UBS falar com a gerente, a gerente me falou que precisava de gente para trabalhar como eu, e entrei para o Conselho Gestor. Participo do Conselho Gestor da UBS, do Conselho Gestor da Supervisão Lapa Pinheiros. Trabalhei 35 anos na Educação, dez como professora e vinte e cinco como diretora de Escola.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Você tem que falar, procurar pessoas certas e não procurar grupos de vantagem financeira. Falta esclarecimento para o povo, a mídia não ajuda a divulgar. Tem campanha de vacinação, a mídia divulga pouco e é pequena a procura por vacinas no Posto. Já do Enem, a mídia fala a toda a hora é a procura é muito grande. A Mídia precisa ajudar mais para melhorar as coisas. As crianças precisam aprender na escola a respeitar os velhos, educação é básica, na terceira série do fundamental o aluno não lê, se o ensino fundamental for bom o aluno vai que nem rojão.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“Me senti feliz, alegre. Fizemos passeios de ônibus com os velhos do Grupo Caravelas, eu e a Ilda organizamos, fomos para Campos do Jordão, Monte Sião, Serra Negra. Cada um dava um pouquinho por mês para pagar a viagem e nós pedíamos para a empresa de ônibus quatro passagens de cortesia que nós dávamos para quem não podia pagar.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Nós temos especialistas muito capacitados, profissionais muito competentes, trabalhando nos grupos de saúde. Mas o pessoal da recepção é muito mal-educado, numa reunião sobre o Hospital Sorocabana eu falei para o Secretário Municipal de Saúde que era urgentíssimo dar um curso de reciclagem para quem trabalha na recepção da UBS e Hospital. Uma vez na UBS uma paciente se atrasou e a dentista que agora se aposentou disse que não iria atendê-la, eu perguntei à dentista o que ela iria fazer; a dentista disse que iria preencher documentos e aí eu falei: - você tem que atender a paciente, porque ainda está no seu horário e ela atendeu. No AMA Sorocabana foi igual, o médico estava lá e não atendia o usuário. Eu fui lá cobrar e ele atendeu. Tudo isso me deixa muito nervosa e até parei de ser voluntária lá no Sorocabana.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

A velhice não existe, é cabeça. Você tem cabeça boa tem que viver. Minha irmã que morava comigo morreu, fiquei um ano ruim, mas depois retomei a todas as minhas atividades. Quando você quer, faz, só quem problemas de saúde é que para suas atividades. Participei do Grupo Caravelas que trabalha a memória, tem bingos, passeios, para muitas pessoas o Grupo Caravelas é o único passeio da semana, elas ficam muito contentes quando chega o dia de ir para o Caravelas. Participei também do grupo Mexa-se e todo mês tinha a festa do aniversariante. Uma vez uma mulher de mais de 70 anos chorou, quando contamos o Parabéns, porque nunca ninguém tinha cantado Parabéns para ela na vida. A vida dos velhos é muito difícil. As calçadas são todas quebradas, desniveladas. Sou obrigada a andar na rua. Muitas velhas de noventa anos que moram na rua que moro não saem de casa com medo de cair por causa das calçadas. Elas moram sozinhas e às vezes recebem visitas de parentes, mas não saem de casa, não vão ao teatro. A prefeitura precisa oferecer ônibus para o Idoso passear. Não existem acompanhantes para os velhos saírem de casa, precisa

aumentar o número de pessoas do PAI. Os meios de transportes são horrorosos, é necessário reciclar os motoristas; os degraus dos ônibus são muito altos e dificultam que o velho suba e desça dos ônibus. Um senhor aqui do bairro teve uma queda dentro do ônibus e o motorista o tirou do ônibus e o deixou na calçada em vez de socorrê-lo. Ele foi ajudado por outras pessoas que estavam no ponto de ônibus. As empresas precisam abrir vagas de trabalho para os idosos, pois eles têm muito a oferecer, experiência... Na comunidade, além das UBS e Igrejas, é necessário que a prefeitura organizar espaços para os idosos com boas atividades. O Sesc foi o primeiro a se preocupar e ter um projeto para os idosos. Os prefeitos e vereadores precisam ter encontros com os velhos nas subprefeituras para saber das suas necessidades. Têm que conversar todos os dias com o idoso, manter o idoso informado do que acontece na família. Possibilitar que o idoso leia livros e jogue jogos que ajudem a memória. A companhia física e a conversa são os melhores cuidados com o idoso, essa é a melhor opção a oferecer para que o idoso tenha uma boa qualidade de vida e boa saúde mental. Demonstrar preocupação e interesse são ações que estimulam bons resultados e estimulam os idosos a cuidarem de si e buscar uma vida plena. É preciso dar um salário digno para os velhos, porque se aposentam e o que ganham não dá prá comprar os remédios. A solidão é o maior mal da velhice. A Família, a Sociedade e o Estado têm o dever de amparar o idoso, garantindo-lhe o direito à vida.

ENTREVISTA 9 – MARIA NOEMIA VIEIRA SARAIVA, 86 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Foi muito bom.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Fui até a UBS conversar com a diretora e comecei a participar.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Tem que cobrar os governantes. Eles têm obrigação de fazer a gente pagar imposto para quê?”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“É muito bom, passei momentos difíceis. Já participava do grupo Mexa-se, quando meu marido morreu. Todo mundo perde o marido, mas o meu morreu novo aos 60 anos. Meu marido ficava em casa, porque estava com hérnia de disco e eu trabalhava com venda de roupas para amigos e conhecidos. Conheço muita gente que trabalha para ajudar a família. Um dia saí de casa, fui trabalhar e, quando voltei, encontrei meu marido morto com infarto. As pessoas do grupo, as médicas iam me visitar em casa. Eu necessitava de muito amor, apoio, quando o amor é sincero, quem ama vê o outro sofrer e não tem barreiras e todos me ajudaram muito. Há dois anos aconteceu de novo, meu filho mais novo que faltava um mês para completar 60 anos morreu. Eu estava muito cansada e um irmão meu me convidou para ir na casa dele, meu filho apoiou e eu fui. No sábado meu filho mais velho foi chamar meu filho mais novo para comer e ele encontrou o irmão morto na cozinha, também com infarto. Criei os quatro filhos dele, hoje só um mora comigo. Com a amizade das pessoas daqui, que é uma família passei por esse momentos difíceis.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“A Dra. Maria Amélia do Grupo Caravelas é uma mãe para mim, a Dra. Marisa, Dra. Leila, Dra. Helena são muito boas, gosto muito dos funcionários.”

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Quem não respeita as pessoas velhas não vale nada, os avós sempre presentse na vida da família. Eles têm obrigação de cuidar com amor e respeito dos velhos.”

ENTREVISTA 10 – NEUSA BARONE SALATINI, 81 ANOS

1) A Senhora acredita que a sua participação nas lutas populares da Vila Anglo-Brasileira contribuiu para a Senhora viver a terceira idade e a velhice com mais dignidade, de forma humanamente adequada e feliz? (X) sim () não

2) O que foi para a Senhora participar do movimento do bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Participar foi muito legal. Em 2001 meu marido havia falecido, vivia o luto, muito fechada, fui para a UBS e comecei a participar do grupo de Ginástica da Dra. Helena, a gente fazia ginástica no pátio da UBS.”

3) Como foi que a Senhora resolveu participar do movimento para melhorar o bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Em 2004, fui eleita para o Conselho Gestor e comecei a participar das reuniões para melhorar a UBS. Atualmente faço parte do grupo “Como não fazer nada juntas”. Fazemos roupinhas, casaquinhos para as gestantes que são atendidas na UBS. Uma vez por mês sorteamos as roupinhas para as gestantes, essa é uma forma de fazer com que elas façam o pré-natal corretamente.”

4) Para a Senhora, como deve agir um cidadão para melhorar a vida da comunidade?

“Eu acho que as pessoas têm que participar para melhorar a vida da comunidade.”

5) O que sua vida melhorou quando a Senhora passou a participar dos grupos da Unidade Básica de Saúde?

“É uma satisfação. Eu ficava muito sozinha, comecei a ter encontros com as pessoas, brincar, fazer amizades. Sou voluntária para registrar os nomes dos usuários na vacinação da gripe dos idosos e, nesses dias, encontro pessoas que não via há muito tempo é muito alegre e feliz. Estou estudando na Faculdade da Maturidade na Campos Salles, temos grupos de whatsapp, fazemos passeios, viagens e nos próximos dias vamos para Campos de Jordão. O que não fiz quando tinha filhos pequenos, marido, estou fazendo agora, dirijo meu carro para ir a Faculdade, fazer compras e para todoo lugar que eu quiser ir. Os Grupos de velhos da UBS Jardim Vera Cruz não têm homens, é estranho, mas acho que eles se sentem envergonhados em participar de reuniões com muitas mulheres.”

6) Como a Senhora viu a parceria entre moradores e funcionários da área da saúde para melhorar o atendimento da UBS no bairro Vila Anglo-Brasileira?

“Tem funcionários da UBS muito bons, os que cuidam dos grupos são muito envolvidos com o trabalho e a comunidade. Agora estamos fazendo alguns pequenos corações de pano para entregar para os usuários da UBS no fim do ano com um cartão dentro escrito “A UBS somos nós”.

7) O que a Senhora tem para dizer sobre o potencial que as pessoas velhas têm para alterar suas vidas e a realidade em que vivem?

“Tem gente que acha que as pessoas têm que ficar em casa quando faz 60, 70 anos; as pessoas precisamos entender que o velho não é inútil, tem experiência para ensinar e dizer faça isso, faça aquilo. Converso com as pessoas na UBS que desabafam, minha filha, acho que não posso fazer mais nada. Aqui no bairro, os velhos fazem muita coisa para melhorar a UBS e ajudar a comunidade.”